



Editora ABRIL
edição 2685 - ano 53 - nº 19
6 de maio de 2020

veja

3.com

AVIR

EXCLUSIVO

“NÃO SOU MENTIROSO”

Em entrevista a VEJA, o ex-ministro Sergio Moro afirma que apresentará ao STF provas de suas acusações contra o presidente Jair Bolsonaro, revela que o governo nunca priorizou o combate à corrupção e que vem sendo vítima de intimidação

Conectamos consumidores aos produtos.

E o pequeno e médio e-commerce ao crescimento.

AVIR

A Total Express é a empresa privada de soluções logísticas mais completa do país. Há mais de 25 anos ajudamos o e-commerce brasileiro a expandir suas fronteiras, oferecendo alcance, inovação e infraestrutura diferenciada, com mais de 100 hubs de distribuição espalhados por vários estados. Por isso, podemos conectar negócios de todos os tamanhos com seus clientes e com o crescimento. Total Express é o nosso nome e a nossa identidade, e trabalhamos para manter a vida em movimento e conectar o Brasil.



AVIR



Aproxime a
câmera do seu
celular e faça
sua cotação.

www.totalexpress.com.br

TOTAL
express

- 6 VEJA.com
- 8 Carta ao Leitor
- 13 Entrevista Abílio Diniz
- 18 Leitor
- 20 Imagem da Semana
- 22 Conversa Melissa Tobias
- 23 Datas
- 24 Sensacionalista
- 25 Sobe/Desce
- 25 A Lista
- 26 Radar
- 28 Veja Essa

BRASIL

- 30 **Poder** Sergio Moro fala a VEJA com exclusividade
- 38 **Política** Bolsonaro se apoia nos militares e busca o Centrão para tentar refundar seu governo
- 43 **Coluna** Alon Feuerwerker
- 44 **Estados** Por verbas, ideologia e receio de ataques, Ratinho Jr. (PR), Zema (MG) e Ibaneis (DF) seguem aliados ao presidente
- 47 **Coluna** Murillo de Aragão
- 48 **Justiça** A briga por uma vaga no STF
- 50 **Amazônia** Madeireiros, grileiros e garimpeiros aproveitam o isolamento para avançar sobre a floresta
- 52 **Especial** O novo coronavírus chega à favela



NATI HARNIK/AP



CRISTIANO MARIZ

- 30 **Poder** O ex-ministro Sergio Moro: ele diz que apresentará as provas contra o presidente Bolsonaro quando for instado pela Justiça a fazê-lo

ECONOMIA

- 56 **Ministério** Paulo Guedes, o último dos moicanos
- 59 **Coluna** Mailson da Nóbrega
- 60 **Europa** A crise financeira se alastra e aumenta o risco de implosão da Zona do Euro
- 62 **Página Aberta** Sérgio Rial

INTERNACIONAL

- 64 **Retomada** Países começam a afrouxar a quarentena
- 66 **Coreia do Norte** Como a ditadura esconde seu chefe

GERAL

- 68 **Gente**
- 70 **Perfil** O médico brasileiro na linha de frente contra o vírus
- 74 **Estrutura** A importância dos hospitais de campanha
- 76 **Saúde** Musculação pode ser melhor que atividades aeróbicas
- 77 **Coluna** Lucília Diniz

- 70 **Perfil** André Kalil, o brasileiro no centro das pesquisas: corrida contra a Covid-19

- 78 **Consumo** O rápido renascimento do mercado de luxo na China
- 80 **Comportamento** A volta das conversas pelo telefone
- 82 **Cotidiano** As cédulas e moedas sumiram na pandemia
- 84 **Primeira Pessoa** Isis de Oliveira
- 86 **Ideias** Identidade cultural explica diferenças entre o que é e o que não é essencial em cada país durante o confinamento
- 87 **Coluna** Claudio de Moura Castro

CULTURA

- 88 **Livros** *A Grande Gripe*, de John M. Barry, um fascinante e incômodo mergulho na gripe espanhola de 1918-1919
- 92 **Televisão** *Hollywood*, a série de Ryan Murphy para a Netflix
- 94 Ricky Gervais, o humorista politicamente incorreto
- 95 **Coluna** Raphael Montes
- 96 **VEJA Recomenda**
- 97 **Os livros mais vendidos**
- 98 **Coluna** Dora Kramer

INFORMAÇÕES CONFIÁVEIS SÃO VITAIS PARA TEMPOS DE INCERTEZA

ACESSE **VEJA.COM**



Novo design

Melhor experiência
de navegação no
computador e no celular

Matérias especiais, furos
de reportagem e outros
conteúdos exclusivos
para assinantes

A opinião de alguns
dos melhores
colunistas do Brasil:

Dora Kramer
Ricardo Noblat
Augusto Nunes
Robson Bonin
entre outros



Utilize seu **LOGIN DE ASSINANTE** para
ter acesso ilimitado a conteúdos exclusivos.

veja

GERMÃO LÜDERS



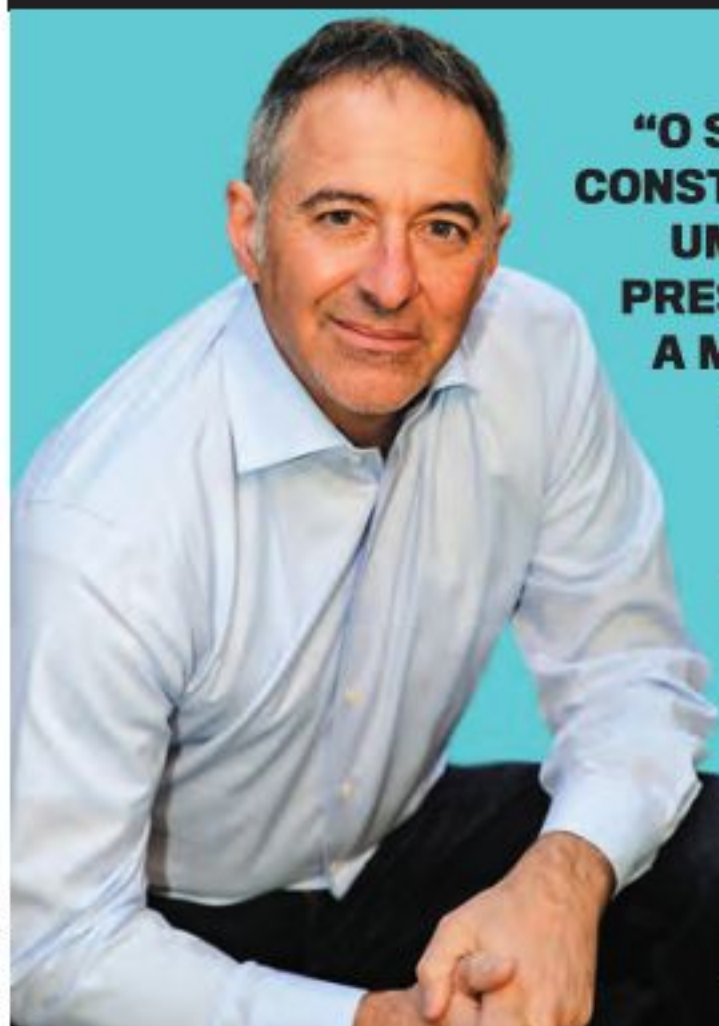
A BOLHA ESTOUROU?

Um movimento que já havia sido iniciado em 2019, com o escrutínio das contas do gigante de escritórios compartilhados WeWork, ganhou força nos últimos meses devido à crise econômica causada pela pandemia de Covid-19. Uma reportagem do site de VEJA (abr.ai/unicornios-bolha) mostra que as startups — como algumas dos setores de aluguel

AVIR

de patinetes, imóveis e hotelaria —, que revolucionaram os negócios e até os investimentos, agora estão na berlinda e com dificuldade para sobreviver à brutal queda do consumo. Os enormes aportes secaram e muitos dos unicórnios, as novas companhias com valor superior a 1 bilhão de dólares, estão deixando de ser vistos com o antigo encanto.

ENTREVISTA - MATT RICHTEL



“O SISTEMA IMUNOLÓGICO NÃO É CONSTRUÍDO PARA SALVAR A VIDA DE UM INDIVÍDUO, MAS SIM PARA PRESERVAR A LINHAGEM GENÉTICA. A MORTE É UMA PARTE ESSENCIAL DO PROCESSO QUE LEVA UMA ESPÉCIE À EVOLUÇÃO.”

Ao site de VEJA, o americano Matt Richtel, autor do livro *Imune – A Extraordinária História de Como o Organismo Se Defende das Doenças*, esclarece mitos sobre o sistema de defesa do corpo. Leia a íntegra: abr.ai/matt-richtel

DIVULGAÇÃO

NOVO COLUNISTA Além de um podcast disponibilizado semanalmente no site de VEJA, o jornalista Thomas Traumann passou a assinar uma coluna com análises e opiniões. A pandemia do novo coronavírus e seus efeitos na política e na economia brasileira e as movimentações na base de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro foram alguns dos temas abordados recentemente. Confira os artigos: abr.ai/thomas-traumann



IVAN DIAS



EM AÇÃO Os jornalistas de VEJA em busca da notícia: Laryssa Borges e Policarpo Junior em Brasília, com o ex-ministro Sergio Moro; Sofia Cerqueira, Cássio Bruno e o repórter fotográfico Ricardo Borges na favela da Rocinha

MALES DESNECESSÁRIOS

O BRASIL oferece aos olhos do mundo uma particularidade constrangedora, para dizer o mínimo, em tempo de permanente luta contra a pandemia de Covid-19: divide-se entre o dramático crescimento do número de pessoas contaminadas e mortas pelo novo coronavírus e uma crise política contagiosa, que ganhou força com a saída do ministro da Justiça, Sergio Moro. De Brasília, a mensagem que alcança os lares das pessoas confinadas, uma parte delas sem trabalho nem perspectiva, beira o inaceitável ao sugerir que a guerra dentro do governo, a ponto de opor os “lavajatistas” a Jair Bolsonaro, seja mais relevante que o combate ao Sars-CoV-2. É ainda mais assustador saber que uma das pontas dessa polarização — a do troca-troca ministerial — poderia ser evitada, dando prioridade ao que é fundamental de fato. E, caso esse caminho tivesse sido tomado, ancorado na sensatez, haveria mais zelo com o que realmente importa agora: a saúde da população, o único atalho para a retomada econômica. Uma imagem parece resumir o ponto a que chegamos: no discurso em resposta a Moro, diante das câmeras de televisão, Bolsonaro pôs ao seu lado toda a equipe ministerial, incluindo o novo titular da pasta da Saúde, Nelson Teich. Tal prestigiado encontro nunca foi feito, por exemplo, com o gabinete completo, para falar das iniciativas do governo contra a pandemia que assola o país.

Soa mais extemporânea ainda a movimentação errática no Planalto ao não perceber, nas estatísticas e na administração da crise, que a tragédia da Covid-19 começa a invadir as regiões mais pobres do Brasil, onde a vulnerabilidade à disseminação da doença é maior. E poucos lu-

gares são mais afeitos à percepção da tragédia que a favela da Rocinha, um símbolo nacional da concentração de pessoas menos favorecidas. A editora Sofia Cerqueira, o repórter Cássio Bruno e o fotógrafo Ricardo Borges, de VEJA, fizeram uma profunda incursão aos becos e vielas daquele aglomerado humano na Zona Sul do Rio de Janeiro. Viram moradores circulando como se nada houvesse, trabalhadores em busca de sustento. “Conversamos inclusive com gente com resultado positivo para Covid-19 que não deixou de sair às ruas”, conta Sofia. É com esse Brasil que as autoridades de Brasília deveriam se preocupar neste momento. Evidentemente, não é o que está acontecendo, com a saída de alguns importantes ministros do governo durante a pandemia e a abertura dos processos que podem atingir duramente o presidente e sua família. Por essa razão, trazemos também nesta edição uma entrevista exclusiva com o ex-ministro Sergio Moro. Ele recebeu em sua residência de Brasília o redator-chefe Policarpo Junior e a repórter Laryssa Borges. Num tom acima do habitual, o ex-juiz se defendeu dos ataques e críticas que vem sofrendo desde seu pedido de demissão e disse ter provas das acusações feitas ao presidente Bolsonaro, mas que as mostrará apenas nos autos do processo que corre no STF. A realidade da Rocinha diante do coronavírus e a reportagem com o ex-ministro Moro são duas histórias reveladoras do Brasil de hoje. Mas, de certa forma, os dois problemas poderiam ter sido evitados, ao menos em intensidade, caso o equilíbrio, a convergência e a razão fossem as principais âncoras da atual administração. ■



CLAUDIA, sempre com você.
No trabalho, em família,
nos relacionamentos.
E, mais ainda,
em tempo de isolamento.



CLAUDIA
Contamos grandes histórias

Assine a versão digital
por apenas R\$ **6,90**/mês.
Cancele quando quiser.

Acesse: abr.ai/assineclaudia
ou aponte a câmera do seu celular para o código ao lado



Bios e Fé

"O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me deu vida." Jó 33:4



INTRODUÇÃO

O texto acima refere-se às grandes aflições vividas por Jó, entre elas: perda de seus bens, enfermidades e morte de seus filhos. No entanto, verifica-se, na Palavra de Deus, que Jó tinha um amigo especial o qual lhe disse: *"Eis que vim de Deus, como tu; do barro também eu fui formado."* Jó 33:6 [3]. Esse amigo dizia respeito a Deus como o Criador da vida e do homem, isto é, Ele poderia mudar todas as coisas. Adiante, o Senhor devolveu tudo em dobro para Jó.

Esse grande amigo aponta profeticamente para o Senhor Jesus, que desceu da eternidade para se fazer o pó da terra. Assim, ao se constituir em um corpo biológico, foi levado à cruz do Calvário para que, ao homem, fosse restituída a vida eterna.

Em uma abordagem sobre alguns mistérios de Deus, observa-se que a ciência investiga princípios que tentam explicar a origem da vida na **Obra Criadora**.

Contudo, destacaremos a formação da vida biológica e do homem na perspectiva da **Fé**, cuja origem é a **Obra Redentora**.

A VIDA: ORIGEM

Os cientistas procuram elucidar a origem da vida por meio de algumas teorias, entre elas a evolução química. Esta teoria foi explorada pelo bioquímico russo Aleksandr I. Oparin (1894-1980) e o inglês John Burdon S. Haldane (1892-1964), de forma independente. Essa teoria propõe que a matéria inanimada gerou vida há bilhões de anos, espontaneamente, ao

acaso, em um período que a ciência intitula como Pré-Cambriano, no qual a atmosfera terrestre seria bem diferente do que é hoje. Naquele tempo, o planeta teria alcançado temperaturas muito elevadas e seria constantemente atingido por meteoros. Entretanto, na medida em que o resfriamento ocorreu, a formação de chuvas, descargas elétricas, oceanos e diferentes gases teria originado moléculas orgânicas, os aminoácidos. Essas atividades, repetidas ao longo de muitos anos, fariam com que os mares primitivos se tornassem verdadeiras "sopas nutritivas", ricas em matéria orgânica. Após diversos processos, as primeiras formas de vida teriam surgido na Terra [5].

Essa concepção é aceita por alguns como ciência. Assim, ao ler e compreender a Palavra de Deus, percebe-se que é possível conciliar o entendimento da ciência com a **Fé**, isto é, observa-se que a *Bíblia* diz em Gênesis 1:11: *"Produza a terra erva verde..."* [3]. A "terra" é matéria não viva, já a "erva verde" é matéria viva, ou seja, do inanimado foi gerado a vida, porém o mecanismo que proporcionou tal acontecimento (não explicado pela ciência) é descrito na *Bíblia*: *"E disse Deus"*. Portanto, foi por meio do poder da Sua Palavra que o Senhor chamou a vida biológica à existência. *"E disse Deus: produzam as águas abundantemente répteis..."* Gênesis 1:20 [3]. As "águas" (matérias não vivas), "répteis" (matérias vivas), *"E disse Deus"* (a Palavra). Pela onipotência de Sua Palavra, o Senhor criou todas as coisas, inclusive o homem.

"Pela Fé entendemos que os mundos pela Palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente." Hebreus 11:3 [3].

BIOGÊNESE

Conforme descrito anteriormente, Deus criou os seres vivos utilizando o inanimado apenas para que viessem à existência. A partir daí, estabeleceu "que somente seres vivos gerariam outros seres vivos, isto é, Ele determinou a **biogênese**.

Até meados do século 17, acreditava-se que organismos como rãs, roedores, crocodilos, larvas de insetos, entre outros, poderiam surgir por meio da geração espontânea, em outras palavras, alguns seres vivos poderiam ter origem a partir de lodo dos charcos ou da carne em putrefação, por exemplo. Entretanto, em 1668, o cientista italiano Francesco Redi apresentou um experimento que refutou a ideia da geração espontânea.

Com a descoberta dos microrganismos pelo holandês Antonie van Leeuwenhoek, no ano de 1683, a teoria da geração espontânea voltou a ser utilizada, dessa vez para explicar a origem dos seres microscópicos. No entanto, em 1860, o cientista francês Louis Pasteur comprovou definitivamente, por meio de um experimento envolvendo fervura de caldos nutritivos, que **somente a vida pode gerar vida, a biogênese** [1].

Figura 1: Ação do Verbo na **Obra Criadora** e na **Obra Redentora**

A Palavra de Deus registra o momento em que o Senhor a instituiu: *"E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: 'Frutificai e multiplicai-vos...'"* Gênesis 1:28 [3]. Somente a Palavra pode gerar vida. Jesus é o **Verbo** de Deus que proporciona vida eterna ao homem.

VIDA: OBRA CRIADORA E OBRA REDENTORA

Na criação, Deus formou o homem como o único dos seres vivos que possui duas naturezas: uma material (biológica) – *"pó da terra"*, oriunda da **Obra Criadora**, e outra espiritual – *"fôlego da vida"* oriunda da **Obra Redentora**.

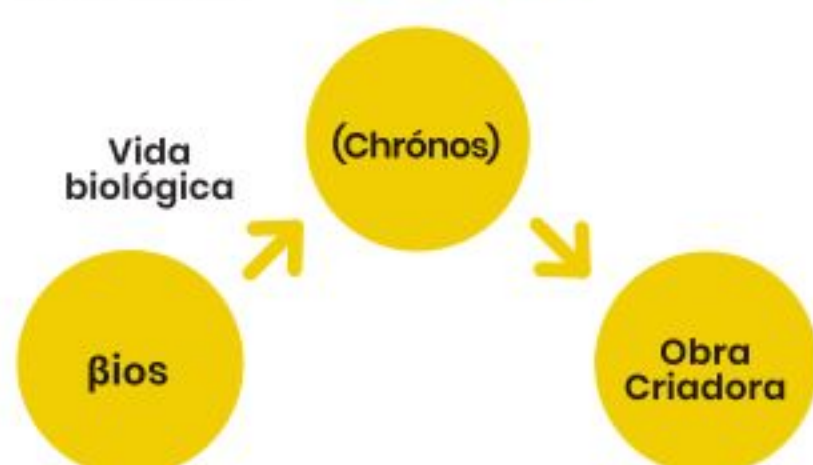
"E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida..." Gênesis 2:7 [3]. O homem, na razão, inclina-se somente para uma de suas origens, o pó da terra (vida biológica), que pertence à **Obra Criadora**. No entanto, a alma do homem, cuja origem é a **Obra Redentora**, tem sede do Deus vivo (uma experiência com o **Verbo**, ao rejeitar sua natureza humana para entrar no plano profético de Deus), como ilustra a figura 1.

No que se refere à vida humana, a *Bíblia* demonstra claramente as duas naturezas.

A) VIDA BIOLÓGICA: BIOS (OBRA CRIADORA)

A palavra utilizada para significar "vida" no original grego é βίος – "Bios" que, ao ser mencionada no Novo Testamento, designa aspectos de temporalidade,

("Chrónos"), isto é, um tempo que pode ser contado, portanto, "Bios" = vida biológica, **Obra Criadora**, como mostra a figura 2 [2]. A ciência em seu processo de investigação científica desconsidera a Palavra de Deus (**Fé**) e, por meio do estudo da "Bios", busca respostas sobre a origem da vida e do homem. Contudo, dessa maneira, jamais será conhecida porquanto é impossível encontrar Deus pela razão.

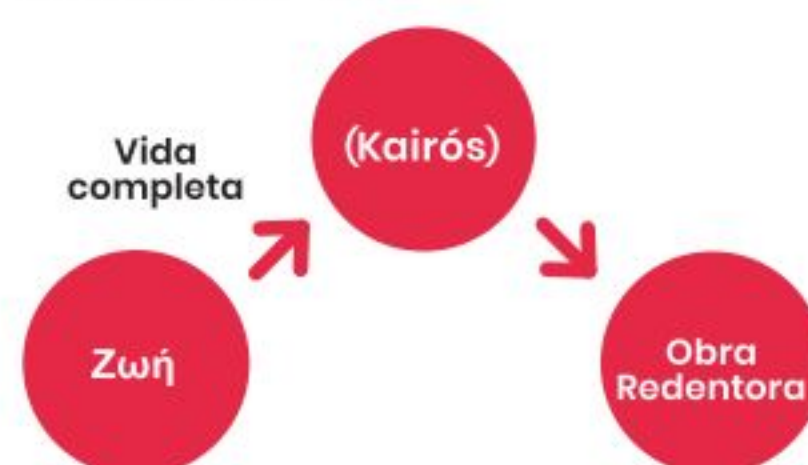
Figura 2: Elementos da **Obra Criadora**

B) VIDA ESPIRITUAL: ZOE (OBRA REDENTORA)

A palavra vida também é descrita no original como Ζωή – "Zoe", a qual pode ser utilizada na *Bíblia* para significar vida espiritual, vida eterna e também designar vida temporal. "Zoe" é vida completa, isto é, não abrange apenas elementos biológicos, mas atributos ligados diretamente à **Obra Redentora**, o tempo "Kairós" não é contado, conforme representa a figura 3. Paulo conhecia apenas a vida "Bios", todavia, com Jesus, passou a ter uma nova vida, a vida "Zoe". Essa é a vida que depois viveu na prática.

"... não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida (Ζωή) que agora vivo no corpo, vivo-a pela Fé..." Gálatas 2:20 [2]

Somente por meio da Fé é possível encontrar a resposta sobre a verdadeira origem da vida e entender que Deus criou todas as coisas. Ele não fez o homem apenas para esta vida "Bios", mas para a vida eterna "Zoe".

Figura 3: Elementos da **Obra Redentora**

O VERBO

Deus resgata o homem da morte eterna com o poder da Sua Palavra (o Verbo). O **Verbo** é a Palavra que gera vida e, neste ato, se revela para estabelecer a **Obra Redentora**, um projeto que envolve a Trindade (o Pai, o Filho e o Espírito Santo) [4].

O desejo de Deus sempre foi que o ser humano vivesse próximo a Ele. Vivemos um momento de um tempo que está registrado no livro do Apocalipse com o nome do Breve. O dia do arrebatamento da Igreja fiel, ou melhor, a retirada da Igreja nesse tempo do

Breve se aproxima. Ela aguarda o momento de sua partida. Aqueles que serão arrebatados terão os corpos transformados, isto é, nada da **Obra Criadora** (matéria) entrará na **Obra Redentora** (eternidade de Deus).

Ao transcender da "Bios" para a "Zoe", não haverá mais um corpo biológico, corruptível, mortal (o qual se enferma, sente dores e sofre com a ação do envelhecimento), e sim um corpo glorificado, incorruptível, imortal como a imagem daquele que é imortal e do céu, o Senhor Deus. *"O primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do céu"* I Coríntios 15:47 [3].

CONCLUSÃO

A Palavra inspirada gera a vida eterna. *...Eu vim para que tenham vida (Zwñ), e a tenham com abundância* João 10:10 [3]. A Palavra que deu origem à **Obra Criadora** é a mesma que deu origem à **Obra Redentora**. Existe, portanto, uma vida biológica como parte da **Obra Criadora** cujo tempo ("Chrónos") está contado para esta vida ("Bios"). Mas, uma outra vida ("Zoe") é movida pela **Fé** como parte da **Obra Redentora** ("Kairós"). Essa é a Palavra da **Fé** da qual pregamos a respeito. *"Mas que diz? A Palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a Palavra da Fé, que pregamos"* Romanos 10:8 [3].

"Maranata, o Senhor Jesus Vem!"

REFERÊNCIAS

[1] Amabis, J. M.; Martho, G. R. *Biologia 1*, 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2010, p. 27-28. [2] *BÍBLIA de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego. Texto bíblico Almeida. Revista e corrigida.* [3] *Bíblia Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.* [4] Gueiros, G. V. T. *Fé: sua manifestação histórica e profética. Vila Velha, Ed. do autor, 2018.* [5] Lazcano, A. *The Origins of Life. Natural History*, p. 36- 41, Feb. 2006.

SOBRE O AUTOR

Willer do Carmo Campos Júnior, diácono e membro do grupo Ciência e Fé da Igreja Cristã Maranata, é graduado em ciências biológicas pela UEMG-DV, especialista em saúde pública pela UEMG-DV. E-mail: professorwillerbio@gmail.com Currículo Lattes: <http://Lattes.cnpq.br/4284739388233707>



SAIBA MAIS

AVIR

Esse assunto será reportado no sábado, às 7h, e no domingo, às 14h, no programa *Anunciando o Evangelho Eterno*, transmitido pela RedeTV!. A Igreja Cristã Maranata está à disposição para esclarecimentos ou até mesmo comentários acerca deste artigo pelo e-mail: anunciandooevangelho@presbiterio.org.br.



REDETV!

O assunto é aprofundado aos sábados, às 7h, e aos domingos, às 14h, e está disponível nos canais digitais oficiais da Igreja Cristã Maranata.

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO DA ICM

NO YOUTUBE:

([igrejacristamaranataoficial](https://www.youtube.com/igrejacristamaranataoficial))

Todos os dias, às 20h: transmissão de culto inédito em português e espanhol voltada para Brasil e América Latina como um todo. Quintas, às 16h: conteúdos para crianças e adolescentes.

NA RÁDIO MAANAIM:

24 horas no ar, trazendo informações, palavras de conforto e louvores para membros da Igreja e toda a sociedade.

Endereços:

 radiomaanaim.com.br

 [/radiomaanaim](https://www.facebook.com/radiomaanaim)

 [@radiomaanaim](https://www.instagram.com/radiomaanaim)



CANAIS MARANATA

 igrejacristamaranata.org.br

 [/igrejacristamaranata](https://www.facebook.com/igrejacristamaranata)

 [@igrejacristamaranata_oficial](https://www.instagram.com/igrejacristamaranata_oficial)

 [Igreja Cristã Maranata](https://www.youtube.com/igreja-crista-maranata)

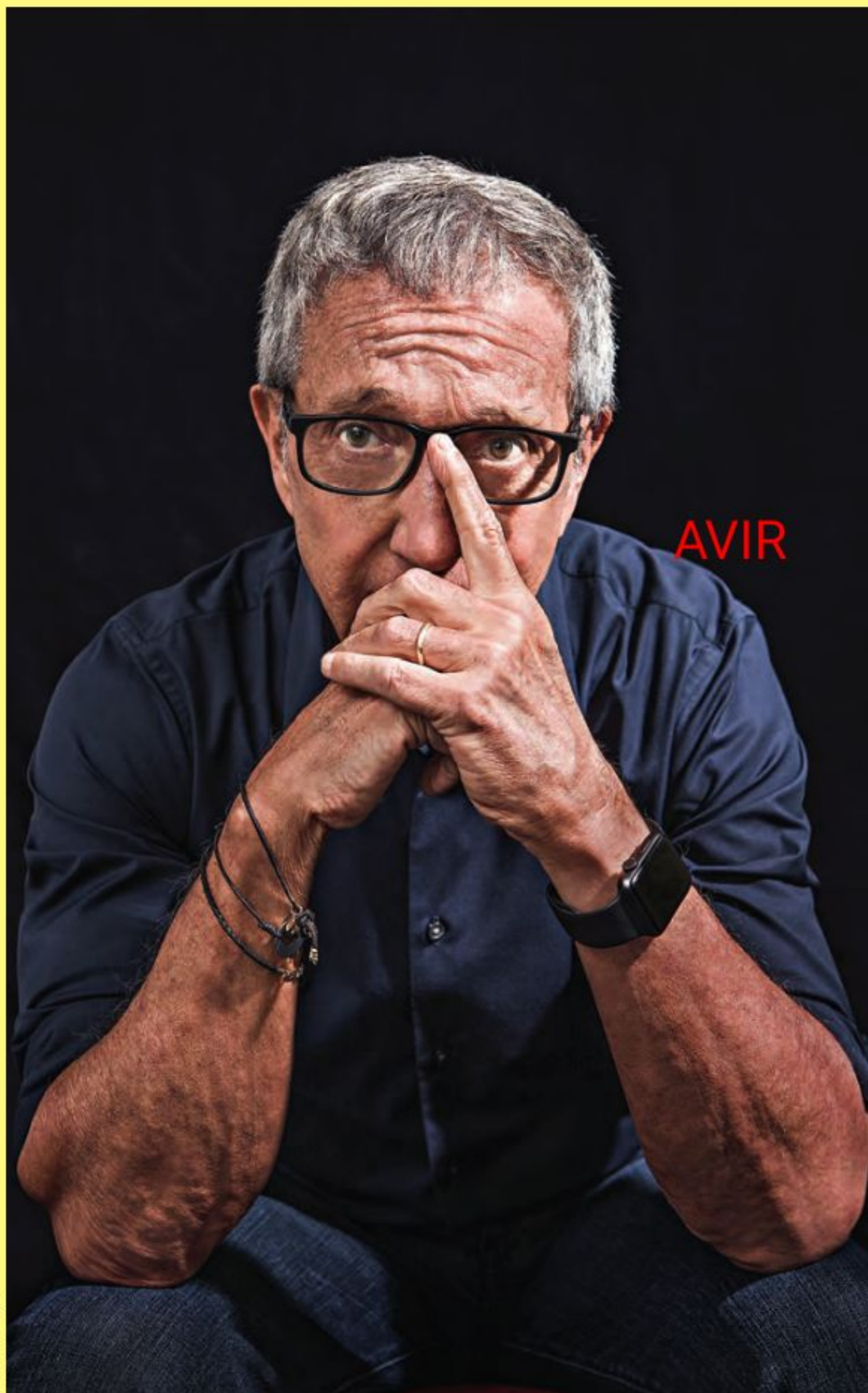
 TV Web Maanaim

 Aplicativo Igreja Cristã Maranata (sistemas Android e iOS)

TODA CRISE TEM FIM

Com a experiência de quem já viveu outras situações difíceis, o empresário esbanja otimismo, acreditando numa rápida retomada da economia, e elogia o ministro Paulo Guedes

MACHADO DA COSTA



AVIR

EMPRESÁRIO que é empresário não tem político, partido nem ideologia de estimação. Seu foco é garantir o crescimento e a geração de valor de suas empresas independentemente de quem ocupe o poder em Brasília. Abilio Diniz, sócio majoritário do grupo Carrefour no Brasil e do gigante do ramo de alimentos BRF, talvez seja um dos mais assíduos frequentadores dos gabinetes presidenciais dos últimos trinta anos. Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff e Michel Temer o tinham em alta conta. Participou de inúmeros “Conselhões” e sempre deu sua contribuição para o enfrentamento de crises. Com o atual presidente, Jair Bolsonaro, não tem tal proximidade, mas aprova a diretriz do governo federal para garantir o nível de empregos e as empresas abertas. “O mais importante agora é pensar em como sair da crise, como manter uma agenda de crescimento”, afirma. Aos 83 anos, ele se diz pronto para encarar as adversidades que virão na esteira da pandemia e que esse será o momento de crescer. “Estamos preparados e ansiosos”, diz. “No Pão de Açúcar, em 2008, decidimos fazer caixa e guardar dinheiro. Quando o ano virou, utilizamos esses recursos para dobrar de tamanho.” Diniz atendeu VEJA em sua casa, por teleconferência.

Como o senhor vê a magnitude desta crise? Estou com 83 anos e vivi muita coisa. Assisti ao golpe de 1964, ao choque do petróleo no fim dos anos 1970, aos problemas de pagamento da dívida externa nos anos 1980 e à crise

financeira de 2008, mais recentemente. E garanto: nunca vivi nada parecido com esta crise, que nasceu de um problema de saúde e contaminou a economia. Mas há uma questão que não difere de nenhuma das outras: toda crise tem início, meio e fim. E há algumas palavras de ordem para enfrentar uma crise: serenidade, solidariedade, esperança e mudança. Períodos assim são propensos a mudanças, e tenho uma grande expectativa de que, na retomada, vamos começar a criar um mundo novo, com um olhar mais preocupado com a desigualdade e a inclusão social.

Acha que demora até chegarmos ao fim disso tudo? Não sou médico, então não sei se este é o auge, o fim ou se haverá ainda uma segunda onda. Mas tenho a sensação de que não vai demorar muito. Os países mais afetados já estão sinalizando com a flexibilização do confinamento, como os Estados Unidos, a Itália e até mesmo a França. Então, vejo um horizonte mais curto de crise e que haverá a normalização no segundo semestre.

Enquanto isso, as medidas anunciadas de proteção de emprego e renda no país estão no caminho correto? Não tenho dúvida disso. Em toda a minha vida, eu sempre defendi a inclusão e o crescimento por meio da distribuição de renda. Quando olhamos para o resto do mundo, vemos que todos os países estão no mesmo contexto e todos — cada um com sua condição — estão fazendo o máximo para preservar o social. Isso me agrada muito. O ministro da Economia, Paulo Guedes, anunciou que o total de auxílio poderá chegar a 700 bilhões de reais. E essa questão de entregar 600 reais às famílias soa como música para mim. Esses recursos vão para pessoas que praticamente não existiam para o governo. São aqueles informais invisíveis, que ficam nos se-

“Acredito que o presidente quer o melhor para todos. Posso falar sobre o que eu entendo: economia. E, nessa área, o trabalho que vem sendo feito é realmente belo”

máforos vendendo coisas. Eu nunca vi em nenhum governo uma ajuda tão importante quanto a que este está dando a essas pessoas. E o mais importante: a medida deve impactar 40 milhões de brasileiros, quase um quinto de toda a população.

Tem medo de que as contas do país se agravem a ponto de a dívida alcançar um nível impagável? Isso não me preocupa nem um pouco. Mas é claro que dependerá do que fizermos pelo crescimento após o período de confinamento. A crise de 2008 e 2009 não tem nem comparação com esta, principalmente no Brasil. Quando olhamos para 2010, o que aconteceu? O país cresceu 7,5%, uma barbaridade. De lá para cá, houve um certo descontrole das contas, um acúmulo de déficits que chegou a um ponto extraordinário ainda no governo da ex-presidente Dilma Rousseff. Neste momento, acho que não dá para ficar olhando para isso — é fundamental acudir os mais de 200 milhões de brasileiros e escorar a retomada da ativi-

dade econômica. Pode ser que haja um pouco de inflação no futuro, mas temos um Banco Central sério, pequenos sinais de alta de preços, e poderemos controlar. Se o governo vai gastar 700 bilhões de reais neste ano, isso significa algo em torno de 10% do PIB. O que vai acontecer a longo prazo? Nada. Uma coisa que costumo dizer: precisamos separar os medos reais dos imaginários. O mais importante é pensar em como sair da crise e manter uma agenda de crescimento. Se isso não acontecer, complica.

Acredita que a atual crise política pode atrapalhar essa retomada? A saída de Sergio Moro do Ministério da Justiça criou muita tensão e um ruído grande na economia. A bolsa mergulhou por causa disso. Parecia que seria o começo de uma crise política mais grave, que traria ainda mais incertezas. Com o presidente reafirmando o comando de Paulo Guedes na área econômica, o mercado se acalmou com a sinalização de que a economia seguirá na linha defendida por ele. Ruídos sempre existirão e são naturais numa democracia como a brasileira, ainda mais num momento tão duro e confuso.

A condução do presidente é adequada? Acredito que o presidente quer o melhor para todos. Posso falar sobre o que eu entendo: economia. E, nessa área, o trabalho que vem sendo feito é realmente belo — e vejo Bolsonaro apoiando isso. Nesta crise, o liberal Paulo Guedes virou “Guedes, o keynesiano”. Isso aconteceu porque é preciso. Mas não apaga o excelente trabalho anterior envolvendo as reformas. O país já não crescia mesmo antes da crise do coronavírus. Olhe para os estados: qual deles não tem uma dívida imensa? É uma difícil questão política resolver isso.

Qual ponto deve ser atacado na economia para que o país possa retomar

o crescimento mais rapidamente?

Eu vivi todo o processo de nascimento da Constituição de 1988. E já naquela época víamos que algumas amarras atrapalhavam o desenvolvimento do país. Então, é preciso desatar esses nós da Constituição. Quando Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff ou Michel Temer estavam na Presidência, eu sempre dizia a eles que o problema está nos nós da Constituição. Por isso as reformas que Guedes planejou são tão importantes.

O senhor advoga em nome da inclusão social e do combate à desigualdade. Como tem colaborado na construção dessa rede de amparo?

Nós sempre praticamos filantropia, mas não falávamos muito sobre isso. Nosso forte sempre foram esporte e educação. Agora, acredito que seja importante expor o que estamos fazendo, porque quero estimular outros empresários e outras famílias a ajudar nesta crise. Decidimos, eu e minha família, criar um fundo de 50 milhões de reais para apoiar o combate à pandemia e a retomada da economia.

Como esses recursos estão sendo destinados? Minha mulher e minha filha estão trabalhando com cestas básicas e a outra parte do dinheiro irá para o fundo Estímulo 2020. Queremos criar linhas de crédito para pequenas empresas, para empresários que precisem de 30 000, 50 000 ou 80 000 reais. Eles não têm acesso a capital de giro, e isso será muito relevante para manter esses pequenos empreendimentos. Formamos um comitê para selecionar os melhores investimentos. É uma coisa bem importante, e gostaríamos de que outros atuassem da mesma forma. Estamos fazendo o que podemos, mas precisamos de dinheiro para sustentar essas operações de crédito, o chamado *funding*.

Como vê o movimento dos empresários de não demitir funcionários durante a crise?

Acho que todos aqueles que têm possibilidade de não demitir estão se desdobrando para manter os contratos de trabalho. Nas empresas em que temos participação, o Carrefour e a BRF, não estamos mexendo em salários, reduzindo jornadas nem antecipando férias. Nas duas companhias, temos um total de 185 000 colaboradores, e todos que podem estão em home office. Acho que os empresários que têm uma condição mais sólida devem olhar com carinho para as pessoas. Material humano é o ativo mais importante dentro de qualquer companhia.

Isso pode ter de ser revisto no futuro caso a crise se agrave? Eu não sei se precisarei demitir. Por enquanto, não. Na verdade, no Carrefour, onde temos 85 000 pessoas, contratamos mais 5 000 para que substituam aquelas que terão de se abster de trabalhar, seja por estarem doentes, seja pelo risco de adoecerem. Já no caso da BRF,

“Os empresários que têm uma condição mais sólida devem olhar com carinho para as pessoas. Material humano é o ativo mais importante dentro de qualquer companhia”

onde mais de 50% do faturamento vem da exportação, estamos aumentando a produção, então é possível que o mesmo aconteça. Essa é uma boa notícia para nós, pois a China, nosso principal cliente, está mantendo as compras. Claro, isso tudo pode mudar mais à frente, mas eu não acredito que a crise vá perdurar tanto assim.

Como o senhor vislumbra a retomada no país?

Estamos preparados e ansiosos pelo fim da crise. Quando eu estava no Grupo Pão de Açúcar, em 2008 vivenciei todo o crash da bolsa que se seguiu à quebra do banco Lehman Brothers, nos Estados Unidos. Tínhamos um dinheirinho na época. Decidimos na hora fazer caixa e mais caixa. Suspendemos investimentos e outras ações para guardar dinheiro. Você tem de saber o momento de voltar a investir. Quando o ano virou e a crise se dissipou, utilizamos esses recursos para dobrar de tamanho.

Como lidou com a queda da bolsa e a perda de valor de mercado das companhias no início da crise?

Não é que eu seja sábio, sou apenas velho. Naqueles dias, fui ao oculista e ele me perguntou o que eu achava das aplicações que ele tinha feito, do mercado, essas coisas. Eu disse: calma, não mexa. Se seus investimentos eram bons, o capital vai voltar. Se eram ruins antes, continuarão agora. Eu entendo que foi desesperador para muitos, pois havia mais de 1 milhão de novatos na bolsa que viram suas economias se desvalorizar, em alguns casos, mais de 50%. Apesar da volatilidade, é evidente que, em algum momento, as ações vão voltar para o patamar anterior. Mas também faço uma recomendação: bolsa é para profissionais. Se quiser investir em renda variável, faça isso por meio de fundos de investimentos. Bolsa não é opção de curto prazo, menos ainda para amadores. ■

Entrevistas **históricas,**
reveladoras,
polêmicas,
imperdíveis.

Só com quem tem algo
importante a dizer.

AVIR



“
veja
PÁGINAS
AMARELAS
”

Confira o que eles pensam
e dizem sobre assuntos
atuais e relevantes.



Assista, toda terça, uma nova
entrevista exclusiva em VEJA.com

Para assistir, aponte
a câmera do seu celular
para o código ao lado:



REMDESIVIR

Velhos medicamentos, novos tratamentos. É esse o caminho da ciência ("A maior aposta", 29 de abril).

Maria Helena Mourão
São Paulo, SP (via Instagram)

Parabéns aos cientistas e pesquisadores. A busca por um tratamento contra a Covid-19 é o melhor dos motivos para que nenhum governo do mundo faça cortes na área de ciência e tecnologia.

Leonardo Prado
São Paulo, SP (via Instagram)

Mesmo que a cloroquina funcione contra o novo coronavírus, ela pode não ser a solução ideal, dados os efeitos colaterais da droga, que podem ser fatais. As pesquisas mostram que o remdesivir não tem efeitos adversos incontornáveis, o que pode acabar fazendo toda a diferença.

Gabriel Keynes
São Paulo, SP (via Instagram)

Existem alguns bons estudos em torno do remdesivir. Saiu um que não é muito bom. É assim que funciona. Mas esse medicamento é, de fato, a grande esperança.

Eduardo Sotto Mayor
São Paulo, SP (via Instagram)

LUÍS ROBERTO BARROSO

Será mesmo que o germe do golpe já não existe no Brasil? É o presidente participando de manifestações de apoio ao golpe militar, são os técnicos responsáveis pelo impeachment de Dilma abandonando o barco, há poucas pessoas do bem, do ponto de vista político, do lado dele... É preocupante ("Não vai ter golpe", entrevista das Páginas Amarelas).

Matheus Costa de Oliveira
Curitiba, PR (via Instagram)

O momento é totalmente inoportuno para a desunião dos poderes, en-

**ASSUNTOS MAIS COMENTADOS**

A busca por remédios e vacinas contra o vírus

Páginas Amarelas
(Luís Roberto Barroso)

AVIR Bolsonaro

A primeira-ministra da Nova Zelândia

Primeira Pessoa (Marcelo Magno)

quanto a população brasileira luta contra a Covid-19.

Eduardo da Silva
Rio de Janeiro, RJ (via Instagram)

O ministro Barroso tem toda a minha admiração.

Jair Mendes
São Paulo, SP (via Instagram)

BOLSONARO

Pelas declarações constantes do presidente, a vida parece não valer nada. A preocupação permanente é apenas com o rombo nas contas públicas, que pode chegar a 1 bilhão de reais, a caminho de nos tornarmos uma Venezuela. Se houvesse competência do governo e algum otimismo, poderíamos

nos espelhar na Alemanha e no Japão, países que saíram das cinzas das guerras para se tornar grandes potências ("A pandemia eleitoral", 29 de abril).

Mauro Asperti
São Paulo, SP

A reportagem faz mau uso da palavra fiel ("Fiéis ao mito", 29 de abril). O adjetivo correto aqui seria fanático.

Vanderlei Andrade Lima
São Paulo, SP (via Facebook)

ERNESTO ARAÚJO

Pobre Itamaraty, de gloriosa tradição internacional. Que estrago terrível na imagem do Brasil perante o mundo (Veja Essa, frase do chanceler Ernesto Araújo sobre o "comunavírus" vindo da China, 29 de abril).

Carla Andrioli
Rio de Janeiro, RJ (via Twitter)

NOVA ZELÂNDIA

É preciso um país equilibrado economicamente e com nível educacional elevado, como a Nova Zelândia, para que desponte uma chefe de Estado coerente e firme como Jacinda Ardern ("Razão e sensibilidade", 29 de abril).

Mario Franco Jr.
São Paulo, SP (via Twitter)

TESTES

Não se trata de dizer que realizar mais testes reduz a mortalidade para a Covid-19 — mas testar maciçamente é o melhor, e talvez o único, caminho para a obtenção de medida estatística mais correta ("O teste de fogo", 22 de abril).

Guilherme Caldas Barreto
São Paulo, SP (via Instagram)

LUCILIA DINIZ

Parabéns à nova colunista de VEJA, Lucilia Diniz. Em seu artigo "O mundo fechou" (22 de abril) ela nos diz que "o ter cederá cada vez mais espaço ao querer e ao fazer". Incluo um pensamento: que a solidariedade que



SAUDAÇÃO Churchill, Truman e Stalin em Potsdam (Alemanha), no acordo das grandes potências no fim da II Guerra: um gesto de harmonia com os dias contados?

**“Acredito que outros cumprimentos
vão substituir o aperto de mão, e só os
muito íntimos é que o utilizarão. Será uma
forma especial de cumprimento.”
AVIR
 (“Não toca aqui!”, 29 de abril)**

Alessandro Dryden, Florianópolis, SC (via Twitter)

pode nascer da pandemia uma as pessoas a ponto de já não existirem diferenças entre dar e receber amor.

Jose Pedro Naisser
Curitiba, PR

PRIMEIRA PESSOA

Ao ler o depoimento do jornalista Marcelo Magno (“Graças a Deus, renasci”, 29 de abril), que teve Covid-19, fiquei sensibilizada com cada pala-

vra. Essa doença é muito grave, e muita gente parece não levá-la a sério. Precisamos nos proteger o máximo possível, com máscara, álcool em gel, evitando sair de casa. Sou enfermeira, embora não esteja na linha de frente, mas procuro sempre conscientizar as pessoas: o novo coronavírus é um inimigo invisível.

Maura Lidianne Rodrigues
Teresina, PI (via Instagram)

PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA

As mensagens para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço e o telefone do autor. Enviar para: **Diretor de Redação**, Avenida Otaviano Alves de Lima, 4400, 6º andar, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP. E-mail: veja@abril.com.br.

Por motivos de espaço ou clareza, as mensagens poderão ser publicadas resumidamente. Só poderão ser publicados na edição imediatamente seguinte os textos que chegarem à redação até a terça-feira de cada semana.



COMPRE JÁ!
20% DE DESCONTO

EM TODA PROGRAMAÇÃO 2020
DE JUNHO A DEZEMBRO

Em até 10X sem juros para compras
realizadas até 07 de maio.

*Regras se aplicam, saiba mais em nosso site.

JUNHO É O MÊS DOS NAMORADOS!
O CASTELO SAINT ANDREWS PREPAROU
UMA PROGRAMAÇÃO MUITO ESPECIAL

**HOSPEDE-SE POR 7 NOITES E PAGUE SOMENTE 5.
VOCÊ SERÁ NOSSO CONVIDADO POR 2 NOITES!**

INCLUÍMOS:

- ☒ Traslado aeroporto/hotel/aeroporto em carro Privativo
- ☒ Welcome drink ☒ Café da manhã (menu degustação)
- ☒ Tour Gramado e Canela (BusTour) ☒ Terapia Relaxante
- ☒ Chá da Tarde ☒ Visita a vinícola + degustação de vinhos
- ☒ Jantar da Experiência de final de semana especial
- ☒ Jantar elaborado por nosso Chef ou delícias gastronômicas como fondues, cremes, pizzas ou churrasco gaúcho.

A partir de **5X de R\$ 1.520,00 s/juros** - Para 2 pessoas
Total: R\$ 7.600,00 - Suítes Gold ou Silver. Sujeito à disponibilidade.

WEEKEND EXPERIENCE

DE SEXTA A DOMINGO - 3 DIAS / 2 NOITES

A partir de **5X de R\$ 608,00 s/juros** - Para 2 pessoas
Total: R\$ 3.040,00 - Suítes Gold ou Silver. Sujeito à disponibilidade.
Não válido em feriados prolongados.

Receba uma Relaxante Terapia Gratuita para o casal!

Acesse nosso site e conheça todos os Festivais do
Mês dos Namorados no Castelo!

CONHEÇA OUTRAS OPÇÕES DE EXPERIÊNCIAS:

- Brunello di Montalcino Experience (01 a 03 de maio - Feriado)
- Especial Dia das Mães no Castelo (08 a 10 de maio)
- Festival de Fondue (15 a 17 de maio)
- Especial The Macallan e Cohiba (22 a 24 de maio)
- Festival Ibérico Pata Negra (29 a 31 de maio)



RESERVAS E INFORMAÇÕES
www.saintandrews.com.br
(54) 3295-7700 • (54) 99957-4220

TODO MUNDO BEM JUNTINHO

MILITANTE da linha do populismo autoritário, o presidente de **El Salvador**, Nayib Bukele, pôs em prática nas prisões do país o exato oposto do que prega o combate ao novo coronavírus: **amontooou os detentos nos pátios**, em situação de máxima aglomeração social. As penitenciárias salvadorenhas, em estado de emergência, suspenderam o banho de sol dos presos e deram a seus agentes a permissão de atirar contra amotinados para tentar conter a recente escalada de assassinatos dentro delas — na sexta-feira 24, foram registradas 24 mortes, um recorde. Eleito no ano passado depois de uma campanha calcada na luta contra o crime, Bukele tem como alvo principal o desmantelamento das *maras*, como são conhecidas as gangues que aterrorizam os 6,4 milhões de salvadorenhos. Calcula-se que só as duas maiores, Salvatrucha (MS-13) e Barrio 18, tenham cerca de 60 000 membros. Segundo o Banco Mundial, a taxa de homicídios de El Salvador é de 62 por 100 000 habitantes, a mais alta do planeta (a do Brasil, também vergonhosa, é de 31 por 100 000). A atuação mais firme do governo resultou em uma queda de 40% nos crimes violentos, em comparação a 2015, e em pontos para Bukele, que é aprovado por 88% da população. Com a decretação de emergência nas cadeias, “os contatos com o mundo exterior estão proibidos, a venda de produtos foi suspensa e todas as atividades interrompidas até segunda ordem”, anunciou o presidente no Twitter. E acrescentou: “Líderes de gangues foram postos em regime de solitária”. Sorte deles. ■

Ernesto Neves



EL SALVADOR PRESIDENT PRESS/AP





CRISTIANO MARIZ

MUNDO À PARTE A diletante Melissa: “Para minha surpresa, eu escrevi aquilo”

PROFETISA POR ACASO

A designer de interiores — e autora de livros nas horas vagas — conta como fez *A Realidade de Madhu*, obra de 2014 que virou sensação na internet por supostamente antecipar a crise atual

O trecho do seu livro que fala de uma pandemia viral em 2020 se propagou nas redes sociais. Como recebeu essa notícia? Um dia meu celular se encheu de mensagens com perguntas sobre o trecho, se era verdadeiro. Eu não me lembrava de tê-lo escrito. Abri o livro com a intenção de provar que era falso. Para minha surpresa, eu escrevi aquilo.

Lembra de onde veio a inspiração? Sempre quis escrever um livro, mas não me achava capaz. Até que tive um sonho e decidi registrá-lo, para não esquecer-lo. A história foi se desenrolando com fluidez e, quando me dei conta, passava de 100 páginas. Na época, estava me aprofundando em temas como misticismo. Eu me formei em naturo-

logia e sou kardecista, então adicionei esses conhecimentos à obra.

Mas como pensou justamente em 2020 como o ano de uma pandemia?

Li bastante sobre saberes antigos, como a geometria sagrada, que convergiam para uma transição planetária que afetaria a consciência das pessoas. Muitos escreveram sobre isso, mas Chico Xavier deu uma data: 2019. Então eu pensei que, se a transição viria em 2019, o caos aconteceria em 2020, pois o caos é necessário para trazer ordem. A protagonista se chama Madhu. É uma adolescente que vai viver em uma nave intergaláctica enorme, um mundo à parte, onde ela fará amizade com andróides, extraterrestres e seres híbridos. Madhu tem de superar medos e conhecer a si mesma para ajudar a formar uma nova realidade na Terra.

Como se sente com a fama de vidente?

Ainda estou tentando entender isso. Não tenho mediunidade. Não sou vidente. Minha hipótese é que o artista consegue deixar a alma falar através da arte. Que existe propósito nisso tudo. Foi meu interior falando. Não acredito em coincidência. Mas gosto de deixar claro que meu livro é de ficção científica. A verdade da ficção está nas metáforas, qualquer um entende como quer.

Agora que o livro é best-seller, conseguiu o retorno do investimento inicial? Nem tenho pensado nisso. Foi caro publicá-lo, peguei 15 000 reais emprestados do meu marido — que não paguei até hoje! Já fico feliz com o retorno dos leitores. Queria que as pessoas entendessem que o futuro só será sombrio se deixarmos. Que precisamos ter amor-próprio, gratidão, e passar isso adiante. Agora, tenho pensado em uma continuação. Será sobre o futuro após a realidade semeada pela Madhu. Acredito que teremos um futuro brilhante. ■

Raquel Carneiro

UMA CARREIRA GIGANTE



SERGIO BEREZOVSKY

HISTÓRIA O pivô na final do Pan de Indianápolis: a primeira derrota dos EUA

No fim da infância, o estirão do mineiro **Gerson Victorino** chamou atenção, e não faltou quem lhe sugerisse usar os 2 metros e 8 centímetros de altura no basquete. Mas foi só aos 19 anos que ele passou a praticar o esporte a sério, e com sucesso. Jogou profissionalmente nas principais equipes do país, entre elas o Monte Líbano e o Corinthians, além de ter tido uma passagem pela Espanha. Pela seleção brasileira, o camisa 6 disputou dois mundiais, três Pan-Americanos e três Olimpíadas. Na conquista histórica do Pan de Indianápolis, em 1987, a primeira vez que o quinteto dos Estados Unidos foi derrotado em uma partida disputada em seu território, o pivô Gerson foi o terceiro maior pontuador da final contra os americanos. Com suas enterradas, ficou atrás apenas de Oscar Schmidt e Marcel. Mas superou os dois craques em número de jogos com a seleção: 63, um recorde. “Era um jogador único”, lembra Oscar. “Fazia uma dupla infalível com Oscar. Ele tinha uma capacidade impressionante de jogar em equipe.” Mesmo aposentado, só parou de pisar em quadras em novembro de 2019, diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica, doença que acelerou sua morte, aos 60 anos, na última quarta, 29, em Belo Horizonte.

UM BEBÊ EM DOWNING STREET, NÚMERO 10

Para o primeiro-ministro **Boris Johnson** a semana foi inegavelmente boa, apesar de tudo. Na segunda-feira 27, ele voltou à labuta no número 10 da Downing Street, em Londres, residência do premiê britânico. Depois de vinte dias de afastamento, dos quais três na UTI, para tratamento de Covid-19, Johnson agradeceu os profissionais do serviço público de saúde (serviço que ele costumeiramente fustiga) e passou a despachar freneticamente, a seu estilo. Mas teve de parar dois dias depois, ao anunciar o nascimento de seu **filho** com a atual mulher, **Carrie Symonds**, que ele conheceu durante a campanha para a prefeitura de Londres, em 2012. Carrie tem 32 anos, 23 a menos que o marido. Johnson já tem outros quatro filhos.

CASA CHEIA Johnson, com Carrie: entre o filho e a Covid-19



KIRSTY WIGGLESWORTH/AP



LARRY BUSACCA/GETTY IMAGES

TRANSNACIONAL O indiano Khan: estrela de filmes como *Jurassic World*

DE BOLLYWOOD PARA O MUNDO

Aos 30 e poucos anos, o indiano **Irrfan Khan** estava prestes a desistir da carreira de ator. Após mais de uma década de atuação em papéis irrisórios em novelas locais, ele não via futuro na profissão. Por sorte, insistiu um pouco mais. Em 2004, aos 37 anos, Khan encantou Bollywood — a enorme indústria cinematográfica da Índia — ao protagonizar o filme *Maqbool*, releitura do *Macbeth* shakespeariano. O ator foi então alçado ao status de estrela no país, somando dezenas de longas dos mais variados no currículo — e logo cairia nas graças de Hollywood. O estouro veio com o vencedor do Oscar *Quem Quer Ser um Milionário?* (2008), no qual Khan empresta seu olhar marcante e modos firmes a um policial. Versátil, foi de galã adorável a empresário inescrupuloso. No decorrer da carreira, continuou transitando entre Oriente e Ocidente. Dividiu-se entre narrador e protagonista em idade adulta do belo *As Aventuras de Pi* (2012). Foi o ricaço abilolado que criou o parque de *Jurassic World* (2015). E emprestou elegância ao especialista que tenta parar um vírus mortal em *Inferno* (2016). Irrfan Khan morreu na quarta-feira 29, aos 53 anos, por causa de complicações de um tumor neuroendócrino raro, em Mumbai, na Índia. ■



NOVO SÍMBOLO O governo Bolsonaro apresentou nesta semana a nova bandeira brasileira. Olavo de Carvalho tinha sugerido um palavrão como slogan, mas o escolhido tem o mesmo efeito



ADRIANO MACHADO/REUTERS

Moro tinha provas mas não tinha convicção sobre Bolsonaro

Num sinal de que a crise entre os dois é muito séria, Moro deu *unfollow* em Bolsonaro nas redes sociais. O ex-ministro já tinha visto os vídeos, lido os livros e comprado o CD com as frases de Bolsonaro. Mas mesmo com as provas não estava muito certo e aceitou o convite para ir pro governo.

O que Bolsonaro quer fazer com a PF rima com Ramagem. Moro disse que já tinha comprado Bombril e colocado na antena da PF, mas mesmo assim continuava a interferência de Bolsonaro. Agora ele já pediu a Dallagnol que fizesse um PowerPoint e mostrasse ao Brasil o que todo mundo já sabe.

Plasma de defensores arrependidos de Bolsonaro será usado em eleitores em 2022

O uso do plasma sanguíneo de pessoas curadas do coronavírus em doentes graves vem dando bons resultados. Os anticorpos da pessoa saudável ajudam o corpo do indivíduo infectado a se livrar mais rápido do vírus.

A mesma técnica será testada em breve em pessoas que ainda apoiam o presidente Jair Bolsonaro. Como pesquisas mostram que mais de 30% da popu-

lação ainda acha seu governo “bom” ou “ótimo”, o país continua longe da imunidade de rebanho. “O rebanho de gado ainda está infectado, o vírus se espalha muito rapidamente pelo contato com posts do gabinete do ódio no WhatsApp”, disse um infectologista. “Esse vírus lembra muito a doença da vaca louca. A pessoa vê a realidade desabando diante dela e fica repetindo ‘E daí?’.”



Bolsonaro vai chamar Gabriela Pugliesi para garota-propaganda do Ministério da Saúde

Ela foi madrinha do casamento que inaugurou a Covid-19 no Brasil, em março, graças a um “covidado” (ops) italiano. Pegou a doença, ficou curada, e um mês depois fez uma festa em casa com amigos aglomerados postando “F*da-se a vida” nas redes

sociais. A blogueira fitness Gabriela Pugliesi tem o currículo perfeito para representar o que o governo federal deseja para o Brasil. Não à toa vem sendo sondada pelo presidente para ser garota-propaganda de seu Ministério da Saúde.

O novo trabalho virá a calhar. Apesar de ter pedido desculpas depois da festinha, a *influencer* perdeu boa parte de seus patrocinadores, preocupados com a repercussão do caso. Bolsonaro já pensou até no slogan da campanha que ela vai estrelar. “Covid? E daí? F*da-se o Brasil!”



INSTAGRAM @GABRIELAPUGLIESI

SOBE

VALE

O gigante brasileiro da mineração obteve um lucro de quase 1 bilhão de reais no primeiro trimestre de 2020. No mesmo período do ano passado, a empresa havia amargado um prejuízo de 6,4 bilhões de reais.

IVETE SANGALO

A *live* do pijama de bolinhas da cantora bateu recorde de audiência na Rede Globo, chegando a ser vista por mais de 36 milhões de pessoas.

TESTE RÁPIDO DE COVID-19

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou a realização desse tipo de exame nas farmácias e drogarias do país para a detecção do coronavírus.

DESCE

PAULO SKAF

Foi denunciado pelo MP sob acusação de ter recebido 5 milhões de reais ilegalmente da Odebrecht para campanha ao governo de São Paulo em 2014.

GABRIELA PUGLIESI

A *influencer* que vende vida saudável perdeu mais de dez anunciantes depois de aparecer em posts de uma festa organizada por ela justamente no auge da pandemia do coronavírus.

CARLA ZAMBELLI

Ficou mal na foto em mensagens expostas por Sergio Moro: a deputada federal tentou convencer o ex-ministro a aceitar a intervenção do presidente no comando da PF em troca de uma indicação para uma vaga no STF.



QUATRO ENIGMAS SOBRE A APARIÇÃO DE ÓVNIS NOS ESTADOS UNIDOS

■ Velocidade descomunal

Entre os três vídeos divulgados pelo Pentágono na segunda-feira 27, com objetos voadores não identificados, o mais antigo, de 2004 (*foto*) – os outros são de 2015 –, mostra uma espécie de disco transitando perto da costa americana. O piloto aposentado da Marinha David Fravor, que fez o avistamento, afirmou que o objeto se deslocava de forma irregular. “Quando me aproximei, ele acelerou numa velocidade descomunal. Foi como uma bola de pingue-pongue rebatendo numa parede”, disse.

■ Origem desconhecida

O conteúdo das filmagens já circulava extraoficialmente havia anos, porém o fato de o Departamento de Defesa dos EUA admitir a autenticidade das imagens não significa, claro, que tenha reconhecido como extraterrestres os tais objetos voadores. O Pentágono se limitou a ratificar que aquilo que se vê nos vídeos “ainda é classificado como ‘não identificado’”. Entre as hipóteses estão fenômenos meteorológicos e drones militares de origem desconhecida.

■ Investigações secretas

Em 2017 o *The New York Times* revelou que o governo americano fizera um projeto para “identificação de ameaças aeroespaciais avançadas”. Segundo o jornal, o programa, conduzido secretamente pelo Pentágono, consumiu 22 milhões de dólares entre 2007 e 2012. O bilionário do setor espacial Robert Bigelow, que trabalhou na iniciativa, contou que foram ouvidos militares que teriam visto aeronaves fora dos padrões e pessoas que alegaram reações físicas após a mesma experiência.

■ Casos sem solução

Em 1947, a própria Força Aérea dos EUA já havia decidido se debruçar sobre mais de 12000 supostas aparições de naves alienígenas. Concluiu que grande parte dos relatos se referia a estrelas, nuvens, aeronaves regulares e aviões de espionagem. As investigações foram encerradas em 1969, deixando 701 casos sem solução.



ROSINEI COUTINHO/SCQ/STF

BOMBA-RELÓGIO STF: operações contra políticos bolsonaristas estão a caminho

Só bagrinho

O **STF** mandou à PGR, até hoje, doze inquéritos sobre o esquema bolsonarista de *fake news*. Nenhum caso envolvendo deputados ou senadores.

Salve-se quem puder

Os alvos graúdos da bancada bolsonarista seguem com Alexandre de Moraes e a PF. Os próximos dias serão inesquecíveis para essa turma.

Ele, não

TOFFOLI, ALCOIMBLES E MAIA se falaram na sexta, após a queda de Sergio Moro, e decidiram esfriar o caso. “Moro não será o homem que derrubou o presidente”, diz um interlocutor do trio.

Alívio geral

No Supremo, como no Congresso, o desejo da maioria é tirar “o herói da Lava-Jato” de cena.

Togados de Cristo

A saída de Moro abriu caminho a Marcelo Bretas e Ives Gandra na disputa pelo STF. A bancada evangélica vai levar uma lista de “juristas cristãos”, encabeçada pela dupla, ao presidente.

Missão impossível

Nos minutos que antecederam a fala final de Moro, Carla Zambelli tentou desesperadamente ser recebida pelo ministro para evitar sua demissão. Foi barrada na portaria do ministério.

Vá até a goiabeira

Dameres Alves também tentou até o último segundo impedir Moro de ir à guerra com Bolsonaro. “Pense bem”, pediu pelo zap. Ele já tinha pensado.

Você pagou com ingratidão

Moro assistiu calado a quase todo o contra-ataque de Bolsonaro no Planalto. “Ele está sendo injusto”, desabafou.

Doeu

A fala de João Doria para que Bolsonaro saia da bolha e vá ver o terror nos hospitais pegou na veia dos militares do Planalto. Há dias eles tentavam convencer o presidente disso. Agora já era.



O presente do **Dia das Mães** está em



vivo.com.br



Ela é comuna

Um dos motivos de Bolsonaro para jurar de demissão a superintendente da PF em Pernambuco, Carla Patrícia, é que ela foi secretária no governo de Paulo Câmara. Bolsonaro jura que Carla é uma espiã socialista.

Pode pedir música

Wilson Witzel ficou indignado ao saber que virou alvo de pedido de inquérito da PGR no STJ por corrupção. Mal sabe ele que já é o terceiro procedimento na Corte por falcaturas no Rio.

Esprit de corps

Durante as buscas contra o juiz do TJ-RJ João Amorim, os procuradores apreenderam em seu escritório uma cópia do processo sigiloso aberto contra ele pelo corregedor Bernardo Garcez. O MP já sabe quem lhe deu o papel.

Atrás do prejuízo

O doleiro Lucio Funaro cobra 41 000 reais de indenização da United Airlines por tê-lo feito perder o voo de volta ao Brasil em dezembro de 2019, quando foi aos EUA para delatar Joesley Batista.

Tudo meu

A luta de Paulo Guedes agora é contra o Centrão. O ministro atua para barrar a articulação do pastor Marcos Pereira — e da igreja — junto a Bolsonaro para recriar o Ministério da Indústria.

Mais 10%

Carteira digital das Americanas, a Ame vai dar 60 reais de cashback a quem depositar e gastar os 600 reais do auxílio emergencial em compras na rede.

Mesa branca

O deputado estadual Major Araújo (PSL), acredite, propôs criar em Goiás uma bolsa de 2 000 reais para que mulheres “vítimas de feminicídio” comprem uma arma de fogo. No além?

Folia em risco

Com o calendário de eventos preparatórios do Carnaval travado pela pandemia — feijoada da Portela, a escolha do enredo na Mangueira... —, as escolas de samba do Rio já discutem a possibilidade de cancelar o desfile de 2021. ■

NOTAS DIÁRIAS EM WWW.VEJA.COM

Com Evandro Éboli, Manoel Schlindwein e Mariana Muniz



PHILIPPE LIMA/GOVERNO RIO DE JANEIRO

ELE É O ALVO Witzel: PGR já abriu três inquéritos para apurar corrupção no Rio



vivo



Aponte seu celular e acesse o site.



CHRISTOPHER PIKE/REUTERS

“Hoje peço àquela mão que acabe com esta pandemia.”

DIEGO MARADONA, ex-craque argentino, achando novo uso para a “mão de Deus” — parecidíssima com a sua —, que o ajudou a fazer um gol decisivo contra a Inglaterra na Copa do Mundo de 1986, disputada no México. A Argentina foi campeã

“Eu queria que ela estivesse em Brasília para conversar mais com ela. Só isso.”

JAIR BOLSONARO, presidente, envolto nos últimos dias na fumaça da fritura da secretária da Cultura, Regina Duarte. Ele diz, contudo, que permanece “apaixonado pela namoradina do Brasil”

“Fazemos um apelo ao público para não ingerir desinfetantes.”

RECKITT BENCKISER, fabricante desses produtos, reagindo à sugestão do presidente Donald Trump de uso deles em seres humanos para evitar o contágio do novo coronavírus. Trump explicou depois que estava sendo “sarcástico”

“Estou muito orgulhoso de ter sido convidado para participar deste episódio especial.”

PRÍNCIPE HARRY, ex-royal britânico, em sua primeira incursão no mundo do entretenimento: gravou a abertura do desenho animado que comemora os 75 anos da série infantil *Thomas, a Locomotiva a Vapor*

“A grande diferença é que os Rolling Stones são uma banda que fez grandes shows em outras décadas e outras eras, ao passo que os Beatles nunca estiveram em uma turnê por estádios.”

MICK JAGGER, vocalista e pedra rolante, caindo na tentação da comparação

“Quem cozinha melhor neste momento é ninguém.”

ANGÉLICA, apresentadora, ao ser questionada sobre quem se sai melhor com as panelas na quarentena, ela ou o marido, Luciano Huck

“Usado em *Resgate* (esqueceram de mencionar o autor, mas tudo bem).”

PAULO COELHO, escritor, apontando a falta de crédito, no filme de ação da Netflix, da frase “Você não se afoga caindo em um rio, mas ficando submerso nele”, que aparece em seu livro *Diário de um Mago*

“Estou extremamente arrependida, estou mal comigo mesma. Fui irresponsável, imatura e mais uma vez quero pedir desculpas.”

GABRIELA PUGLIESI, blogueira do mundo fitness, que em plena pandemia deu uma festinha em casa (ela teve a doença e sarou). Foi desancada nas redes, perdeu patrocinadores e acabou desativando seu perfil no Instagram

“Para o desespero de muitos, acordei assim.”

FÁBIO ASSUNÇÃO, ator, exibindo a boa forma depois de perder 28 quilos em cinco meses

“O (*Umberto*) Eco tinha razão: a internet deu voz ao idiota da aldeia. Agora todo mundo se acha genial e quer fazer *live* o tempo inteiro.”

MIGUEL FALABELLA, ator, recriminando o excesso de exibição dos colegas artistas para matar o tempo no distanciamento social

AVIR

INSTAGRAM @ANGELICAKSY

O MENTIROSO NÃO SOU EU

Em entrevista exclusiva, o ex-ministro da Justiça diz que apresentará provas de suas acusações contra o presidente e que o governo Bolsonaro nunca priorizou o combate à corrupção

POLICARPO JUNIOR E LARYSSA BORGES

Quando Sergio Moro decretou as primeiras prisões da Operação Lava-Jato, em 2014, ninguém imaginava que começaria ali uma revolução de consequências históricas para a política, a economia e o combate à corrupção no Brasil. Em quatro anos, as investigações revelaram a existência de uma monumental estrutura que tinha como membros ativos as maiores empreiteiras do país, altos dirigentes de empresas estatais e políticos de todos os quilates — de deputados a presidentes da República. Todos se nutriram da mesma fonte de um esquema que, durante anos, desviou mais de 40 bilhões de reais dos cofres públicos, dinheiro convertido em financiamento de campanhas eleitorais e propina. O caso fulminou biografias, quebrou empresas, arrasou partidos políticos e desmascarou muita gente que se dizia honesta. A histórica impunidade dos poderosos levou uma surpreendente rasteira — e abriu caminho para que um *outsider* chegasse à Presidência da República. Com a eleição de Jair Bolsonaro e a nomeação de Sergio Moro para o Ministério da Justiça, muitos apostaram que a corrupção sistêmica sofreria o golpe de

misericórdia no país — uma tremenda ilusão, segundo o próprio Moro.

“O combate à corrupção não é prioridade do governo”, revela o agora ex-ministro da Justiça, que foi descobrindo aos poucos que embarcara numa fria. Ele estava em casa na madrugada da sexta 24 quando soube que o diretor-geral da Polícia Federal fora demitido pelo presidente. Mas o episódio foi a gota d’água de uma relação tumultuada. Havia tempo o presidente não escondia a intenção de colocar no cargo alguém de sua estrita confiança. Bolsonaro frequentemente reclamava da falta de informações, em especial sobre inquéritos que tinham como investigados amigos, correligionários e parentes dele. Moro classificou a decisão do presidente de pôr um parceiro no comando da PF de uma manobra para finalmente ter acesso a dados sigilosos, deu a isso o nome de interferência política e, na sequência, pediu demissão. Bolsonaro, por sua vez, disse que a nomeação do diretor da PF é de sua competência e que as acusações de Moro não eram verdadeiras. O Supremo Tribunal Federal mandou abrir um inquérito para apurar suspeitas de crime.

Em entrevista exclusiva a VEJA, Moro revelou que não vai admitir ser chamado de mentiroso e que apresentará à Justiça, assim que for instado a

fazê-lo, as provas que mostram que o presidente tentou, sim, interferir indevidamente na Polícia Federal. Um pouco abatido, o ex-ministro também se disse desconfortável no papel que o destino lhe reservou: “Nunca foi minha intenção ser algoz do presidente”. Desde que deixou o ministério, ele passou a ser hostilizado brutalmente pelas redes bolsonaristas. “Traidor” foi o adjetivo mais brando que recebeu. Mas o fato é que Bolsonaro nunca confiou em Moro. Sempre viu nele um potencial adversário, alguém que no futuro poderia ameaçar seu projeto de poder. Na entrevista, o ex-ministro, no entanto, garante que a política não está em seus planos — ao menos por enquanto. Na quarta-feira 29, durante a conversa com VEJA, Moro recebeu um alerta de mensagem no telefone. Ele colocou os óculos, leu e franziu a testa. “O que foi, ministro?” “O presidente da República anunciou que vai divulgar um ‘vídeo-bomba’ contra mim.” “E o que o senhor acha que é?”, perguntamos. Moro respirou fundo, ameaçou falar alguma coisa, mas se conteve. A guerra está só começando. Acompanhe nas próximas páginas os principais trechos desta conversa.

ATÉ O FIM Sergio Moro:

“Não recuo em nada do que afirmei”

CRISTIANO MARIZ



AVIR

“O COMBATE À CORRUPÇÃO NÃO É PRIORIDADE DO GOVERNO”

O ex-ministro Sergio Moro recebeu VEJA em seu apartamento em Brasília. Na entrevista, que durou duas horas, ele lembrou que aceitou o cargo de titular da Justiça diante do compromisso assumido por Bolsonaro com o combate à corrupção. Aos poucos, porém, foi percebendo que esse discurso não encontrava sustentação na prática do governo — e ficou bastante incomodado quando viu o presidente se aproximar de políticos suspeitos:

“Sinais de que o combate à corrupção não é prioridade do governo foram surgindo no decorrer da gestão. Começou com a transferência do Coaf para o Ministério da Economia. O governo não se movimentou para impedir a mudança. Depois, veio o projeto anticrime. O Ministério da Justiça trabalhou muito para que essa lei fosse aprovada, mas ela sofreu algumas modificações no Congresso que impactavam a capacidade das instituições de enfrentar a corrupção. Recordo que praticamente implorei ao presidente que vetasse a figura do juiz de garantias, mas não fui atendido. É bom ressaltar que o Executivo nunca negociou cargos em troca de apoio, porém mais recentemente observei uma aproximação do governo com alguns políticos com histórico não tão positivo. E, por último, teve esse episódio da demissão do diretor da Polícia Federal sem o meu conhecimento. Foi a gota d’água”.

O senhor acusou o presidente Bolsonaro de interferir politicamente na Polícia Federal. Tem provas disso? O presidente tem muito poder, tem prerrogativas importantes que têm de ser respeitadas, mas elas não podem ser exercidas, na minha avaliação, arbitrariamente. Não teria nenhum problema em substituir o diretor da PF



Maurício Valeixo, desde que houvesse uma causa, uma insuficiência de desempenho, um erro grave por ele cometido ou por algum de seus subordinados. Isso faz parte da administração pública, mas, como não me foi apresentada nenhuma causa justificada, entendi que não poderia aceitar essa substituição e saí do governo. É uma questão de respeito à regra, respeito à lei, respeito à autonomia da instituição.

E quais eram as motivações políticas? Reitero tudo o que disse no meu

pronunciamento. Esclarecimentos adicionais farei apenas quando for instado pela Justiça. As provas serão apresentadas no momento oportuno, quando a Justiça solicitar.

“NÃO POSSO ADMITIR QUE O PRESIDENTE ME CHAME DE MENTIROSO”

O presidente Bolsonaro rebateu as acusações do ex-ministro. Ele negou que houvesse tentativa



de interferência política na Polícia Federal e acusou Sergio Moro de tentar negociar a demissão do diretor da PF em troca de sua nomeação para uma vaga no Supremo Tribunal Federal. Moro conta por que divulgou uma mensagem trocada entre ele e a deputada federal Carla Zambelli (PSL-SP) e outra entre ele e Bolsonaro:

“Eu apresentei aquelas mensagens. Não gostei de apresentá-las, é verdade, mas as apresentei única e exclusivamente porque no pronunciamento

do presidente ele afirmou falsamente que eu estava mentindo. Embora eu tenha um grande respeito pelo presidente, não posso admitir que ele me chame de mentiroso publicamente. Ele sabe quem está falando a verdade. Não só ele. Existem ministros dentro do governo que conhecem toda essa situação e sabem quem está falando a verdade. Por esse motivo, apresentei aquela mensagem, que era um indicativo de que eu dizia a verdade, e também apresentei a outra mensagem, que lamento muito, da deputada Carla

RECADO Moro, em relação a Bolsonaro: “Ele sabe quem está falando a verdade”

Zambelli. O presidente havia dito uma inverdade de que meu objetivo era trocar a substituição do diretor da PF por uma vaga no Supremo. Eu jamais faria isso. Infelizmente, tive de revelar aquela mensagem para provar que estava dizendo a verdade, que não era eu que estava mentindo”.

Na mensagem, Bolsonaro cita uma investigação sobre deputados aliados e afirma que aquilo era motivo para trocar o diretor da PF. O que exatamente queria o presidente? Desculpe, mas essa é uma questão que também vai ter de ser examinada dentro do inquérito que foi aberto no Supremo Tribunal Federal para investigar esse caso. Reitero a minha posição. Uma vez dito, é aquilo que foi dito. Não volto atrás. Seria incoerente com o meu histórico ceder a qualquer intimidação, seja virtual, seja verbal, seja por atitudes de pessoas ou de outras autoridades.

O senhor sofreu algum tipo de ação intimidatória após as revelações que fez? Atacaram minha esposa e estão confeccionando e divulgando dossiês contra ela com informações absolutamente falsas. Ela nunca fez nada de errado. Nem eu nem ela fizemos nada de errado. Esses mesmos métodos de intimidação foram usados lá trás, durante a Lava-Jato, quando o investigado e processado era o ex-presidente Lula.

“NUNCA FOI MINHA INTENÇÃO SER ALGOZ DO PRESIDENTE”

Depois das denúncias de Moro, o Supremo Tribunal Federal determinou que fosse aberto um inquérito para



A LENDA O ex-juiz da Lava-Jato era, até dias atrás, tratado como “herói” pelos militantes bolsonaristas, mas,...

apurar se o presidente tentou de fato aparelhar a PF para fins políticos. Em seu parecer, o procurador-geral da República, Augusto Aras, pediu que também fossem investigados os crimes de denúncia caluniosa e contra a honra – ilícitos que, em tese, podem ter sido praticados por Moro:

“Entendi que a requisição de abertura desse inquérito que me aponta como possível responsável por calúnia e denúncia caluniosa foi intimidatória. Dito isso, quero afirmar que estou à disposição das autoridades. Os ataques mais virulentos vieram principalmente por redes virtuais.

Não tenho medo de ofensa na internet, não. Me desagrada e tal, mas se alguém acha que vai me intimidar contando inverdades a meu respeito no WhatsApp ou na internet está muito enganado sobre minha natureza”.

O senhor recebeu mais críticas ou apoios por se demitir do cargo e acusar o presidente? A opinião pública compreendeu o que eu disse e os motivos da minha fala. É importante deixar muito claro: nunca foi minha intenção ser algoz do presidente ou prejudicar o governo. Na verdade, lamentei extremamente o fato de ter de adotar essa posição. O que eu fiz e entendi que era minha obrigação foi sair

do governo e explicar por que estava saindo. Essa é a verdade.

Qual é hoje a sua opinião sobre o presidente Bolsonaro? Pessoalmente, gosto dele. No governo, acho que há vários ministros competentes e técnicos. O fato de eu ter saído do governo não implica qualquer demérito em relação a eles. Fico até triste porque considero vários deles pessoas competentes e qualificadas, em especial o ministro da Economia. Espero que o governo seja bem-sucedido. É o que o país espera, no fundo. Quem sabe a minha saída possa fomentar um compromisso maior do governo com o combate à corrupção.



IMAGEM QUEIMADA ...depois das acusações que fez contra o presidente, foi alvo de ataques e chamado de “traidor”

“NÃO QUERO PENSAR EM POLÍTICA NESTE MOMENTO”

Em todas as grandes manifestações dos apoiadores do presidente, a figura do ex-ministro da Justiça sempre ocupou lugar de destaque. Após sua demissão, ele passou a ser tratado nas redes sociais como traidor e oportunista que estaria tirando proveito político em um momento de fragilidade do governo:

“Lamento ter de externar as razões da minha saída do governo durante esta pandemia. O foco tem de ser real-

mente o combate à pandemia. Estou dando entrevista aqui porque tenho sido sucessivamente atacado pelas redes sociais e pelo próprio presidente. Hoje mesmo, quarta, ele acabou de dar declarações, ontem deu declarações. Venho sendo atacado também por parte das pessoas que o apoiam politicamente. Tudo o que estou fazendo é responder a essas agressões, às inverdades, às tentativas de atingir minha reputação”.

O que o senhor pretende fazer a partir de agora? Estou num período de quarentena. Tive 22 anos de magistratura. Deixei minha carreira com base em uma promessa não cumprida

de que eu teria apoio nessas políticas de combate à corrupção. Isso foi um compromisso descumprido. Não posso voltar para a magistratura. Eu me encontro, no momento, desempregado, sem aposentadoria. Tudo bem, tem gente em situação muito mais difícil que a minha. Não quero aqui ficar reclamando de nada. Pedi a quarentena para ter um sustento durante algum tempo e me reposicionar, provavelmente no setor privado.

Não pensa em entrar definitivamente na política? Minha posição sempre foi de sentido técnico. Vou continuar buscando realizar um trabalho técnico, agora no setor priva-

do. Não tenho nenhuma pretensão eleitoral. Não me filiei a partido algum. Nunca foi meu plano. Estou num nível de trabalho intenso desde 2014. Quero folga. E não quero pensar em política neste momento.

“PODE EXISTIR UM MANDANTE DO CRIME”

Um dos motivos do desgaste de Sergio Moro e da direção da PF foi a investigação do atentado que Bolsonaro sofreu durante a campanha. O presidente não acredita que o garçom Adélio Bispo de Oliveira agiu sozinho. Crê numa conspiração política patrocinada por adversários. A polícia nunca encontrou nenhuma prova concreta disso. Questionado sobre o assunto, o ex-ministro diz que a hipótese não é absurda:

“Existe uma forte suspeita de que o Adélio tenha agido a mando de outra pessoa. A Polícia Federal fez a investigação. Como o presidente é vítima neste caso, nós fizemos uma apresentação no primeiro semestre de 2019 no Planalto. Os delegados apresentaram todo o resultado da investigação até aquele momento. Pende para o final da investigação um pedido de exame do aparelho celular de um advogado do Adélio. A polícia buscou esse acesso, e isso foi obstado pelas Cortes de Justiça, e ainda não há uma decisão definitiva. Depois do exame desse celular, o inquérito poderá ser concluído. Esse é o conteúdo de inquérito que foi mostrado ao presidente, não é ilegal, já que ele é a vítima e tem, como vítima, a meu ver, o direito de ter essas informações. Não é nenhuma questão só do crime em si, mas um caso de segurança nacional. A suspeita de que pode existir um mandante intelectual do crime não pode ser descartada. Enquanto não se tem a conclusão da investigação, não se pode ter um juízo definitivo”.

O senhor tem medo de sofrer algum atentado? Certamente. Sigo tendo a proteção da Polícia Federal. Não gosto de falar muito nesse assunto. Isso é algo que assusta pessoas próximas a mim.

Foi por isso que, antes de aceitar o cargo, o senhor pediu ao presidente uma pensão caso lhe acontecesse algo? Achei engraçado algumas pessoas dizerem que seria um crime da minha parte. O que aconteceu foi o seguinte: como eu larguei a magistratura, perdi a aposentadoria e a pensão. E, como eu sabia que nós seríamos firmes contra a criminalidade violenta, contra o crime organizado e contra a corrupção, o que externei ao presidente foi um desejo de que, se algo me acontecesse durante a gestão, como eu havia perdido a pensão, minha família não ficasse desamparada. Certamente teria de ser analisada juridicamente a viabilidade disso, e a aprovação através de uma lei. A condição para que a pensão fosse

AVIR

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

RISCO DE PROCESSO Aras: pedido de



DIVULGAÇÃO

MANDANTE Adélio, que tentou matar o presidente: caso ainda não encerrado



investigação por denúncia caluniosa e crime contra a honra do presidente **AVIR**

paga seria a minha morte. Só externei que, caso eu fosse morto em combate, fosse garantida uma pensão integral à minha família, correspondente aos vencimentos de ministro.

O senhor se arrepende de ter largado a magistratura para entrar no governo Bolsonaro? Não. A gente tem esse espelho da Operação Mãos Limpas, na Itália. Foi feito um trabalho fantástico lá pelos juízes, mas houve um retrocesso político na Itália naquela época. Eles lamentavam muito. Embora soubesse que minha ida para o governo seria controversa, o objetivo sempre foi continuar defendendo a bandeira anticorrupção, evitando retrocessos. Não, não me arrependo. Acho que foi a decisão acertada naquele momento. Agradeço ao presidente por ter me acolhido. Assumi um compromisso com ele que era muito claro: combate à corrupção, ao crime organizado e à criminalidade violenta. Eu me mantive fiel a esse compromisso. ■



RAYSA LEITE/APP

CONSPIRAÇÃO A facada: o ex-ministro diz que ainda existem “suspeitas” de que o atentado possa ter um mandante



REPRODUÇÃO VÍDEO

“NOVO” GOVERNO, VELHA POLÍTICA

Acossado pela crise, Bolsonaro busca o Centrão para reforçar sua base e barrar impeachment **EDOARDO GHIROTTO, JOÃO PEDROSO DE CAMPOS, MARCELA MATTOS, NONATO VIEGAS E ROBERTA PADUAN**

SÁBADO, 27 de outubro de 2018, véspera do segundo turno da eleição presidencial. O candidato Jair Bolsonaro posta nas redes sociais um vídeo para reforçar um de seus principais compromissos de campanha: estabelecer uma nova forma de fazer políti-

ca, sem o toma lá dá cá que marcou a história brasileira. “Qualquer presidente que, porventura, distribua ministérios, estatais ou diretorias de banco para conseguir apoio no Parlamento está infringindo o artigo 85, inciso II, da Constituição. E daí?

Qualquer um pode, se eu der, por exemplo um ministério para um partido com o objetivo de comprar voto, me questionar que estou interferindo no livre exercício do Poder Legislativo”, afirmou. Segunda-feira, 20 de abril de 2020: o presidente aparece em outro vídeo, agora de um encontro cheio de sorrisos com o deputado Arthur Lira (Progressistas-AL), um dos líderes do Centrão, que reúne mais de 200 parlamentares e é decisivo para aprovar — ou barrar — qualquer coisa no Congresso. E que fez fama pela desenvoltura com que negocia cargos em qualquer gestão em troca de apoio. O bloco anda agora em estágio avançado de namoro com o governo que chegou ao poder di-



AMIGOS O presidente e Arthur Lira: o deputado costura o apoio de Bolsonaro ao seu desejo de presidir a Câmara

zendo que jamais repetiria os vícios da chamada velha política. Nos últimos anos, Bolsonaro passou de um fenômeno eleitoral que deixou na poeira os partidos tradicionais a um governante acossado por uma grave crise, desencadeada na esteira da pandemia do coronavírus, mas anabolizada por sua capacidade inesgotável de cavar dia após dia o seu isolamento político. Acuado, percebeu que só resta costurar uma coalizão nos moldes tradicionais. O movimento é eticamente questionável, sobretudo para alguém que jurou não recorrer a esse tipo de expediente. Do ponto de vista prático, porém, faz todo o sentido: pode garantir governabilidade e, de quebra, um colchão de apoio contra o fantasma do impeachment.

A aproximação com o Centrão representa um dos principais atos da tentativa de uma refundação da gestão Bolsonaro às pressas, concebida dentro do Palácio do Planalto. A primeira versão do governo acabou na sexta-feira 24, com a traumática saída de Sergio Moro do Ministério da Justiça (veja a reportagem na pág. 30). O rompimento com o herói da Lava-Jato e as conversas avançadas com a porção mais fisiológica do Parlamento mostram que, em sua nova fase, o governo prefere enrolar a bandeira anticorrupção agitada com entusiasmo no pleito de 2018 em troca do pragmatismo político capaz de garantir sua sobrevivência. Os principais líderes do bloco são investigados, indiciados, denunciados, réus ou condenados por corrupção. Alguns estiveram até presos, como Valdemar Costa Neto (PL) e Roberto Jefferson (PTB), dois personagens célebres do escândalo do mensalão. Diante do aumento da instabilidade de seu mandato, Bolsonaro terá de ceder cada vez mais às velhas rapo-



FOTOS PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

O RETORNO DOS... Jefferson: de ex-detento a interlocutor do governo



...MENSALEIROS Costa Neto: da prisão para o Banco do Nordeste

UESLEI MARCELINO/REUTERS



NEGOCIADOR Braga Netto: símbolo da ascensão militar no Palácio, o general comanda articulação por nova base política

AVIR

sas de Brasília em busca de salvação. Não que seja neófito nisso. Um primeiro ensaio se deu com a reforma da Previdência, quando prometeu emendas e cargos para aprovar o projeto. Mas à época sofreu com uma articulação política mambembe. Agora, tenta formar uma base política que garanta um mínimo de estabilidade para ele no Parlamento. Para evitar o afastamento, são necessários 172 votos, de um total de 513 deputados. Parece pouco, mas hoje o presidente tem, formalmente, apenas o apoio de metade do PSL — cerca de 25 parlamentares.

A ida do governo ao balcão de negócios da política vai custar caro. O Centrão já colocou para circular a lista dos cargos que precisam estar na mesa de negociação. O novo amigo do presidente, Arthur Lira — cuja ex-mulher Jullyene Lins afirmou a VEJA em dezembro passado que ele tem um patrimônio oculto de pelo menos 40 milhões de reais —, atua em dobradi-

nha com o presidente de seu partido, senador Ciro Nogueira (PI) — este acusado pela Odebrecht de receber 7,3 milhões de reais como propina —, para abocanhar o que pode. De quebra, Lira tenta se cacifar também para substituir Rodrigo Maia (DEM-RJ) na



ADRIANO MACHADO/REUTERS

PRÓXIMA VÍTIMA?

Tereza Cristina: ela é contra ceder cargos em seu ministério

presidência da Câmara em 2021 com o apoio do bolsonarismo. “Já fui do PP (*antigo nome do Progressistas*) por mais de dez anos. Por que não vou conversar com eles que foram meus colegas?”, questionou Bolsonaro na terça 28. O partido aguarda a nomeação de Marcelo Lopes da Ponte, ex-chefe de gabinete de Nogueira, para a presidência do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), cujo orçamento é de 54 bilhões. Também está de olho na Superintendência de Seguros Privados (Susep) e em secretarias do Ministério da Agricultura. Ainda disputa a presidência do Banco do Nordeste com o PL, dirigido por Costa Neto, que já tem reservada a Secretaria de Vigilância em Saúde, o principal órgão de formulação de estratégias contra o coronavírus. O ex-ministro Gilberto Kassab (PSD) pode ficar com a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) e parte do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e



DONO DA BOLA Maia: mais de trinta pedidos de impeachment em suas mãos

AVIR

Comunicações. A negociação é tão explícita que o deputado Paulinho da Força (Solidariedade-SP) disse a quem quisesse ouvir que o governo havia lhe oferecido o Porto de Santos, histórico polo de falcatrias, mas que ele recusara porque não era a hora de entrar no governo — mas, é claro, segue negociando.

Parlamentares que acompanham as barganhas explicam que a intenção do Planalto é esvaziar uma das principais atribuições de Maia: a de montar a famosa lista de cargos em estatais. Com o governo sem base no Congresso, até agora cabia a Maia colher as reivindicações dos deputados e levá-las aos articuladores do governo. A diferença apontada por deputados é que antes os pedidos não avançavam e ficavam restritos a postos de menor influência. “Os cargos agora têm relevância maior, têm uma abrangência nacional e conseguem fazer com que todos os deputados daquele partido

consigam brilhar na ponta da linha”, diz uma liderança palaciana. Um dos que andam anotando esse tipo de pedido é o líder do governo no Congresso, senador Eduardo Gomes (MDB-TO). Foi ele quem articulou a ida de Flávio Bolsonaro ao Republicanos, presidido pelo pastor e deputado Marcos Pereira (SP), que reivindica a Secretaria Nacional de Mobilidade e a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), além de uma vice-presidência da Caixa, que já ocupou no governo de Michel Temer. À época, Joesley Batista, dono da JBS, afirmou que a direção do banco facilitou um empréstimo de 2,7 bilhões de reais à companhia em troca de propina de 6 milhões de reais a Pereira. Já o MDB no Senado quer a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf). O governo, porém, já havia prometido que deixaria o órgão com o DEM, que não quer largar o osso. Até Roberto Jeffer-

son (PTB) saiu da sombra. Em tom de denúncia, passou a alardear um plano articulado por Maia para derrubar o governo. Enquanto isso, em silêncio, trabalha para a recriação do Ministério do Trabalho, que a sigla já controlou no passado. “Falta discutirmos mais seriamente com os deputados para oficializarmos (*a aliança*)”, afirmou Jefferson. As negociações em andamento poderão ter o efeito colateral de levar a novas defecções no governo. A ministra Tereza Cristina (DEM), da Agricultura, cansada de atuar como bombeira nas sucessivas crises com o agronegócio, ameaça deixar o cargo se o Palácio do Planalto lotear os postos que controla. Marcos Pontes, titular da pasta de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, é outro cotado para deixar o governo na bolsa de apostas de Brasília, caso um naco importante de seu ministério seja entregue a Kassab.

O desenho do “governo Bolsonaro — parte 2” é feito com a participação efetiva da ala militar, cujo líder é Braga Netto, sempre à mesa com o Centrão, ao lado de outro general da cúpula, o ministro Luiz Eduardo Ramos (Secretaria de Governo). Braga Netto se tornou, na prática, o novo superministro, principalmente porque, em meio à crise, tem feito a máquina andar. “Nenhum governo dá certo sem coordenação, e nós perdemos muito por falta de uma pessoa com o perfil do Braga. Ele tem método de trabalho, é o típico milico: coordena, define meta e cobra prazo”, afirmou um dos auxiliares do presidente. Além da trombada com Paulo Guedes (Economia) em torno do controverso programa de investimentos públicos Pró-Brasil (*veja a reportagem na pág. 56*), Braga Netto entrou em campo para tentar apaziguar o então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, quando este desafiava abertamente Bolsonaro em suas entrevistas coletivas diárias sobre o coronavírus. Com

a troca por Nelson Teich, os militares emplacaram o número 2 da pasta, o general Eduardo Pazuello. Braga Netto também avançou sobre a área de comunicação — a peça de lançamento do Pró-Brasil foi feita em seu gabinete, sem a participação da Secretaria de Comunicação da Presidência (Secom), chefiada por Fabio Wajngarten. “O desempenho dele só chama atenção porque o governo nunca teve um ministro que exercesse a função da Casa Civil. Onyx Lorenzoni nunca atuou como coordenador de ministérios nem como articulador político”, diz o general da reserva Maynard Santa Rosa, que chefiou a Secretaria de Assuntos Estratégicos. A ascensão militar envolveu o próprio Mourão, que assumiu o renovado Conselho da Amazônia, que passou a abarcar catorze ministérios.

A chance de ser vitoriosa a empreitada de Bolsonaro pela refundação de seu governo é incerta. Depois de, no início da gestão, ter tentado negociar com bancadas temáticas, à margem dos partidos, e ver a estratégia revelar-se insuficiente pela falta de coesão entre os agrupamentos, ele agora corre o risco de virar refém do que dizia abominar. Não só Bolsonaro é imprevisível, como o Centrão também não é conhecido por ser fiel. “Quando o Bolsonaro se livrar dessa condição mais delicada, ele próprio vai chutar o Centrão. Do mesmo modo que, se o Bolsonaro cair em popularidade, o Centrão, depois de receber esses recursos, vai pular fora”, afirma Antônio Augusto Queiroz, analista político do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap). O apelo ao bloco fisiológico na hora da crise lembra as situações vividas por Fernando Collor e Dilma Rousseff — em nenhum dos casos, o movimento garantiu a sobrevivência. Em compensação, funcionou com Michel Temer, que barrou no Congresso duas denúncias feitas pela Lava-Jato em



ZECA RIBEIRO/CÂMARA DEPUTADOS

NÃO DEU CERTO Dilma: nem a aliança com o Centrão evitou o impeachment



ALOISIO MAURICIO/FOTARENA

DEU CERTO Temer: denúncias e pedidos de cassação barrados no Congresso



meio à enorme crise desencadeada pela revelação da conversa “tem que manter isso aí” com Joesley Batista.

A crise do coronavírus pode garantir o tempo necessário para Bolsonaro se rearticular. O Congresso precisa priorizar o enfrentamento da doença em vez de ficar discutindo um impeachment ou CPI, como expôs Maia ao longo da semana. A população insatisfeita com o governo também não pode sair às ruas, o que elevaria a pressão pelo afastamento. Segundo o Datafolha divulgou no dia 27, após a saída de Moro, 45% apoiam o impeachment e 46% defendem a sua renúncia. “A opinião pública não se move do dia para a noite. As pessoas terão de pensar se vale a pena o custo de transição de um presidente para outro”, diz Malco Camargos, cientista político da PUC-MG.

Se por um lado a Covid-19 ajuda a esfriar a pressão das ruas e o clima no Congresso, por outro o avanço da doença expõe o despreparo do presidente para enfrentar a questão. Quando o número de mortos rompeu a barreira dos 5 000, ultrapassando a China, Bolsonaro soltou a sua frase mais desastrosa — e não foram poucas — sobre a pandemia: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”. Há ainda a questão econômica: as projeções para o PIB são de queda de 5,2%. A combinação de uma calamidade sanitária com a pior recessão que o país poderá enfrentar em anos já era motivo suficiente para preocupação, mas Bolsonaro tratou de abrir também uma crise política e agora tenta embicar a sua nau em outra direção. O tempo dirá se a manobra vai dar certo ou se vai acelerar o naufrágio do governo. ■

O ABACAXI PARA DESCASCAR

Bolsonaro precisa corrigir a rota em condições desfavoráveis

HÁ ALGO ERRADO num país onde a taxa de mortalidade política dos presidentes eleitos é de estonteantes 50%. Mais de dez vezes a da Covid-19 (e ainda tem a subnotificação). Jair Bolsonaro é o quinto presidente saído da urna desde a volta das eleições diretas para o Palácio do Planalto, em 1989, e agora começa a sofrer, como a maioria, o cerco e a tentativa de aniquilamento. Vamos ver como ele se sai.

Não que os substitutos estejam imunizados contra o problema. Viram alvo instantaneamente quando se sentam na cadeira. O vice de Fernando Collor, Itamar Franco, só escapou da liquidação quando finalmente aceitou ser um presidente decorativo e nomeou Fernando Henrique Cardoso para a Fazenda. Com o primeiro-ministro. Saciou ali a sede de poder dos que sempre querem muito mandar, mas só de vez em quando têm os votos para tal.

Para cruzar a correnteza, Michel Temer precisou usar todo o repertório de ás da hoje estigmatizada velha política. Foi ajudado por um fato singular, que Dilma Rousseff não conseguiu manobrar para ela própria: como quase todos estavam meio encrocados com a Lava-Jato, estabeleceu-se no mundo político um certo espírito de corpo e Temer foi usado de boi de piranha. Para dar tempo de pelo menos um punhado de bois atravessar.

Qual é então o problema? Algum deve mesmo haver, porque definitivamente os índices brasileiros de perecimento político presidencial não são normais. Uns dirão que o povo não sabe votar bem. Hipótese não verificável. Outros, que o presidencialismo é

um sistema bichado. Contra isso, observem-se as dificuldades mundo afora para formar e manter governos estáveis em parlamentarismos onde o bipartidismo colapsou.

O xis da questão é outro. O sistema aqui está organizado para impedir que o presidente da República escolhido pelo povo consiga governar com quem o elegeu. Isso seria possível apenas se o presidente trouxesse com ele, da mesma urna, uma maioria parlamentar. As regras brasileiras forçam exatamente o contrário: desde a Constituinte, nunca um presidente eleito levou à Câmara dos Deputados e ao Senado maiorias orgânicas.

Notem, caro leitor e cara leitora, que quando a opinião pública encasqueta com um governo essa ingovernabilidade potencial é apresentada como algo bom, e o governante que tenta formar base parlamentar é acusado de “comprar votos”. Já quando o governo é, digamos, bem-visto, lamenta-se a fragmentação e surgem os apelos pelo aperfeiçoamento da articulação política. E a distribuição de cargos e verbas adquire verniz algo republicano.

Jair Bolsonaro está em xeque principalmente porque 1) resolveu surfar na conversa de que haveria uma nova política e subestimou a necessidade de sustentação parlamentar e 2) trouxe para dentro do governo em posições de poder potenciais opositores à reeleição dele em 2022. Ingenuidade. Quer (precisa) corrigir a rota agora em condições mais desfavoráveis, no meio de uma pandemia e com a economia ameaçada de ir a pique.

Um abacaxi não trivial de descascar. ■

“Há algo errado num país onde a taxa de mortalidade política dos presidentes eleitos é de estonteantes 50%”

AVIR

PALMAS PARA O CAPITÃO

Por razões que vão da ideologia à necessidade de caixa, três políticos destoam do bloco de oposição dos governadores ao presidente **ANDRÉ SIQUEIRA E JOÃO BATISTA JR.**

ENQUANTO a maioria dos 27 governadores do país anda em pé de guerra com Jair Bolsonaro desde o início da crise, com o paulista João Doria (PSDB) e o fluminense Wilson Witzel (PSC) encarnando o papel de principais opositores, chama atenção o comportamento de uma minoria que segue firme no apoio ao presidente. Entre outras demonstrações recentes de fidelidade, esses políticos não assinaram a carta elaborada pelo Fórum dos Governadores para defender os presidentes da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, e do Senado, Davi Alcolumbre, em resposta à participação de Bolsonaro no ato do último dia 19 no Quartel-General do Exército, em Brasília, que pedia o fechamento do Congresso e do STF. Por razões variadas, que vão de simpatias ideológicas a pragmatismo político, Ratinho Jr. (PSD), do Paraná, Romeu Zema (Novo), de Minas Gerais, e Ibaneis Rocha (MDB), do Distrito Federal, formam o trio parada dura que mantém uma pequena fissura no paredão cada vez mais sólido de isolamento político do Palácio do Planalto.

Filho do apresentador de TV Carlos Massa, mais conhecido como Ratinho, de quem herdou o apelido, o paranaense é o governador mais próximo de Bolsonaro, a ponto de ter sido o único chefe de Executivo estadual a fazer parte da comitiva do presidente aos Estados Unidos em março. Na volta, 23 integrantes da missão foram diagnosticados com Covid-19. Já o teste de Ratinho Jr. deu negativo.

Na semana retrasada, ele esteve perto novamente do perigo em um evento realizado no Hospital Universitário de Maringá. Ex-ministro da Saúde de Michel Temer, o deputado federal Ricardo Barros (PP) testou positivo 24 horas depois da cerimônia, em que cumprimentou o governador. Ratinho Jr. foi obrigado a repetir o exame — que, mais uma vez, acusou negativo. Na questão das políticas públicas adotadas contra a doença, o governador tomou um caminho diferente do de Bolsonaro, mas com o cuidado de não criticar o presidente, como fizeram seus colegas Doria e Witzel. “Não tenho tempo para briga política que, no fim das contas, vai prejudicar meu estado”, afirmou a VEJA.

No momento em que Bolsonaro falava de “gripezinha” e estimulava a população a voltar às ruas, o paranaense adotou a política do isolamento horizontal para a população, fechou o comércio e mandou que agentes de saúde testassem motoristas — em especial, caminhoneiros, em dezessete divisas com os outros estados. Quem estava com febre era encaminhado a um posto médico para fazer testes. O governador acrescentou também 560 novos leitos de UTI ao sistema hospitalar, um aumento de 20% da capacidade anterior. Como resultado desse conjunto de ações, o Paraná goza de uma situação relativamente privilegiada. Regis-

AFAGOS Ratinho pai: merchan e defesa do presidente na TV

EDUARDO MATYSIAK/FUTURA PRESS





ISAC NOBREGA/PR

trou 82 mortes até a última quinta, 30, embora seja o quinto estado mais populoso do Brasil (11,4 milhões de habitantes). A condução diante da crise é elogiada até pela oposição. Líder do PT na Câmara, o deputado estadual Enio Verri descreve o governador como “um Bolsonaro calado”. O que seria isso? “Sua prática política tem sido ultraliberal, com corte de verbas. Acha que o Estado mínimo resolve tudo”, explica Verri. “Por outro lado, no que tange às questões de saúde, o governador não é um negacionista: ele apoia o isolamento social e a Organização Mundial da Saúde”, completa.

No que se refere ao relaxamento da quarentena, o governador mais alinhado ao discurso do presidente no momento é Ibaneis Rocha. A rela-

“BOLSONARO CALADO” Ratinho Jr.: ele quer distância de conflitos

ção entre os dois nunca esteve tão boa, após o governador afirmar que vai liberar 80% do comércio a partir da primeira semana de maio. “Estou apaixonado por ele”, declarou Bolsonaro. Ambos se mostram unidos também na avaliação que fazem de Sergio Moro. Ibaneis sempre foi um ferrenho opositor do ex-juiz federal, e as críticas se acentuaram quando o líder do PCC, Marcola, foi transferido para Brasília, em março de 2019. Na cerimônia de posse de André Mendonça, o substituto de Moro no Ministério da Justiça, o presidente disse “somos irmãos” ao se referir ao governador do Distrito Federal. Até pouco tempo atrás essa relação não



LUDGI CARVALHO/FUTURA PRESS

PACTO IRRESTRITO Zema: de olho em verbas e no fim do isolamento social



FÁTIMA MEIRA/FUTURA PRESS

PENDULAR Ibaneis: passou do ataque para o afago com o avanço da pandemia

era tão cordial. Em fevereiro, Ibaneis afirmou que a proposta de Bolsonaro para reduzir o preço de combustíveis era “irresponsável”. No fim de março, elogiou o modelo de quarentena adotado em São Paulo por João Doria, o equivalente a um insulto ao presidente. Grande parte da mudança de comportamento pode ser explicada pela crise econômica gerada pela pandemia. Ela piorou a situação fiscal — que já não andava boa — dos estados e aumentou a necessidade de

verbas federais para quem precisa tentar sair do sufoco. O governo do Distrito Federal estima uma queda na arrecadação de ICMS e ISS no valor total de 1,39 bilhão de reais em comparação ao previsto na Lei Orçamentária Anual para 2020. Do lado de Bolsonaro, há boas razões para esquecer as rugas do passado recente. “O apoio de um governador do MDB, partido tradicional, é importante para o governo federal”, afirma Luis Felipe Belmonte, vice-presiden-

te do Aliança pelo Brasil, o partido em gestação do presidente.

Os cofres combalidos também reforçaram os laços de Romeu Zema com Brasília. Nas eleições de 2018, o empresário, neófito na política, contou muito com a onda gerada pelo capitão para pegar impulso para a vitória. Para enfrentar o rombo no caixa causado pela pandemia, Zema busca agora o apoio do governo federal, na direção contrária da de seu partido. Candidato a presidente do Novo no último pleito, João Amoêdo já pediu o impeachment ou a renúncia de Bolsonaro. “Enquanto Ratinho Jr. e Ibaneis traçaram um alinhamento político e ideológico, Zema tem muito medo de se indispor com o presidente, pois está à frente de um estado quebrado”, afirma Carlos Melo, cientista político do Insper. Minas Gerais estima uma queda de 14,12% na arrecadação de ICMS neste ano, aproximadamente 7,5 bilhões de reais a menos para os cofres estaduais. Em contrapartida, o governo federal repassou a Zema cerca de 582,5 milhões de reais para o combate ao coronavírus.

Dos três principais governadores alinhados com Bolsonaro (os dirigentes de Rondônia e Roraima também integram essa pequena tropa), Ratinho Jr. é o caçula (39 anos, ante 55 de Zema e 48 de Ibaneis) e o que tem mais ambições políticas. Filho mais velho de Ratinho, ele não gozou de privilégios na infância e adolescência. Seu primeiro trabalho foi aos 13 anos, como sonoplasta em uma rádio de São José dos Pinhais. Os tempos de dureza ficaram para trás. O Grupo Massa, conglomerado de seu pai, emprega 5 000 funcionários e possui 42 emissoras de rádio em estados como São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rondônia, além de cinco emissoras de TV no Paraná. Os negócios da empresa vão além da comunicação, com treze fazendas que produzem soja, milho e café. A maior delas, no



Acre, tem área de 200 000 hectares — o equivalente a 185 000 campos de futebol. Ratinho tem interesse em explorar madeira nessa propriedade. Durante a campanha do filho, ele usou sua popularidade para pedir votos: “Se você gosta de mim, ajude meu filho. Quem dá bala para o filho adoça a boca do pai”. O apresentador verborrágico é um eloquente apoiador de Bolsonaro em seu programa do SBT e já foi contratado para fazer merchandising da reforma da Previdência, em 2019.

A exemplo do pai, o filho é bolsonarista — mas menos apaixonado e mais pragmático. Na ponta do lápis, a política da boa vizinhança com o presidente tem mantido bem aberta a torneira de recursos federais para o Paraná. A construção da nova Ponte da Amizade, que liga o Brasil ao Paraguai e tem como meta aumentar a fiscalização de contrabando e drogas, está em andamento e vai custar 500 milhões de reais. Deve ficar pronta em 2022. Outra demanda antiga é a modernização e ampliação do Aeroporto de Foz do Iguaçu, ao custo total de 150 milhões de reais, que poderá receber — quando a pandemia e a crise passarem, evidentemente — voos diretos de Estados Unidos e Europa. A fidelidade de Ratinho Jr. ao presidente não foi abalada sequer pela queda de Sergio Moro, considerado pelo governador “o maior paranaense da história recente”. “Quem briga com Bolsonaro quer ganho político, eu só estou de olho no meu estado mesmo”, jura o governador, dando indiretas em Doria e Witzel. O discurso modesto tenta esconder grandes objetivos. Se na próxima eleição o foco é reeleger-se governador, aliados garantem que o sonho do futuro é bem maior: ser inquilino do Palácio do Planalto. ■

CONTAMINAÇÃO NA CORRIDA ELEITORAL

A Covid-19 engoliu 2020 e acelerou a disputa pela Presidência

TODOS OS EVENTOS capitais, como a pandemia que enfrentamos, terminam gerando algum tipo de consequência que afeta a dinâmica política. A Covid-19 já causa efeitos políticos importantes. Por exemplo, o acirramento das disputas federalistas entre o governo central e os estados. Mas não é só isso. Provoca também a radical mudança na política econômica, o que desgasta a relação do Legislativo com a equipe econômica. E, no campo prático, as votações on-line realizadas por parlamentares com o uso de aplicativos.

Mas que outras repercussões políticas devem ocorrer? Nas eleições municipais deste ano vetores relevantes de influência serão o combate à pandemia na esfera municipal e, também, a sensação térmica quanto ao meio ambiente econômico. Ou seja, os eleitores estarão com um olho no município e o outro na conjuntura.

Para as eleições de 2022, a questão se mostra mais complexa ainda, pois não existirão temas municipais mediando a agenda nacional. Provavelmente teremos uma eleição cujo vetor principal será a qualidade da saída da crise econômica gerada pela pandemia.

Sabendo disso, alguns potenciais competidores se movimentam. Os embates políticos em torno do combate à pandemia já revelam motivações eleitorais. Até mesmo a renúncia de Sergio Moro ao Ministério da Justiça mostra um movimento eleitoral. No limite, a pandemia engoliu 2020 e acelerou a corrida presidencial. Como o eixo central da política é a Presidência da República, as eleições presidenciais de 2022 podem estar sendo decididas com base nas medidas tomadas agora

por Jair Bolsonaro. Tal reflexão nos leva a algumas conclusões: o ano está economicamente perdido, e, por causa disso, o governo terá de acelerar suas ações para se manter competitivo em uma eventual tentativa de reeleição. Tanto no campo político, com a ampliação de sua base de sustentação, quanto no campo econômico, gerando crescimento e evitando uma recessão.

Ainda no meio da pandemia, o governo Bolsonaro ganhou popularidade entre setores de baixa renda em decorrência de suas iniciativas, compensando, de início, o desgaste com a renúncia de Sergio Moro.

Mas a corrida está apenas começando. É um cenário complexo que indica duas relevantes mudanças de rumo: a construção de uma base de sustentação com figuras e partidos que integram o que o presidente chama de “velha política” e a adoção de

iniciativas anticíclicas que devem ser postas em prática para evitar a estagnação da economia.

Com uma base política consistente, Bolsonaro evitaria as armadilhas dos pedidos de impeachment e minimizaria as pautas-bomba de cunho fiscal. Com a economia voltando a funcionar, poderia manter-se popular. São desafios que demandam capacidade de planejamento e de implementação muito sofisticada, além de uma melhora substancial na comunicação do governo.

A superação ou não desses obstáculos pode definir o cenário eleitoral para 2022. Apesar das dúvidas e do tempo que falta para as eleições, a disputa já está em curso e todos que pretendem concorrer sabem disso. ■

“O ano está economicamente perdido, e o governo terá de acelerar suas ações para ser competitivo”

AVIR

COM TODAS AS VÊNIAS

Com a saída de Sergio Moro do páreo, volta a operar a bolsa de candidatos à próxima vaga de ministro do Supremo Tribunal Federal **LARYSSA BORGES**



MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

NOS BASTIDORES Celso de Mello: a cadeira do decano, que se aposenta em novembro, voltou a ser disputada

A **COMPOSIÇÃO** do Supremo Tribunal Federal é uma preocupação antiga de Jair Bolsonaro. Na campanha, ele disse que poderia aumentar de onze para 21 o número de ministros do STF para “colocar dez isentos lá dentro”. Sua proposta com a mudança, que jamais saiu do papel, era obter uma sólida maioria na mais alta instância do Judiciário, a quem cabe julgar o presidente da República e parlamentares, como seus filhos Flávio, senador, e Eduardo, deputado federal. Empossado no Planalto, Bolsonaro estimulou ofensivas contra os magistrados, tendo participa-

do pessoalmente de uma manifestação de rua que tinha como bandeira, entre outras coisas, o fechamento do STF. As tentativas de intimidação não deram resultado. Na segunda-feira 27, o ministro Celso de Mello determinou a abertura de inquérito para apurar a denúncia — feita pelo ex-ministro Sergio Moro — de que Bolsonaro buscou interferir politicamente na Polícia Federal. Dois dias depois, em mais um revés para o governo, o ministro Alexandre de Moraes suspendeu a nomeação de Alexandre Ramagem, o nome escolhido pelo presidente para chefiar a PF.

Hoje, as decisões e os humores do topo do Judiciário são desfavoráveis ao mandatário. Por isso, tornaram-se cruciais para Bolsonaro as indicações que ele fará ao Supremo quando das aposentadorias compulsórias de Celso de Mello, em novembro deste ano, de Marco Aurélio Mello, em julho de 2021. Inicialmente, a ideia do presidente era escolher para o tribunal um nome comprometido com sua agenda conservadora e que votasse, por exemplo, contra a flexibilização da lei do aborto e a descriminalização das drogas. Bolsonaro chegou a declarar

OS SUPREMÁVEIS



MARCOS CORRÊA/PR

JORGE OLIVEIRA

Perfil: advogado, o ministro da Secretaria-Geral da Presidência é da estrita confiança de Jair Bolsonaro.
Problema: tem pouca vivência no mundo jurídico.



JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

ANDRÉ MENDONÇA

Perfil: ex-advogado-geral da União do governo Bolsonaro. Foi recentemente promovido a ministro da Justiça.
Problema: é jovem e enfrenta candidatos com maior experiência jurídica.



ALEXANDRE ROCHA

IVES GANDRA MARTINS FILHO

Perfil: tem sólida formação jurídica, trânsito no STF e boas relações com o presidente.
Problema: o conservadorismo exacerbado já o eliminou de indicações anteriores.



JOSE LUCENA/FUTURA PRESS

MARCELO BRETAS

Perfil: é o responsável pela Lava-Jato no Rio. Evangélico, aproximou-se do presidente.
Problema: juiz de primeira instância, seus métodos são criticados por ministros de tribunais superiores.

que poderia optar por alguém “terivelmente evangélico” para o posto. Agora, além de terem o conservadorismo, os candidatos à vaga deverão inspirar a certeza de que, uma vez empossados, trabalharão pelo arquivamento da investigação aberta contra o presidente. Se esse caso não estiver concluído até a aposentadoria de Celso de Mello, o nome indicado deverá assumir a relatoria do inquérito, como determinam as regras internas da Corte, e, em tese, decidir sobre quebras de sigilo, depoimentos e perícias.

Até pedir demissão, o ex-juiz da Lava-Jato era considerado favorito para uma das cadeiras no Supremo. Outro nome em alta há tempos é André Mendonça, ex-advogado-geral da União e sucessor de Moro no Ministério da Justiça. Mendonça é evangélico, tem boa relação com o presidente do Supremo, Dias Toffoli, e ainda faz questão de demonstrar lealdade a Bolsonaro. Chegou a chamar o presidente de profeta ao assumir a pasta da Justi-

ça. Entre os cotados para substituir Celso de Mello, Mendonça desponta como preferido. Também aparece bem posicionado no páreo o ministro do Tribunal Superior do Trabalho (TST) Ives Gandra Martins Filho, que é terivelmente católico e tem bom trânsito com os ministros do STF Dias Toffoli e Gilmar Mendes. Gandra Filho é um antigo postulante a uma toga na Corte. No governo de Michel Temer fez campanha pela vaga, mas acabou preterido por Alexandre de Moraes, que agora cuida dos inquéritos sobre *fake news* e ameaças à democracia.

Além de juizes do Superior Tribunal de Justiça (STJ), que sempre se insinuam ao presidente de turno, figura entre os cotados para o STF o ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República, Jorge Oliveira, que é amigo de Jair Bolsonaro. Há, no entanto, pelo menos duas restrições a seu nome. Uma é o fato de estar registrado na Ordem dos Advogados do Brasil há apenas sete anos e, por isso,

ser chamado de estagiário por advogados mais experientes que trabalham com o presidente. Se as sabatinas do Senado não fossem de fanfarraria, provavelmente Oliveira seria reprovado no quesito notório saber jurídico, exigido pela Constituição. A outra restrição se baseia na vontade de Oliveira — segundo seus familiares, ele não quer ser nomeado para o Supremo. Nos corredores do Planalto, diz-se que o desejo dele é inversamente proporcional ao do juiz Marcelo Bretas, que cuida dos processos da Lava-Jato no Rio. Evangélico, Bretas tem se dedicado a afagos a Bolsonaro e, se fosse escolhido para a vaga, poderia dar ao presidente uma chance de retomar o discurso de campanha contra a corrupção. Bolsonaro não se mostra tão entusiasmado com a ideia. O motivo é simples: Bretas não goza de muito prestígio no Supremo — e é justamente de prestígio que o presidente precisa para pelo menos equilibrar o jogo no tribunal. ■

APAGÃO AMBIENTAL

Em meio à pandemia, o desmatamento dispara na Amazônia e fiscais do Ibama enfrentam problemas sérios para atuar contra os exploradores ilegais **EDUARDO GONÇALVES**

A PANDEMIA se tornou uma cortina de fumaça para o avanço do desmatamento na Amazônia. Com os olhos do Brasil — e do mundo — voltados para a crise do coronavírus, madeireiros, garimpeiros e grileiros multiplicaram ações criminosas, aproveitando-se do momento para avançar sobre a floresta com motosserras e retroescavadeiras. Os alertas de áreas devastadas bateram o recorde no primeiro trimestre deste ano, totalizando 796 quilômetros quadrados, o que representa um aumento de 51% em relação ao mesmo período de 2019, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Informações preliminares mostram que aumentou ainda mais o ritmo de estragos entre março e abril, justamente quando boa parte do Brasil entrou em quarentena.

Enquanto a supressão da mata segue em ritmo acelerado, as ações de fiscalização e os autos de infração vêm caindo. Desmoralizado desde o ano passado pelo discurso de um governo que fala em incentivar a exploração em áreas protegidas, o Ibama sofreu um baque adicional com a Covid-19. Calcula-se que quase um terço do efetivo de seus profissionais de campo tenha sido afastado por pertencer a grupos de risco. Se não bastasse, as equipes que continuam em ação vêm encontrando dificuldades para atuar em certas regiões, como o Norte do país, porque algumas prefeituras determinaram que elas devem passar por um período de quarentena. O pretexto é de que isso evitaria trazer

de fora para dentro a doença. Um completo absurdo, é claro, pois acaba com o efeito surpresa de quem está lá para fazer um flagrante. “Seria importante que vocês reavaliassem essa conduta (...). Talvez esperar passar esse período de pandemia”, argumentou o prefeito de Uruará, Gilson Brandão, em áudio obtido por VEJA, no último dia 20, a fiscais do Ibama, que haviam determinado a saída de invasores e a retirada de gado da terra indígena de Cachoeira Seca, no interior do Pará.

O estado foi palco de um caso que exemplifica bem a situação atual de descalabro. No início de abril, uma equipe do Ibama, com o apoio da Força Nacional, realizou uma megaoperação em reservas indígenas no sul do Pará — área onde o sistema identificou o maior território derrubado da floresta. Orientados por indígenas, os agentes flagraram, ao longo de duas semanas de investigação, serrarias, pontes e aeroportos clandestinos no meio da mata que deveria ser fechada, conforme relatório interno obtido por VEJA. Escondidos com galhos e folhas de árvores para escapar do radar dos helicópteros foram encontrados também tratores, galões de combustível e dezenas de armas. Depois, os fiscais incendiaram cerca de setenta equipamentos dos invasores, conforme manda a lei no caso de impossibilidade de realizar o transporte e a apreensão desses materiais.

O trabalho dos agentes na região continuou nos últimos dias, mas a

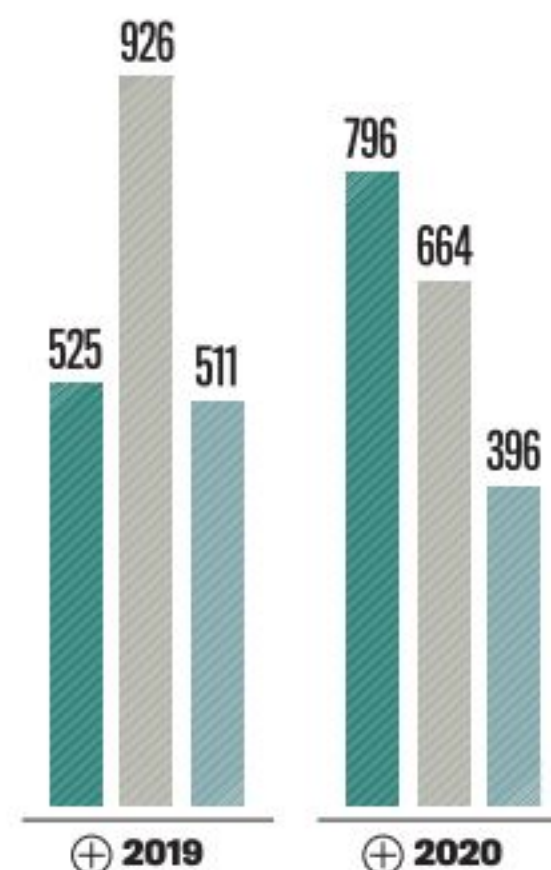


IBAMA

IMPACTO NA FLORESTA

O desmatamento aumenta, enquanto a fiscalização cai (de janeiro a março)

■ ALERTAS DE DESMATAMENTO NA AMAZÔNIA (km²)
■ AUTOS DE INFRAÇÃO
■ ORDENS DE FISCALIZAÇÃO



Fontes: Sistema Deter e Observatório do Clima



AVIR

equipe sofreu baixas importantes. Responsáveis por coordenar a megaoperação, dois diretores de fiscalização do órgão, Renê de Oliveira e Hugo Loss, foram exonerados na última quinta-feira, dia 30. O chefe deles, o diretor de Proteção Ambiental, Olivaldi Azevedo, já havia sido destituído no dia 14. A interlocutores, os profissionais disseram que não houve nenhuma determinação formal para interromper a fiscalização. Segundo eles, no entanto, ficou claro que a forma de trabalho “não agradou” à cúpula do Ministério do Meio Ambiente. Em 21 de abril, dezesseis analistas ambientais do Ibama saíram em defesa dos companheiros, enviando um documento de protesto à chefia do órgão ambiental. Já o Ministério Público Federal abriu uma ação civil pública para apurar se houve “improbidade administrativa e violação aos princípios da morali-

dade e legalidade” na demissão de Olivaldi. O Ministério do Meio Ambiente não justificou as demissões. Apesar de as ações no Pará estarem amparadas na lei, o presidente Jair Bolsonaro é um crítico contumaz desse tipo de operação. “Não é para queimar nada”, disse ele em abril do ano passado, criticando o ocorrido em um caso semelhante. O presidente também é um ferrenho defensor da exploração de minérios em áreas indígenas — desde fevereiro tramita no Congresso um projeto de lei do Executivo que autoriza essas atividades.

Quase um consenso entre os especialistas, o enfraquecimento da fiscalização por causa da Covid-19 pode levar a Amazônia a novos recordes de desmatamento. “É preocupante, porque ainda estamos na época das chuvas. A partir de maio a tendência é aumentar com as queimadas”, diz Carlos Souza Junior, pesquisador do instituto

DESASTRE Ação no interior do Pará: diretores do Ibama foram afastados após a operação

Imazon. No dia 23, a força-tarefa da Procuradoria na Amazônia moveu um processo na Justiça para cobrar a ação imediata do governo para conter a “destruição da floresta”. Diante dos alertas, a preocupação internacional com o tema voltou a aparecer. No dia 26, a consultoria global Eurasia alertou os investidores para o fato de que a pandemia aceleraria o desmatamento. O assunto ganhou destaque em jornais como o britânico *The Guardian*. A volta das manchetes internacionais acusando o Brasil de descaso com esse patrimônio ambiental é outra péssima notícia para a imagem do país, cujo governo já vem sendo retratado no exterior como um dos líderes do discurso negacionista em relação ao risco do coronavírus. O pior é que, em ambas as situações, as críticas são pertinentes. ■



DECORAÇÃO “Fique dentro de casa”: os moradores da Rocinha descartam a ordem e rezam para não ser contaminados

O VÍRUS CHEGA À FAVELA

Nos bolsões de pobreza como a Rocinha, o contágio dispara, mas as ruas estão cheias de gente sem condição de parar tudo e se proteger da doença **CÁSSIO BRUNO E SOFIA CERQUEIRA**

“**POR FAVOR**, me ajuda! Preciso de uma transferência urgente”, disparou em mensagem de WhatsApp o pintor Jorge Machado, 61 anos, ao ser procurado pela reportagem de VEJA. Ele fora indicado como um dos vários acometidos pela Covid-19 na Rocinha, a maior favela da América Latina, incrustada na Zona Sul do Rio de Janeiro e agora um triste cartão-postal do avanço da pandemia

em bolsões de pobreza. Machado se encontrava na Unidade de Pronto Atendimento (UPA), desesperado para ser conduzido a um leito hospitalar. “Já estou aqui há uma semana. Tenho de ir para qualquer hospital, preciso ficar no oxigênio”, explicava. Depois, sumiu — a ponto de nem sua mulher, a empregada doméstica Maria Helena Conceição, saber de seu paradeiro, revelado apenas dois dias

mais tarde. Ele estava em uma UTI, intubado e incomunicável, e viria a morrer naquela mesma semana.

Quando o novo coronavírus começou a se alastrar pela Ásia, para depois mostrar sua força destrutiva na Europa e nos Estados Unidos, o meio científico fez soar um alarme que derramava atenção sobre a banda mais vulnerável do planeta. Como seria na hora em que o inimigo invisí-

vel aterrissasse nos aglomerados de casebres plantados em meio à escassez — até mesmo de água para manter as mãos higienizadas e livres do vírus? Este capítulo da pandemia está sendo escrito à medida que as 6 300 favelas do Brasil registram curvas crescentes — e, se nada for feito, galopantes — de infectados. Quase 12 milhões de brasileiros vivem em favelas, 70 000 deles encarapitados na Rocinha. “A alta densidade demográfica desses lugares aliada à falta de serviços básicos os torna terreno fértil para a proliferação do coronavírus”, afirma o demógrafo e pesquisador José Eustáquio Alves.

Como ocorre em todo o Brasil, as favelas também se ressentem da falta de dados sobre a pandemia, só que de forma mais gritante, uma vez que quase ninguém — mesmo aqueles que apresentam o roteiro completo dos sintomas — tem acesso ao teste para confirmar a doença. Por isso, até a quinta-feira 30 havia 53 infectados e seis mortos na Rocinha, enquanto o quadro pintado por especialistas e por quem acompanha o drama nos becos e vielas era bem mais grave. “Nosso cálculo indica uma quantidade quinze vezes maior que os números oficiais (cerca de 800 contaminados)”, estima Domingos Alves, chefe do Laboratório de Inteligência em Saúde da Universidade de São Paulo. Uma outra aferição feita aleatoriamente ali em um grupo de cinquenta moradores mostrou que 35% testaram positivo. “Tem muita gente morrendo, e isso não aparece. Só de casos que chegaram a mim nos últimos dias foram 22”, afirma Wallace Pereira, presidente da associação de moradores da favela. A reportagem foi informada de outros dois óbitos na mesma quinta-feira.

Estampado em uma faixa pendurada na entrada da Rocinha, o aviso “Fique dentro de casa” tem efeito meramente decorativo. Lá a quarentena não está valendo, e não se vê sinal do



RICARDO BORGES

poder público para frear o comércio, quase todo aberto com o aval das autoridades locais — no caso, as do tráfico, que historicamente dão as cartas nesse naco da cidade. No começo, houve até certo grau de isolamento, por ordem dos próprios bandidos. Não mais: eles foram avistados pela reportagem vendendo drogas à vontade debaixo do sol. As ruas estavam coalhadas de gente e formavam-se

LAVAR AS MÃOS COMO?

Mirabel dos Santos, 60 anos

No beco em que mora com a sogra, de 77 anos, e mais duas famílias, situado na parte alta da Rocinha, a auxiliar de limpeza desempregada conta que falta água constantemente, às vezes três dias na semana. De todos os moradores, só uma vizinha e três crianças não tiveram sintomas de Covid-19. “Aqui ninguém foi testado”, diz ela (de pé, à esq.).



TUDO IGUAL Rua da favela: comércio aberto e bailes, com aval do tráfico

ruidosas aglomerações nos bares. Festas e forrós embalam a noite como se uma pandemia não assolasse o planeta. “Parece que as pessoas aqui não entenderam o horror que é essa doença”, desabafa Maria Helena Conceição, a viúva de Jorge, aquele que pediu socorro pelo celular.

Questões de ordem prática pesam decisivamente para que moradores da favela driblem o confinamento — inclusive aqueles sob fortes suspeitas de ter contraído Covid-19. A justificativa: precisar trabalhar e resolver pendências inadiáveis do dia a dia. “Não tenho quem me ajude. Tinha de pegar o auxílio-alimentação dado pela escola da minha filha e comprar comida”, diz a cabeleireira Débora Cândida da Silva, 31 anos, ao lado de Maria Regina, de 4. Mesmo com febre, tosse, dor de garganta e a “cabeça estourando”, Débora desobedeceu à ordem médica de permanecer em casa por duas semanas. O vírus está tão presente que as pessoas conseguem traçar mentalmente a cadeia do contágio. Débora acredita ter pego a doença do vendedor de peixes Reginaldo de Souza, 78 anos, que também penou. “Estava com tanta falta de ar que, na emergência, pensei: ‘Agora sei como as pessoas estão morrendo’”, conta.

Como o Sars-CoV-2 custou a desembarcar em lares brasileiros mais pobres — ele atingiu primeiro as classes altas, infectadas em viagens ao exterior —, só agora o sistema de saúde público está sendo testado para valer. A UPA da Rocinha anda com a sala vermelha, a da reanimação, cheia (enquanto na unidade de pronto atendimento do Complexo do Alemão corpos enrolados em lençol aguardavam para ser levados para algum cemitério da cidade). Como em outras capitais, as unidades de terapia intensiva no Rio estão abarrotadas, com 97% de ocupação (leia reportagem na pág. 74). Em um cenário assim, a cartilha da prevenção se impõe como questão de so-

RICARDO BORGES



RICARDO BORGES

DO HOSPITAL PARA A RUA

Reginaldo de Souza, 78 anos

Quatro dias depois de deixar o hospital, o vendedor de peixes circulava normalmente pela favela, conversando com conhecidos. Ele passou seis dias internado com falta de ar, saiu com ordem de ficar duas semanas em casa e mostra a cartela do antibiótico que ainda está tomando. “Disseram que eu tive coronavírus”, relata, despreocupado.

brevivência — mas a pobreza atrapa-
lha. Um levantamento nessas comuni-
dades mostra que metade dos mora-
dores não tem nem acesso a sanea-
mento básico. Na Rocinha, há vinte
valas de esgoto a céu aberto e falta
água nos pontos elevados do morro.

AVIR

A indignação da auxiliar de limpe-
za (agora desempregada) Mirabel dos
Santos, 60 anos, é compreensível.
“Falam para lavar as mãos o tempo

todo, mas como faço aqui?”, questio-
nava ela, que passa até três dias sem
uma gota na torneira. A recomenda-
ção de distanciamento social também
não resiste ao adensamento da favela.
Maribel reside em um barraco colado
aos de duas famílias, amontoados em
um beco sombrio onde não entra sol e
se respira mofo. Dos nove habitantes,
cinco estão com sintomas de Co-
vid-19. A camareira Antônia Dark da
Silva, 47 anos, teve febre, tosse, dor no
corpo e perda de paladar. “Não fui à
UPA. Se a gente não está desfalecen-
do, mandam de volta para casa. O que
nos resta é rezar para não morrer”,
diz. Que sirva de alerta para quem tem
a caneta na mão. ■



RICARDO BORGES

SEM TEMPO PARA PARAR

Débora da Silva, 31 anos

No posto de saúde aonde a cabeleireira
foi três vezes, “com a cabeça estourando”,
recebeu o diagnóstico de suspeita de
Covid-19 e a orientação de ficar em casa,
para não contaminar outras pessoas. Em
vez disso, passou no colégio da filha Maria
Regina, 4, e foi ao mercado. Na parada para
lavar as mãos em uma pia pública da Rocinha,
justificou-se: “Não tenho quem me ajude”.



FORÇA Bolsonaro, sobre o ministro: "O homem que decide a economia no Brasil é um só: chama-se Paulo Guedes"

O ÚLTIMO PILAR

Paulo Guedes não quer deixar o governo, ganha afagos do presidente, mas está incomodado com as interferências na política econômica. Se ele sair, será ruim. Sua tese é a melhor para o país

THIAGO BRONZATTO E LARISSA QUINTINO

Desde que assumiu o comando da equipe econômica com status de superministro, Paulo Guedes enfrenta com certa frequência a mesma pergunta: até quando continuará no governo? Durante a tramitação da reforma da Previdência, ele próprio alimentou essa dúvida ao declarar a VEJA que, se o presidente e o Congresso não quisessem aprovar o projeto, iria embora para casa. Agora, em meio à pandemia do novo coronavírus, a especulação sobre sua permanência no cargo voltou a ganhar corpo diante das sucessivas derrotas que o Posto Ipiranga vem sofrendo no Congresso e até dentro do governo. A última delas foi a apresentação pelo ministro-chefe da Casa Civil, general Braga Netto, de um plano de investimento em infraestrutura de cerca de 200 bilhões de reais em recursos públicos, iniciativa que Guedes, um liberal egresso da Escola de Chicago, repudia com veemência. Tão logo anunciado, o Pró-Brasil foi interpretado como um sinal de perda de poder de Guedes e passou a fomentar a suspeita de que ele poderia pedir demissão.

Na última sexta-feira, essa suspeita se acentuou depois que o outro superministro do governo, o ex-juiz Sergio Moro, deixou o cargo sob a alegação de que o presidente Jair Bolsonaro tentava interferir politicamente no Ministério da Justiça. O paralelo com a situação de Guedes foi inevitável, já que o Pró-Brasil, na avaliação do ministro, representa uma intervenção em sua seara. Conforme revelado pelo site de VEJA, Guedes chegou a se queixar ao presidente do plano, elaborado pelos ministros militares em parceria com Rogério Marinho, ministro do Desenvolvimento Regional. Relembrando o período da ditadura, Guedes disse a Bolsonaro: “Os militares começaram bem e acabaram mal. Acabaram mal porque não privatiza-

ram as empresas. Não abriram a economia. Não fizeram a transformação do Estado que nós queremos fazer”. Mesmo após essa conversa, alguns auxiliares de Guedes achavam que ele cumpriria a ameaça feita tantas vezes de “pedir o chapéu”. O mercado também teve essa percepção, tanto que oscilou para baixo na sexta-feira 24.

Bolsonaro, que diz não entender nada de economia, conhece muito bem a política. Após perder Sergio Moro, símbolo do combate à corrupção, o presidente agiu rapidamente para segurar Guedes, responsável pelo apoio de setores importantes do PIB ao governo. Já na manhã da segunda-feira 27, o mandatário apareceu no cercadinho do Palácio da Alvorada ao lado de Guedes, da ministra da Agricultura, Tereza Cristina, e do presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto. Diante das câmeras de TV, Bolsonaro foi enfático: “O homem que decide a economia no Brasil é um só: chama-se Paulo Guedes. Ele nos dá o norte, nos dá recomendações e o que nós realmente devemos

seguir”. O afago presidencial provocou reação imediata. O Ibovespa, o principal índice da bolsa de valores no Brasil, subiu 3,86%. No pregão anterior, depois das denúncias feitas por Moro contra Bolsonaro, a queda havia sido de 5,45%. Bolsonaro ainda dedicou outro afago a Guedes. Na quarta-feira 29, junto com o ministro, o presidente recebeu um pequeno grupo de empresários no Palácio do Planalto.

A reunião serviu como um desagravo ao chefe da equipe econômica. “O presidente reafirmou que o Guedes vai continuar sendo a voz forte da economia, e isso nos deixou muito tranquilos”, contou a VEJA Sebastião Bomfim Filho, um dos participantes do encontro. Mesmo com o agravamento da crise econômica devido ao avanço da Covid-19 no Brasil, Guedes insiste na aprovação de reformas estruturais como o melhor caminho a ser seguido. Sua equipe só aceitou abrir os cofres públicos após ser pressionada pelo Congresso e pelo próprio presidente da República, que consideraram tímidas



MODO GASTANÇA Rogério Marinho: o ex-assessor virou desafeto do ministro



INSTAGRAM@LUCIANO.HANG

DESAGRAVO Empresários se reúnem no Planalto: afagos e a garantia do presidente de que não haverá mudanças

AVIR

as reações iniciais. O Ministério da Economia estima que as medidas anunciadas pela pasta envolvam mais de 1 trilhão de reais, entre dinheiro já previsto no Orçamento, recursos novos e liberação de créditos. Cobrado dentro e fora do governo, Guedes alega que as medidas emergenciais precisam ter um caráter provisório, com data para acabar, e não podem abrir brecha para a criação de despesas permanentes.

“Em um momento de crise, em particular de uma crise como a atual, que não se sabe quanto tempo vai durar, não se pode perder a noção de estabilidade econômica. Caso contrário, a recessão deste ano poderá se estender por mais tempo”, diz o economista Ernesto Lozardo, professor da Fundação Getúlio Vargas. “Tão importante quanto enfrentar a crise é como sair dela, e o Brasil precisa manter a capacidade produtiva e a capacidade de investimento. As medidas tomadas até agora não desmon-



ISAC NOBREGA/PR

COMEÇA BEM General Ramos, o articulador político: trombadas

tam esses parâmetros. Não se pode sair jogando dinheiro, abrindo a torneira. Isso é irresponsabilidade fiscal e tem um preço muito alto”, acrescenta o economista, fazendo coro com as preocupações de Guedes. A tese é perfeita, a melhor para o país, mas tem resistências. A ala militar, com

exceção do ministro Tarcísio de Freitas, alinhado com o pensamento do Posto Ipiranga, é favorável a um peso maior do Estado na economia, especialmente em tempos de crise.

Para tornar ainda mais difícil o desafio de Guedes, ele enfrentará o apetite do notório Centrão, grupo de



GRANDE DEPRESSÃO: NUNCA MAIS

Aprendemos em 1929 a enfrentar graves crises como esta

partidos que está negociando apoio a Bolsonaro em troca de cargos e verbas públicas (*veja a reportagem na pág. 38*). Para os políticos dessa estirpe, cujos expoentes protagonizaram escândalos como o mensalão e o petro-lão, uma das saídas para a crise é transformar o país num grande canteiro de obras, o que pode render dividendos eleitorais a todos, incluindo o presidente. As negociações com o bloco, que pode ser decisivo para barrar um eventual processo de impeachment contra Bolsonaro, são capitaneadas pelos ministros Rogério Marinho, ex-assessor que se tornou desafeto de Guedes, e Luiz Eduardo Ramos, a quem o chefe da equipe econômica responsabiliza pelo fato de o Congresso ter aumentado o valor das emendas parlamentares que devem ser obrigatoriamente pagas pelo governo. “Apertar o botão da ganância e sair procurando farra eleitoral é simples. Volta e meia tem um que pensa isso, e o que nós temos de fazer? Bater em quem faz isso. Bater no bom sentido”, reagiu Guedes na semana passada.

Gasto público como a principal medida econômica não é novidade no Brasil. Usada pelos militares na década de 70, essa estratégia teve como resultado descontrolado nas contas públicas e hiperinflação. Recentemente, programas de infraestrutura de governos petistas agravaram a situação fiscal e ainda serviram para dar fôlego a esquemas de corrupção, que envolveram as principais empreiteiras do país. Ao assumir o cargo, Bolsonaro prometeu combate intransigente à rouboalheira e crescimento com rigor fiscal. A demissão de Moro fez ruir a primeira perna. A saída de Guedes, se ocorrer, levará o governo de vez ao chão. ■

PARA O FUNDO Monetário Internacional, o PIB mundial cairá 3% em 2020. A redução atingirá 7,5% na Zona do Euro, 5,9% nos Estados Unidos e 5,3% no Brasil. Será o pior desempenho desde a Grande Depressão, que começou na quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929. A situação só se normalizou no início dos anos 1940 com o aumento dos gastos americanos em preparação para a II Guerra.

A Grande Depressão resultou de clamorosos equívocos. Nos Estados Unidos, acreditava-se que falências regeneravam a economia. A recuperação, dizia-se, viria depois em bases mais sólidas. O Orçamento deveria ser equilibrado. A equipe do então presidente Herbert Hoover chegou até a comemorar a quebra de empresas.

Teve mais: o Federal Reserve, o banco central, aumentou a taxa de juros, quando deveria tê-la reduzido para injetar liquidez na economia. O governo assistiu, impassível, à quebra de 9 000 bancos. A Lei Smooth-Hawley elevou brutalmente as tarifas de importação. Uma sucessão inacreditável de desastres.

Em consequência de tudo isso, o crédito contraiu-se e o comércio mundial caiu um terço. Empresas quebraram em série e a recessão se espalhou pelo planeta. O Brasil sofreu com a queda vertiginosa dos preços do café, então sua principal fonte de exportações. O desemprego alcançou 25% da força de trabalho americana. Lá, apareceram favelas, chamadas de Hooverilles em “homenagem” ao presidente.

Só que o mundo aprendeu, felizmente, a reagir a crises. Com o New

Deal, o presidente Franklin Roosevelt criou o sistema de previdência social americano, ideia seguida por outros países. Surgiram o seguro-desemprego, a garantia de depósitos bancários, a regulação do mercado de capitais, mecanismos de financiamento à agricultura e o seguro rural. O investimento em infraestrutura aumentou.

O economista britânico John Maynard Keynes influenciou fortemente a reversão de crenças do governo americano. Sua obra clássica — *Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda* —, lançada em 1936, recomendava ampliar o gasto público para suprir a queda de demanda da economia. Haveria, assim, déficit orçamentário a ser financiado pelo excesso de poupança decorrente da contração do consumo. O economista americano Alvin Hansen disseminou tais ideias em livros, artigos e seminários na Universidade Har-

vard, dos quais participavam altos funcionários do governo.

No pós-guerra, adveio o Estado de bem-estar social, compreendendo, além da previdência social, programas em favor dos segmentos menos favorecidos. Os bancos centrais passaram a reagir apropriadamente, como ocorreu na crise financeira de 2008, em que expandiram a liquidez — os programas de *quantitative easing* —, e reduziram substancialmente as taxas de juros, que em alguns casos se tornaram negativas. Evitaram a repetição do pior.

Em crises como a atual, o Estado cresce. Os bancos centrais acionam seu arsenal de medidas. É muito baixo, pois, o risco de uma nova Grande Depressão. ■

“Os bancos centrais passaram a reagir apropriadamente, como ocorreu na crise financeira de 2008”

AVIR

DESUNIÃO EUROPEIA

A divisão entre os países do bloco econômico se agrava com os efeitos financeiros da Covid-19 e ameaça implodir a Zona do Euro **DENISE CHRISPIM MARIN E ERNESTO NEVES**

COMUMRASTRO de mais de 100 000 mortos e uma devastação econômica sem precedentes, a pandemia do novo coronavírus tem provocado uma desagradável sensação de *déjà-vu* no continente europeu. Encastelados em Bruxelas, cidade-sede do maior bloco econômico do planeta, os dirigentes da união política e econômica tentam controlar uma estrutura marcada por rachaduras e pela discórdia entre seus membros — exatamente como aconteceu há doze anos, logo depois do furacão marcado pela crise global de 2008. Enquanto as nações mais atingidas pela virose originada na China cobram medidas mais amplas para fazer frente à catástrofe que se instalou em seus territórios, os países do Norte rico seguem reticentes a fazer concessões e desviar-se das bases econômicas que caracterizam o bloco. A cizânia traz ainda outro componente indigesto: o inevitável balanço sobre quem ganha e quem perde com a abdicação da soberania na gestão da política monetária em nome da moeda única entre os dezenove países da Zona do Euro. Profundamente afetada pela Covid-19, a Itália surge como a maior perdedora nesse embate e a mais séria candidata a abandonar o projeto de integração monetária — e até o próprio bloco —, uma vez que ainda se ressentia dos impactos da crise anterior. Caso isso aconteça, o efeito tende a ser grande e apresentar consequências tão traumáticas quanto a saída do Reino Unido do grupo, o chamado Brexit.

A situação da Itália começou a provocar mal-estar entre seus pares no início de abril, quando a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, oficializou um pedido de desculpas a Roma. Na ocasião, ela disse que o bloco não teve agilidade e coesão suficientes para socorrer o país na fase mais crítica da pandemia. “Isso foi prejudicial e poderia ter sido evitado”, declarou. Passado praticamente um mês, ainda não há consenso sobre como se dará o socorro financeiro. Os italianos acreditam que o pronunciamento se tratou apenas de retórica. Para eles, a conduta das nações tem se pautado no cada um por si e o sinal mais claro disso é a resistência ferrenha da Alemanha e da Holanda à emissão dos chamados “coronabônus”, títulos nacionais que financiariam os gastos em escalada de governos já altamente endividados, mas que teriam seu risco compartilhado pelos demais parceiros europeus. “Nós estamos vivendo o maior choque desde a II Guerra Mundial, e a Europa tem de apresentar uma resposta”, implorou o primeiro-ministro italiano Giuseppe Conte, durante uma reunião dos líderes do bloco que terminou sem consenso há duas semanas.

Em situação fiscal mais confortável, a França já sinalizou total apoio aos coronabônus. E veio justamente do presidente Emmanuel Macron o alerta mais contundente sobre os riscos de esfacelamento do bloco e da Zona do Euro no pós-pandemia. Ao



levantar a potencial expansão do populismo nos países mais atingidos e criticar a visão de que uma Europa unida é uma ideia puramente comercial (comum na Alemanha e na Holanda), Macron afirmou ser esta a “hora da verdade”. Para ele, há o perigo de a Zona do Euro não sobreviver à turbulência, o que se estende a todo o bloco em si. “Não sei como será isso, mas o risco é evidente.”

O lançamento dos coronabônus, em caráter temporário, é encarado como a tábua de salvação para os países de economia combatida atenuarem as pressões dos partidos de extrema direita em nome do nacionalismo e da cisão com o bloco. O Fundo Monetário Internacional (FMI) projeta que apenas a Itália sofrerá uma queda de 9,1% no produto interno bruto (PIB) neste ano — índice maior



LUDOVIC MARIN/AP

do que a estimativa de queda de 7,5% para toda a Zona do Euro. O desemprego deve se aproximar de 12% e a dívida bruta nacional alcançará 155% do PIB, em um contexto de inevitável explosão do déficit público justamente em um momento em que parecia relativamente controlado.

Se a criação da União Europeia foi um movimento político para solidificar a paz no continente, o euro surgiu com a missão de fortalecer a economia do bloco e enfrentar o dólar, como uma alternativa de reserva e padrão de transações internacionais. Os objetivos financeiros, contudo, nunca foram alcançados plenamente. “A emissão dos coronabônus ajudaria a Itália a rolar sua dívida, por exemplo, sem cair na tentação de ressuscitar a velha lira. Menos valorizada que o euro, a moeda tornaria o país mais competi-

tivo”, afirma Otaviano Canuto, ex-vice-presidente do Banco Mundial e o atual diretor do Centro para Macroeconomia e Desenvolvimento, de Washington. “Essa situação abre espaço para a separação, e a resistência da Alemanha enfraquece a unidade.”

No esquema de auxílio desenhado por Bruxelas e sacramentado pelo Norte rico, 240 bilhões de euros foram liberados para os estados-membros mais afetados pela pandemia, mas para uso exclusivo na prevenção e contenção da doença. Os recursos, porém, só devem ser disponibilizados a partir de junho. O Banco Central Europeu (BCE) anunciou um programa de compra de 750 bilhões de euros em títulos da dívida soberana e de empresas dos membros da Zona do Euro ao longo de 2020. Também baixou para -0,5% a taxa básica de juros

HORA DA VERDADE Emmanuel Macron: a França se posiciona contra a Alemanha no resgate aos países do Sul

no bloco e adotou medidas para elevar a capacidade de os bancos concederem empréstimos em condições acessíveis aos empresários — uma tentativa de evitar uma quebra generalizada dos negócios. A preocupação é que o estímulo monetário para aumentar a liquidez de bancos e de empresas, o chamado *quantitative easing*, exponha a região ao limite do teto de inflação, de 2% ao ano. O FMI projeta uma alta dos preços de 0,2% para a Zona do Euro neste ano, o que traz outra ameaça, a deflação.

Na lista dos países postos de joelhos pela Covid-19, a Espanha calcula que a ajuda europeia é insuficiente para o tamanho da crise no continente e pede uma injeção de 1,5 trilhão de euros. Ursula von der Leyen está de acordo, mas segue de mãos atadas pela posição de governos mais refratários a concessões, como o de Angela Merkel. Paralelamente, os Estados Unidos, beneficiados por um pacote de 3 trilhões de dólares proposto pelo governo de Donald Trump, começam a atrair investidores até então com ativos aplicados na Europa e que procuram a segurança dos títulos do Tesouro americano. Christine Lagarde, presidente do BCE, já afirmou que “momentos extraordinários exigem ações extraordinárias”, ao buscar meios de proteção ao euro. Analistas, entretanto, consideram sua margem de manobra exígua em comparação a 2008. “A sensação é que vemos o começo do fim da União Europeia. Esta crise voltou a destacar a divisão entre os Estados do Sul e os do Norte, e o peso da hegemonia alemã”, diz Josepha Laroche, cientista política da Universidade Panthéon-Sorbonne. Ao que tudo indica, a solução para a crise passa pela convergência entre Alemanha e França, algo que até agora parece remoto. ■

A CORRIDA PELA EFICIÊNCIA

O mundo pós-Covid-19 terá transformações inimagináveis, desde a urbanização de comunidades até iniciativas de solidariedade, trazendo a ciência de volta ao centro das decisões

SÉRGIO RIAL*

VAMOS VER OU NÃO mudanças duradouras no pós-Covid-19? Possivelmente, teremos mais transformações do que imaginamos, mas não em tudo o que poderíamos abraçar. Já estamos vendo a democratização do uso da telemedicina, enquanto a educação remota se instala de modo mais permanente, com os pais aprendendo, em paralelo, como é difícil manter os jovens de hoje focados nos estudos por algumas horas. Descobrimos o prazer de estar juntos como família. Assistimos ao renascer do cozinhar como uma forma de socialização importante no elo do lar. Nosso olhar muda ao percebermos melhor as cidades que habitamos. O relógio mais lento do tempo faz tudo parecer maior, mais colorido e mais impactante. Nunca se fotografou tanto o pôr do sol como agora. É verdade que temos menos poluição, mas a resposta não está aí. Estamos simplesmente olhando. Antes não o fazíamos. O cansaço digital, provocado por dezenas de vídeos ao longo do dia, fora a avalanche de mensagens, está nos levando a valorizar mais o não digital, ou o não tecnológico. É como se estivéssemos havia dias armazenando emoções, e nos reenergizamos ao estar mais próximos de nós mesmos. É o prazer do silêncio reflexivo *versus* o ruído permanente da superficialidade da informação.

No campo humano, muita coisa mudará. No campo dos negócios, também. A questão da limpeza será mais relevante na interação com o consumidor. Quem sabe passaremos a ver os banheiros públicos de outra maneira? Do cuidado que temos na cabine do avião à preocupação com os rios, espero maior indignação do consumidor. É preciso reconhecer que lidamos com um mundo invisível a olho nu, microscópico, mas que deve ser tratado de forma séria. O retorno do sarampo ao Brasil é uma das novas ameaças que continuarão a aparecer para nos assombrar, fora outros patógenos que vão surgir. A importância dos nossos mananciais de água fresca, o saneamento tornando-se algo que deve ser visto não só como infraestrutura, mas como proteção à vida dos mais de 200 milhões de brasileiros, ou seja, como política de saúde pública. Do mesmo modo devemos encarar a necessidade de acelerar a construção de habitações dignas para todos, possivelmente com um projeto nacional de urbanização de comunidades pelo país.

Talvez tenhamos de estabelecer linhas de financiamento de muito longo prazo para que cada família possa melhorar sua casa, com direito à propriedade e à implementação de saneamento e água por parte do Estado. O indivíduo é a semente de transformação da sociedade neste século.

Outro aprendizado até agora: a importância de um Estado eficaz. O Estado é o gestor dos diversos conflitos da sociedade. Devemos aproveitar este momento, quando estamos investindo dinheiro que não necessariamente temos, para mitigar o efeito regressivo desta crise nas camadas mais pobres. Cabe a nós, no sistema financeiro, fazer com que os recursos cheguem rapidamente aos cidadãos. Hoje, somos capazes de uma reação mais rápida, de levar liquidez a milhões de uma forma que teria sido impensável dez anos atrás. Tudo graças aos investimentos tecnológicos das últimas décadas. É essencial aproveitar esta ocasião para alcançar saltos maiores na digitalização, porque, no fim, a tecnologia liberta o consumidor, dando a ele a capacidade de decidir onde, de que forma e quando. Milhões de contratos de empréstimos estão sendo renegociados agora sem intervenção humana. Isso também era impensável alguns anos atrás. A revolução não para por aí. A discussão *fintechs versus* bancos desaparece, porque não é relevante. Aliás, nunca o foi. Mais concorrência é fundamental e não deve ser tratada como belicosa, e sim como complementar e necessária. O setor automotivo se beneficiou da criação da Tesla, do mesmo jeito que o sistema financeiro se beneficia dos serviços premium da Amazon.

A liderança do sistema financeiro vinha mudando, e a crise deixou isso mais claro. Nós nos reunimos para enfrentar o tamanho da crise. Concorrentes sim, mas não adversários: essa se tornou a linha de pensamento de atuação.

**A pandemia trouxe
um grande aprendizado:
a importância
de um Estado eficaz**



UNIVERSO TECNOLÓGICO Digitalização financeira: milhões de contratos são renegociados sem intervenção humana

Das iniciativas de solidariedade à construção de soluções com o setor público, como a linha de financiamento às folhas de pagamento, os bancos demonstram uma vontade inabalável de ser parte da solução e do processo de cura econômica. Como disse o ex-presidente do Banco Central Ilan Goldfajn, o sistema financeiro une o futuro ao presente. Hoje já trabalhamos para esse futuro. É claro que existirão os detratores, que veem no lucro um pecado capital, esquecendo-se dos impostos e dividendos pagos e dos empregos gerados, acreditando que as instituições financeiras privadas deveriam estar completamente a serviço de políticas públicas. São críticas válidas, mas carecem de maior entendimento do princípio mais importante no sistema financeiro, que é cuidar bem de seu dinheiro, e para isso existem fronteiras que não podemos cruzar. Da mesma maneira, fica provado o valor de termos um banco de desenvolvimento como o BNDES, que, com o setor privado, pode funcionar como um motor para nos tirar da crise.

Por último, a pandemia trouxe a ciência de volta ao centro do processo decisório. Como vemos no fenômeno

das *lives* de todas as naturezas, o valor da ciência não ofuscou o valor da prece. Vários grupos rezam por aqueles que estão internados, e nada disso conflita com o valor científico do que hoje sabemos acerca do vírus. Temos de retomar a capacidade de conviver com a ambiguidade, reduzindo a necessidade de verdades absolutas. Elas não existem em diversos campos. Temos de aprender com a polaridade de opiniões e de visões, porque essa é a riqueza de ser humano. Somos contraditórios, sim, mas não podemos esquecer que somos a espécie que pensa e resolve problemas complexos. Estamos completamente interconectados economicamente e também como espécie. A partir dessa constatação, temos de aprender a construir uma sociedade capaz de celebrar não apenas um lindo pôr do sol, mas o fato de podermos nos ajudar uns aos outros sempre. Que este vírus nos contamine de forma permanente com a solidariedade, e com mais humildade para servir. ■

* Sérgio Rial é presidente do banco Santander Brasil



AOS POUCOS Estação de trem na Alemanha: máscaras e distanciamento

GOSTO DE LIBERDADE AVIR

A Europa dá os primeiros passos para o reinício das atividades, com cautela e monitoramento do problema — ao contrário de estados americanos decididos a apressar a volta

ERNESTO NEVES

Depois de a pandemia desabar sobre o continente, a Europa se movimenta agora para relaxar o distanciamento social e tomar o caminho de volta à vida normal — a normalidade possível, com o novo coronavírus ainda indomado. Na falta de parâmetros bem definidos, os governos tateiam para encontrar a saída mais segura, debruçando-se sobre estatísticas, monitorando com lupa o contágio entre a população e olhando para a China, a Coreia do Sul e outras nações do Oriente onde a disseminação aconteceu primeiro. A

Organização Mundial da Saúde considera requisitos básicos para o relaxamento que o país tenha vagas suficientes em hospitais para atender e isolar novos casos e um sistema de testes que permita identificar rapidamente focos de contágio que venham a surgir. A partir daí, é cada um na sua trilha, e todos preparados para os inevitáveis desvios e sobressaltos.

Tida como um exemplo de sucesso no controle da Covid-19, a Alemanha (161 000 casos, 6 000 mortes) reabriu as lojas pequenas na segunda-feira 20 e permitiu aos alunos retornar às aulas, mediante cuidados redobrados de higiene, distancia-

mento e medição da temperatura corporal, mas continua a proibir aglomerações e instituiu o uso obrigatório de máscara em lugares públicos. O governo levou um susto uma semana depois, quando o “índice de contágio” — a quantidade de pessoas que um doente pode infectar — subiu de 0,7 para 1, o ponto máximo a partir do qual passa a haver necessidade de UTIs. “Estamos caminhando sobre gelo fino”, disse a chanceler Angela Merkel, reiterando o apelo para que os alemães não saiam de casa sem motivo. Bem mais castigadas, Espanha (239 000 casos, 24 000 mortes), Itália (203 000 casos,





LUGAR AO SOL

Praia lotada na Califórnia: desafio ao isolamento

positivo. Dois pilares da vida francesa, restaurantes e cafés, só voltarão a funcionar no fim de maio — se tudo correr como previsto.

Outros modelos de lição de casa benfeita, Austrália (6 700 casos, 92 mortes) e Nova Zelândia (1 400 casos, dezenove mortes) também abriram janelas para a normalidade. Lojas e restaurantes continuam fechados e a recomendação é evitar sair de casa, mas a pesca, a caça e as caminhadas, muito populares, foram liberadas — bem como a ida à praia, mantendo o devido distanciamento. Não é o caso da Califórnia, onde o isolamento continua em vigor mas ninguém diria: no ensolarado começo de primavera, as areias lotaram, a ponto de as autoridades cogitarem fechar as ruas de acesso. “O vírus não tira folga no fim de semana”, alertou o governador Gavin Newsom.

Com mais de 1 milhão de casos confirmados e 61 000 mortos, os Estados Unidos não cumprem os critérios usuais para a retomada de atividades. Mesmo assim, Oklahoma, Alasca, Texas e Carolina do Sul se preparam para permitir o funcionamento de estabelecimentos não essenciais, seguindo o exemplo radical da Geórgia, onde o governador republicano Brian Kemp, crítico de primeira hora do afastamento, liberou geral até cinema e salão de beleza. “A curva de contágio parece estar se estabilizando, mas ainda não há dados suficientes para confirmar isso”, diz Carlos del Rio, especialista em doenças infecciosas da Universidade Emory, em Atlanta. Por mais que a paralisação esmague a economia — a americana recuou quase 5% no primeiro trimestre, quando a pandemia ainda engatinhava —, pôr a máquina para andar vai exigir a infinita paciência de um passo depois do outro. ■

27 000 mortes) e França (166 000 casos, 24 000 mortes) também traçaram cautelosos cronogramas para a retomada a partir de maio.

O plano do primeiro-ministro espanhol Pedro Sánchez se divide em quatro etapas ao longo de oito semanas. A partir do sábado 2, ficam permitidos os exercícios ao ar livre. Em seguida vem a reabertura de lojas pequenas, igrejas com capacidade reduzida e centros para atletas profissionais. Em junho, voltam os restaurantes, com mesas espaçadas, os cinemas, com um terço da plateia, e os espetáculos ao ar livre para até 400 pessoas — limites que serão ampliados a partir de julho.

Com cerca de 300 casos novos por dia na Itália, o mais baixo nível desde março, o primeiro-ministro Giuseppe Conte determinou, a partir de 4 de maio, o fim gradual de um dos mais radicais isolamentos do planeta. Parques, fábricas e repartições vão reabrir, e os italianos poderão visitar familiares, em pequenos grupos. As aulas, entretanto, só retornam em setembro e as missas seguem proibidas. Por sua vez, o presidente francês Emmanuel Macron marcou o início do desconfinamento para 11 de maio, quando promete empreender 700 000 testes diários e devolver à quarentena qualquer um que tenha diagnóstico



ESCONDE-ESCONDE

Somente um país fechado faria o mundo discutir a vida e a morte de seu ditador. Mas sabê-lo vivo ou morto pouco importa, o que vale é a imagem (e os riscos das ogivas nucleares) **JULIA BRAUN**

TANTOS PROBLEMAS, contágios e mortes acontecendo diariamente, à vista de todos, e eis que as atenções se voltam de repente para um sumiço: que fim teria levado o tão gorducho quanto elusivo Kim Jong-un, dirigente da Coreia do Norte? O vaidoso líder supremo, de estimados 36 anos, que não perde a chance de se exhibir, deixou até de abrilhantar com sua pessoa um dos mais importantes feriados nacionais, o aniversário do avô Kim Il-sung,

fundador da sucessão hereditária no bastião comunista. Pronto: foi a deixa para que dissidentes levantassem a hipótese, confirmada por uma fonte não identificada da inteligência americana, de que Kim teria passado por uma cirurgia cardiovascular e se encontraria em estado grave — falou-se até em morte cerebral. Na segunda-feira 27, a Coreia do Sul, a maior autoridade em mistérios do vizinho do norte, cravou a notícia de que “Kim Jong-un está vi-

vo e passa bem”, hospedado no luxuoso condomínio da família em Wonsan, balneário na costa leste do país.

Rumores sobre o estado de saúde dos ditadores norte-coreanos, detentores de ogivas nucleares e de mal com quase todo o resto do mundo, sempre provocam arrepios, ainda mais porque romper a barreira de silêncio erguida em torno da Coreia do Norte e checar sua veracidade é um pesadelo para os serviços de inteligência ou veículos de

RISO CONTAGIANTE

Kim do jeito que gosta, sendo bajulado e imitado: sumiço sem explicação



comunicação do Ocidente que lidam com informações confiáveis. A via da interceptação de comunicações é tortuosa. O regime proíbe o uso da internet e oferece uma conexão doméstica limitada, além de canais de televisão e estações de rádio que só transmitem a programação oficial. O governo ainda controla a única operadora de telefonia e bloqueia ligações não autorizadas. “É um desafio enorme hackear acessos à internet doméstica e às comunicações norte-coreanas. O país está bem adiantado em cibersegurança, que utiliza para a proteção própria e para ataques eletrônicos a outras nações”, diz Yangmo Ku, professor da universidade militar de Norwich, nos Estados Unidos, e especialista em política coreana.

JORGE SILVA/REUTERS



A NÚMERO 2 Kim Yo-jong: sobrou apenas a irmã na linha de sucessão

O recurso de infiltrar espões também não é fácil. As fronteiras são rigidamente controladas, e os poucos visitantes, investigados e monitorados durante a estada, não podem manter nenhum contato com a população, ela igualmente vigiada. Obter informações fica a cargo, principalmente, dos poderosos satélites apontados para o que acontece na Coreia do Norte. Um deles identificou o trem exclusivo de Kim parado em uma estação privativa em Wonsan, o que veio reforçar a suspeita de sua presença na cidade. Não se achou explicação para o sumiço — ainda que pronunciamentos e cartas com sua assinatura continuassem a ser divulgados. A hipótese de que teria se isolado por causa da pandemia foi levantada, muito embora o governo garanta, sem credibilidade alguma, não haver um único caso de contágio acima do Paralelo 38.

Informações sobre o líder supremo são segredos de Estado confiados a um restrito grupo de oficiais leais ao regime. “O objetivo do governo norte-coreano é unicamente proteger a dinastia Kim. Todo o resto é secundário”, afirma Soo Kim, ex-analista da CIA e

comentarista política da Rand Corporation. Uma sucessão neste momento seria especialmente complicada pela falta de herdeiro evidente. O Kim atual tem três filhos pequenos, entre 2 e 10 anos. O tio Jang Song-thaek, considerado seu tutor nos primeiros anos de governo, foi preso por traição e executado em 2013. Um meio-irmão acabou envenenado no Aeroporto de Kuala Lumpur, na Malásia, em 2017, em um episódio até hoje não esclarecido. Outro irmão caiu em desgraça antes mesmo da morte do pai, ao ser impedido de entrar na fila para o trono por não ter o “perfil” de um governante. A mais cotada é a irmã caçula, Kim Yo-jong, de 31 anos, figura com fama de durona que já representou Kim no exterior e vem subindo na hierarquia norte-coreana. “Na tradição local, as mulheres não ocupam posições de liderança. Mas, se o irmão ficar incapacitado, é provável que ela assuma o governo, sob a tutela de uma cúpula dirigente”, opina Soojin Park, pesquisadora do Wilson Center, de Washington. O zum-zum-zum só terminará quando — e se — Kim, o pavão misterioso, der o ar da graça. ■

ESTENDER A MÃO

A apresentadora **ELIANA** tem dedicado seu tempo a ajudar com doações grupos de moradoras de favela afetadas pela pandemia. De casa, onde está com o marido e dois filhos, ela falou a VEJA.

Ajudar é fundamental?

Tenho uma missão como cidadã, mãe, mulher e comunicadora: solidariedade. Mesmo sendo filha de zelador, tendo morado em quarto e sala muitos anos, aprendi em casa a ajudar o próximo. É desumano fingir que está tudo bem.

Quais aspectos lhe tocam mais?

Tenho me comovido com as mães que vivem em favelas. Elas passam por medos nos quais eu consigo me ver refletida. Mas sentir o que elas sentem é impossível. Muitas nem sequer têm água encanada em casa. Estou doando alguma coisa para mais de 3000 mulheres por meio da Central Única das Favelas, a Cufa. Ajudar é estender a mão.

Como está sua quarentena?

A pandemia nos faz valorizar o essencial. Falo com minha mãe todos os dias. Ela me mandou um bolo de fubá e liguei por videochamada para que pudesse ver a mim e a meus filhos comendo, à mesa.



GABRIEL CARDOSO/STB

VÍTIMA DE FAKE NEWS

LÍVIA ANDRADE estreou no SBT aos 13 anos, no programa *Fantasia*. Hoje, com 36, estonteante corpão e à frente da atração diária *Fofocalizando*, é uma das estrelas da emissora de Silvio Santos. Como a foto mostra, ela chama atenção e, por ser permanente alvo de interesse, atraiu também os espertalhões das *fake news*. Há um mês, Livia disse no ar às espectadoras que tomassem cuidado com falsas promessas de cura para a Covid-19. Ela, contudo, não citou o nome de igreja alguma. A frase circulou em grupos de WhatsApp, com um detalhe aterrador: ilustrada com um falso álcool em gel supostamente vendido por 500 reais pela Igreja Universal. "Fiquei assustada", diz. Um pastor de Edir Macedo tomou o caso como verdade e fez campanha contra a moça. "Ele também foi enganado, mas é preciso clareza: as *fake news* podem acabar com uma carreira", diz Livia.

INSTAGRAM @LIVIAANDRADEREAL





JOÃO BATISTA JR.

A CANCELADA

Atriz de beleza retumbante, voz ave-ludada e inclinação política à esquerda, **LETICIA SABATELLA** nunca escondeu as causas que apoia em sua vida pública, dos direitos das minorias ao MST. Até aí, nenhuma novidade – e ela segue uma carreira sendo respeitada por seus colegas. Ocorre que, surpresa!, um boicote surgiu. Estava agendada para ir ao ar, no sábado 2, uma edição do programa *Recordar É Viver*, da estatal TV Brasil, em homenagem à carreira de Leticia. Sem grandes explicações, a atração foi tirada da grade. “Que coisa, né? Estamos agora sempre sob ameaça de boicote”, suspeita. Leticia integra um time de artistas, cada mais maior, que faz contundentes críticas a Bolsonaro. No lugar do programa, será exibida uma homenagem ao humorista Agildo Ribeiro (1932-2018).

AVIR

TV GLOBO



PAPO ADULTO EM HORÁRIO NOBRE

Isolada com o marido e as filhas na cidade de Muriaé, interior de Minas Gerais, a influenciadora **SILVIA BRAZ** teve a ideia de fazer *lives* sem blá-blá-blá. A aposta: conteúdo de qualidade e adulto. Rapidamente, Silvia conquistou o horário nobre das *lives* no Instagram. Ela já entrevistou os médicos Roberto Kalil Filho e Ludhmila Hajjar, a empresária Luiza Trajano e o arquiteto Sig Bergamin. “Sempre entendi o trabalho de influenciadora como uma prestadora de serviços, então tento levar conteúdo de qualidade”, diz. Com três *lives* por semana, Silvia entende bem o que emplaca: o horário de maior audiência é entre 20h e 21h. Muitas vezes ela atinge audiência final de 42 000 pessoas. “Eu mesma convido quem quero e já recusei empresa que quer patrocinar”, diz. “Vale a pena ter essa independência.”

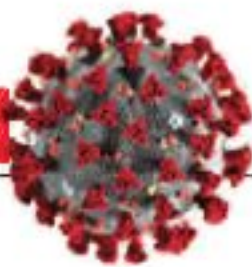
ARQUIVO PESSOAL

RECLUSÃO BILIONÁRIA

Integrante de uma dinastia de armadores gregos, **ATHINA ONASSIS**, de 35 anos, está vivendo a vida exatamente como gosta: reclusa e distante do olhar público. A bilionária demitiu a empregada e o segurança de mais de quinze anos e mora em um apartamento de 80 metros quadrados na Holanda, quase fronteira com a Bélgica, onde treina com seus cavalos. “Trata-se de um final triste para uma dinastia tão gloriosa”, diz a VEJA Alexis Mantheakis, advogado e ex-assessor do pai dela, Thierry Roussel, e autor da biografia *Eye of the Storm*. “Athina vive sem amigos nem família. Também não faz filantropia como seus primos de sobrenome Niarchos, que doam milhões de dólares.” Ex-mulher do cavaleiro brasileiro Doda Miranda, Athina não tem perfil em rede social. ■



DAVIDE MOMBELLI/CORBIS/GETTY IMAGES



UM BRASILEIRO NO OLHO DO FURACÃO

André Kalil, médico gaúcho radicado nos EUA há trinta anos, é o principal nome das pesquisas com o antiviral remdesivir, a droga da esperança

ADRIANA DIAS LOPES



No futuro, quando os historiadores forem contar a tragédia da pandemia de Covid-19, caberá um capítulo decisivo ao navio *Diamond Princess* e seus mais de 3700 passageiros que sonhavam com férias no Oriente. Atracado no porto de Yokohama, no Japão, o transatlântico virou notícia nos primeiros dias de fevereiro com a informação de que um dos turistas a bordo fora diagnosticado com Covid-19. Ao longo de duas semanas, com as escadas recolhidas, a embarcação transformou-se em território de mais episódios de infecção pelo vírus Sars-CoV-2. Em meio à quarentena forçada, os casos se multiplicaram. Foram 712 resultados positivos, com catorze mortes. Quando as portas finalmente

começaram a ser abertas, paulatinamente, um grupo de americanos foi transferido em voo fretado para as instalações hospitalares associadas à Universidade de Nebraska Medical Center, em Omaha, na região central dos Estados Unidos. Para o local haviam sido levados da África, cinco anos antes, pacientes com ebola.

Seis dos contaminados com o novo coronavírus, em estado de saúde mais grave, foram internados na chamada unidade de “biocontenção”, espaço isolado no qual o ar é filtrado várias vezes por dia e os profissionais de branco vestem macacões com respiradores internos. Quem os recebeu foi o gaúcho de Bagé André Kalil, 54 anos, infectologista, intensivista e pesquisador do hospital há quase vinte anos. Kalil e sua equipe já tentavam então a aprovação dos Institutos Nacionais de

Saúde (NIH), órgão ligado ao governo federal dos Estados Unidos, sinal positivo para o início do estudo do antiviral remdesivir, do laboratório californiano Gilead, contra a Covid-19. A chegada dos infectados ajudou a acelerar o aval das autoridades. Poucos dias depois daquele encontro inaugural com o médico de 1,82 metro e apenas 76 quilos, cuja magreza foi aperfeiçoada por anos de treinamento em maratonas, três passageiros do *Diamond* se tornaram os primeiros a ser tratados com a medicação. Eles se recuperaram, atalho para uma série de estudos com bons e animadores resultados.

Na quarta-feira 29, Anthony Fauci, de 79 anos, diretor do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas dos Estados Unidos desde 1984, figura histórica dos anos iniciais de combate à aids, postou-se ao lado do presidente



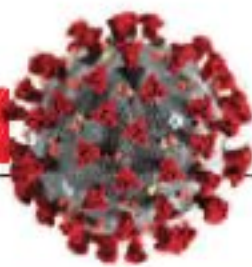
TIM GRUBER/THE NEW YORK TIMES/FOTOARENA

BAGUNÇA ORGANIZADA A sala de trabalho do intensivista e pesquisador: discrição ao celebrar os feitos do composto contra o Sars-CoV-2 (abaixo)

Donald Trump, na Casa Branca, para detalhar um pacote de ótimas respostas clínicas de um dos trabalhos com o remdesivir conduzido por Kalil. Revelou que, no acompanhamento de quase 500 pacientes hospitalizados, os que tomaram o antiviral recuperaram o bom estado de saúde em onze dias — ante quinze dias entre os que receberam o placebo. No grupo do remdesivir, 8% dos enfermos morreram — na outra turma, 11,6%. A estatística é ainda preliminar, muitos outros levantamentos precisam ser feitos, e é sempre bom lembrar que pesquisas acompanhadas na China não têm entregado boas conclusões com a droga da esperança. E, no entanto, o levantamento aludido por Fauci, voz sempre ouvida, crítico contumaz do exagero com a cloroquina, personagem inescapável, provocou um duplo movimento.



ULRICH PERREY/POOL/REUTERS



CARLOS BARRIA/REUTERS

AVIR

ESPERANÇA Fauci, respeitadíssimo herói da batalha contra a aids: apoio cauteloso e firme ao antiviral remdesivir

Fez com que as ações da Gilead subissem mais de 5% nas bolsas de valores e, sobretudo, serviu de atalho para que a FDA, a rigorosa agência de controle de medicamentos dos Estados Unidos, pusesse o remdesivir na frente de todos os outros remédios na luta contra a Covid-19. “Enquanto falamos, a FDA trabalha com a Gilead para encontrar mecanismos de distribuição do remdesivir no mercado”, disse Fauci diante das câmeras. “A FDA sabe da importância desse passo e deve se mover muito rapidamente.” Havia a expectativa, até a quinta-feira 30, de que a FDA desse “autorização de emergência”, o que não é o mesmo que aprovação formal. Para Fauci, sempre bastante cauteloso com dados de laboratório, o remdesivir não representa

um “nocaute”, mas os estudos permitem concluir que “pode bloquear uma enzima do vírus”. Haverá idas e vindas em torno do composto, naturalmente, porque assim funciona a história de vitórias e derrotas da indústria farmacêutica — e o próprio Fauci fez questão de associar os passos atuais, ainda trôpegos, embora firmes, à gênese do AZT, o medicamento que baixou a curva de vítimas de aids, em meados dos anos 1980, mas que no início foi visto com desconfiança.

A quase 2 000 quilômetros de distância, no Nebraska, Kalil acompanha a movimentação com um misto de curiosidade e discrição. Ele sabe estar na dianteira da locomotiva, mas a modestia e a dedicação inquebrantável ao funcionamento dos vírus o fazem man-

ter a calma. “A pressa não pode comprometer a ciência séria”, resume, com sotaque típico de quem nasceu na fronteira do Brasil com o Uruguai, atenuado pelo perfeito inglês. Kalil chegou aos EUA aos 24 anos, recém-formado, para fazer um curso de medicina geral em Miami, onde conheceu a mulher, a americana Patricia, com quem é casado até hoje e tem três filhos, duas meninas e um menino. O salto profissional foi rápido. Especializou-se em prática intensivista nos NIH e infectologia na Harvard. Ao terminar os estudos, foi atrás de emprego na Universidade de Nebraska, onde entrou como professor assistente e, atualmente, é referência mundial em pesquisa clínica. “Minha paixão é estar na beira no leito do paciente”, afirma. “E este lugar é um dos



KIM KYUNG-HOON/REUTERS

PIONEIRISMO *Diamond Princess*: passageiros foram as primeiras cobaias



CALLA KESSLER/THE NEW YORK TIMES/FOOTARENA

LUTA Universidade de Nebraska: centro de excelência nas pesquisas sobre o vírus

poucos centros no mundo em que o atendimento médico e a pesquisa científica caminham de mãos dadas.”

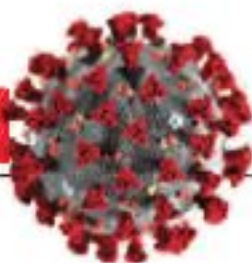
Falante e entusiasmado, Kalil nunca foi o melhor aluno da classe, trajetória comum a grandes nomes de sua área de atuação. Na Universidade Federal de Pelotas, a 200 quilômetros de Bagé, dormia nas aulas teóricas e enfadonhas de medicina, em especial as de histologia e anatomia. “Era só a luz apagar e o professor começar a projetar slides que ele pegava no sono”, diz o psiquiatra Hemerson Mendes, colega de faculdade. “Não era um dormir simples. Ele se acomodava sobre a carteira e chegava a fazer carinho na ponta do nariz.” A postura juvenil, esta que o fazia adormecer, acompanha-o desde sempre, e ainda

agora. Na sala de 10 metros por 6 metros onde trabalha, a profusão de papéis e pastas é quebrada por um pequeno quadro do Homem-Aranha pendurado na parede. “Cresci lendo gibis, só que, veja bem, o mais importante neste lugar não é ele. Você não viu na foto a estátua do laçador sobre a estante?”, pergunta. O laçador, a representação do gaúcho clássico, de bombacha, botas e, claro, com laço na mão, é conhecido (e venerado) pelos que nascem no Rio Grande do Sul.

Kalil mantém contato estreitíssimo com Bagé. Nos primeiros casos de Covid-19 na cidade (foram nove em apenas três semanas, depois saltando para 29), ele ajudou os colegas a lidar com os doentes. “Era tudo muito novo para nós, eu mandava mensagens dia-

riamente, às vezes tarde da noite, procurando informações, e ele me atendia prontamente, ajudando a interpretar os casos”, conta a pneumologista Flavia Marzola da Silveira, amiga de infância. “Chegamos a pedir o antiviral remdesivir, e André respondia apenas para termos calma.” Calma é o que ele tenta mostrar aos três filhos, de 21, 22 e 24 anos (um estuda engenharia eletrônica; outro, cinema; outro, medicina), que falam português fluentemente. Foram criados com os livros do Sítio do Picapau Amarelo e músicas de Milton Nascimento. Até pouco tempo atrás, iam todos os anos passar o Natal em Bagé com os avós, um casal de imigrantes libaneses. Felipe, já falecido, e Gloria construíram a York, loja de roupas e objetos de decoração de alto padrão, hoje dirigida pelo único dos quatro irmãos de Kalil que não cursou medicina.

Nos Estados Unidos, Kalil leva uma vida de trabalho duro, espartana. Acorda às 5 e meia da manhã e corre 10 quilômetros diariamente, perto de casa. Até então, só a temperatura abaixo de zero o impedia de correr — a pandemia o pôs mais tempo debruçado nas pilhas intermináveis de estudos. Com a quarentena, ele começou a usar uma esteira guardada no porão. Depois da corrida, toma um café expresso duplo e vai para o hospital. Só come na hora do almoço, um sanduíche preparado em casa. O preferido é a bomba energética feita de pão integral recheado de pasta de amendoim e mel. O lanche é feito com frutas, pera ou laranja. Raramente volta do trabalho antes das 21 horas, quando se dedica por mais quatro horas aos estudos e artigos. No escritório doméstico, ninguém toca nos montes de papéis acumulados sobre a mesa, na estante e espalhados pelo chão, como réplica da sala no hospital. “É uma bagunça organizada”, diz. Pelo jeito, ele sabe onde encontrar o que busca, e da bagunça pode brotar um bálsamo para a humanidade. ■



EGBERTO NOGUEIRA/IMÁFOTOGALERIA

APOIO Em Santo André, São Paulo: as vagas temporárias vão dobrar a capacidade de atendimento na cidade

PRONTOS PARA A GUERRA

Na tentativa de aliviar a falta de leitos em hospitais públicos, os muito bem estruturados hospitais de campanha podem ajudar a diminuir o tamanho do desastre brasileiro **MARIANA ROSÁRIO**

PARECE que foi ontem, e lá se vão mais de 100 anos. Os hospitais de campanha, um dos marcos do espanto com a gripe espanhola de 1918 a 1920 (leia a resenha do livro *A Grande Gripe*, na pág. 88), erguidos às pressas diante da urgência, são agora também um recurso contra a satura-

ção do sistema público de saúde diante do avanço dos casos de Covid-19. Há imagens que se repetem. As tendas brancas montadas no gramado do Estádio do Pacaembu, em São Paulo, com 200 leitos, erguidas em apenas três semanas, em louvável ritmo chinês, remetem às instalações do pron-

to-socorro na sede do chique clube Paulistano, no início do século passado. Em dez estados do Brasil, há, agora, quarenta instalações hospitalares improvisadas já construídas, com mais de 4.000 vagas — estima-se que, dentro de dois meses, a quantidade de espaço possa dobrar.

UM FÔLEGO A MAIS

Em menos de um mês, estádios e centros de convenções se transformaram em centros hospitalares — estima-se que os números dobrem dentro de dois meses



4111

leitos foram adicionados à rede de socorro

540

são quartos adaptados a tratamento intensivo, como os de UTIs

40

hospitais de campanha foram instalados em dez estados do país

.....
A quantidade de vagas é quase o dobro da de todo o complexo do Hospital das Clínicas, em São Paulo, o maior do país



MARACANÃ Quatrocentos leitos: socorro para evitar o estouro do sistema no Rio

Os hospitais de campanha recebem em sua maioria pacientes com quadro de média complexidade, que pedem cuidados diários mas não têm risco iminente de morte nem apresentam complicações no tratamento. O objetivo é nítido: evitar que, em estado mais grave, tenham de usar leitos de UTI (no Estado do Amazonas, por exemplo, a taxa de ocupação é de 89%; em Pernambuco, chega a 98%). O limite se aproxima perigosamente, um atalho para o drama. Nesse cenário, a improvisação salva vidas. Improvisação que, aliás, mereceria nome mais adequado. Há rigor absoluto nas instalações modernas — e nesse aspecto, ao menos, a comparação com 1918 a 1920 é indevida. “Mesmo com preparação acelerada, temos conhecimento e gabarito para criar ambientes absolutamente seguros”, diz Guilherme Schettino, diretor do Instituto Israelita de Responsabilidade Social, do Hos-

pital Albert Einstein, responsável pela gestão do Pacaembu em parceria com a prefeitura de São Paulo, por onde circulam 520 profissionais entre duas alas, a feminina e a masculina.

Convém ressaltar que a pandemia de 2020 acelerou as construções, mas elas não são inéditas. Os cuidados com a dengue levaram o Rio de Janeiro, em 2008, e o Distrito Federal, em 2019, a montar operações temporárias, em dimensões evidentemente menores que as atuais. Para o zelo com a Covid-19, há diferentes estratégias em cada estado, a depender das necessidades mais prementes. Na Bahia, por exemplo, o Estádio Fazendão, em Lauro de Freitas, nas cercanias de Salvador, abriu 44 leitos para pessoas com quadros de saúde diversos, mas negativos para o novo coronavírus. A ideia, reafirme-se, é que esses doentes liberem espaço em hospitais comuns.

Há, em todos os edifícios transitórios, um tom permanente de atenção, de pressa — próximo da solidariedade que se vê, habitualmente, no cotidiano dos hospitais de campanha militares. Sente-se no ar o nervosismo que antecede os momentos de decisão e gravidade. A reportagem de VEJA visitou alguns hospitais de campanha no Estado de São Paulo e percebeu neles a mistura da apreensão com a certeza científica, em corredores e quartos limpíssimos, atrelados ao que há de mais moderno na medicina emergencial. “Estamos prontos para a guerra”, resume Márcio Chaves Pires, secretário de Saúde de Santo André, cidade no ABC paulista que vai dobrar o número de leitos com a construção de três hospitais provisórios em centros esportivos e universidades. “E, como ocorre numa guerra, ninguém sairá dela da mesma forma que entrou.” Não há dúvida. ■

ENTRE QUATRO PAREDES

Novos estudos mostram que exercícios de fortalecimento da musculatura podem ser mais benéficos que as atividades aeróbicas, como correr ou nadar **ALEXANDRE SENECHAL**

O **ISOLAMENTO** social imposto pela pandemia do novo coronavírus não pode servir de desculpa para o sedentarismo (veja o artigo de Lucília Diniz na pág. ao lado). A falta de um espaço amplo para a prática de exercícios ou a escassez de equipamentos sofisticados também não servem de pretexto. Há muito tempo, antes que o mundo se fechasse em copas, por real necessidade, louvavam-se o prazer e o benefício para o organismo da corrida de rua, da natação

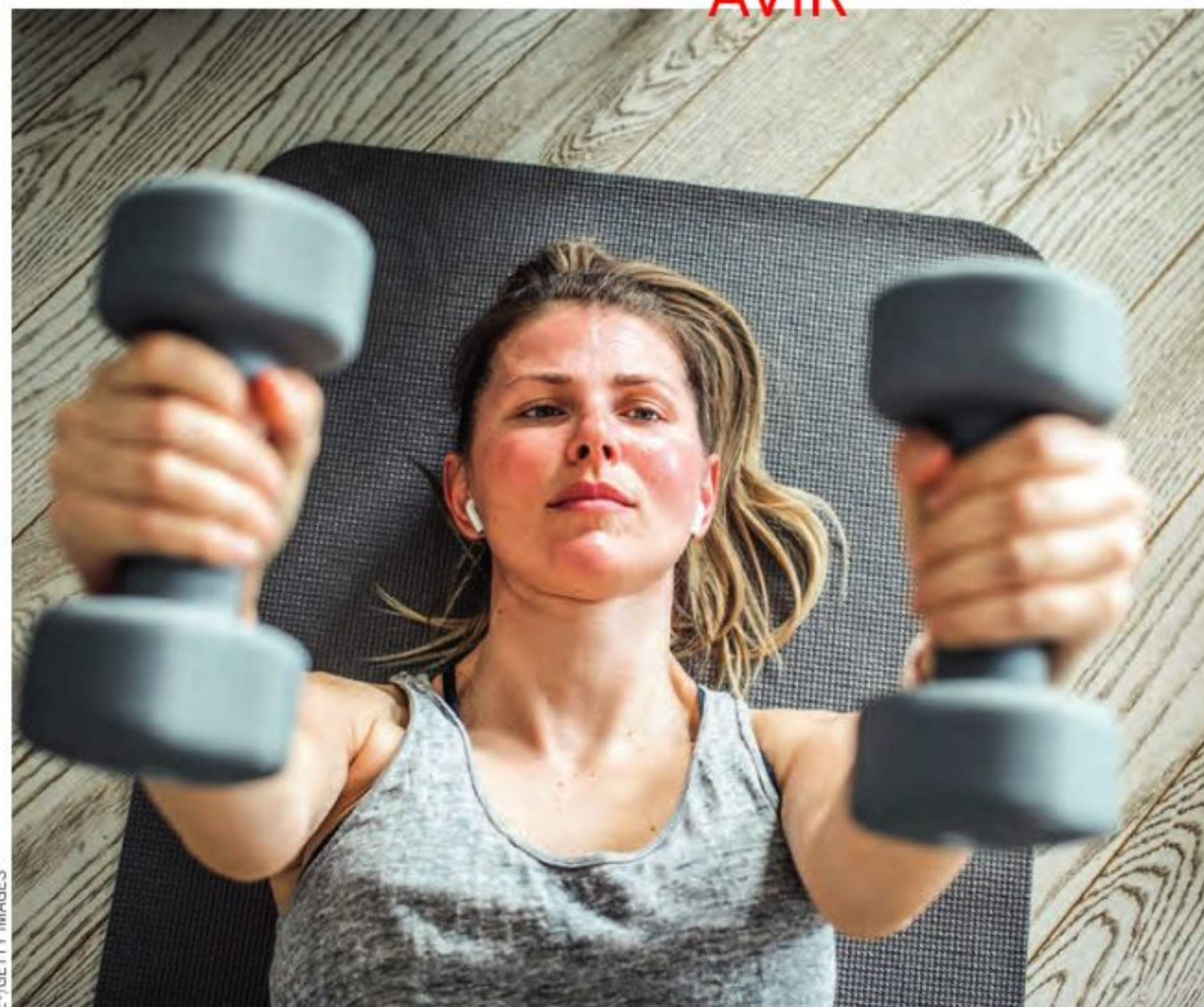
ou do ciclismo — enfim, atividades aeróbicas que alimentam a oxigenação das células e queimam calorias.

Não se trata, evidentemente, de passar uma borracha na recomendação desse tipo de prática, mas o confinamento acelerou o movimento em defesa de outra ideia: o bom mesmo é fortalecer a musculatura. A Organização Mundial da Saúde (OMS) e os governos da Inglaterra e dos Estados Unidos já decretaram em conselhos à população ao menos duas sessões de muscula-

ção por semana. A regra vale inclusive, ou sobretudo, durante o período de quarentena, para que não haja enfraquecimento do sistema imunológico.

Um artigo produzido na Universidade Estadual de Iowa, nos Estados Unidos, mostrou que, se uma pessoa levantar pesos (que sejam garrafas cheias de água) por pelo menos uma hora por semana, o risco de sofrer um ataque cardíaco diminuirá em até 70%. E não é preciso exagerar na dose, pois os resultados não comprovaram nenhum ganho adicional com mais tempo da atividade. É só ter sensatez. Pesquisadores da prestigiada Harvard estudaram o comportamento de 100 000 mulheres para definir se as atividades de força eram eficazes para prevenir o diabetes tipo 2, aquele em que o corpo não produz insulina ou cria resistência a ela. A pesquisa concluiu que o grupo que realizava duas horas e meia de exercícios por semana registrou 40% me-

AVIR



E+/GETTY IMAGES

EU TENHO A FORÇA

Os benefícios menos óbvios, e recentemente descobertos, da musculação

FAZ BEM AO CORAÇÃO...

70% é a redução do risco de infarto com uma hora de musculação por semana, mesmo se a pessoa não fizer exercícios aeróbicos



...E À CABEÇA

A potência muscular está associada ao melhor desempenho em testes cognitivos e de memória



Fontes: Universidade de Glasgow, na Escócia, e Universidade Estadual de Iowa, nos Estados Unidos

NÃO É PELA ESTÉTICA Halteres, fitas elásticas ou até o peso do próprio corpo: vale quase tudo como exercício



nos probabilidade de ser acometido pela doença em relação ao que não os praticava.

Há uma tonelada de boas notícias sobre o assunto. Outro estudo, feito pela Universidade de Glasgow, relacionou a incidência de algumas doenças com a força física. A possibilidade de alguém com músculos tonificados apresentar problemas cardiorrespiratórios, mentais (como falta de memória) e câncer é menor que a dos sedentários. As evidências comprovam que o treinamento de força aumenta o fluxo sanguíneo, o que facilita a oxigenação de todos os tecidos corporais e intensifica os mecanismos de defesa do organismo, e ajuda no rejuvenescimento das células. “O fortalecimento da massa muscular faz a manutenção dos nossos sistemas metabólicos. São eles que produzem o combustível para o corpo”, diz Paulo Zogaib, especialista em medicina esportiva e fisiologia do exercício da Universidade Federal de São Paulo.

Esqueça o conceito “quanto mais pesado, melhor”. Para tonificar os músculos, por vezes basta o peso do corpo: levantar-se e sentar-se em cadeiras, fazer abdominais, flexões ou exercícios em uma barra presa na porta. Valem também os treinos de resistência com fitas elásticas ou cabos de borracha. “Séries de vinte minutos, duas a quatro vezes por semana, com criatividade, são suficientes para auxiliar na manutenção da força”, diz o professor de educação física Gustavo Cardozo, diretor técnico do serviço de reabilitação cardiometabólica e oncológica do Espaço Stella Torreão, no Rio de Janeiro. Se há algum alento em meio à pandemia, entre quatro paredes, as diretrizes agora recuperadas autorizam cada um de nós a dizer: eu tenho a força. ■

O RISCO DOS MAUS HÁBITOS

Fiquemos atentos à Pibe, a “propensão individual ao bem-estar”

“**AS CONDUTAS**, assim como as doenças, são contagiosas”, assinalou o filósofo britânico Francis Bacon (1561-1626) no século XVI, o mesmo Bacon que inspirou o presidente americano Donald Trump a dizer que “um tratamento não pode gerar efeitos piores que os da própria doença”. Trump se referia à economia, antes de ter certeza de que o isolamento social seria a única maneira de conter o avanço da pandemia nos Estados Unidos. Seu pensamento acabou em descrédito, mas a frase filosófica que abre este artigo permanece atual como nunca.

A vida saudável entrou em *lockdown*, e com ela a vontade de manter o corpo em movimento. Academias fecharam, parques foram cercados e grupos de corrida des-

feitos. Nas redes sociais, vejo muitos perfis de pessoas saudáveis, e até mesmo de influenciadoras fitness, trocando cenas de treino e corrida por imagens de sofá, cobertor, bolo de cenoura e vinho. Em poucas semanas ganhamos motivos de sobra para ficar mais tristes, ansiosos, deprimidos e indulgentes. A sensação é que o mundo inteiro encontrou a desculpa perfeita para relaxar nos cuidados com o corpo. Mas será que precisava ser assim?

O fato é que os maus exemplos de conduta, disseminados pelas redes sociais, geram um tipo de contágio cuja distância social não previne: a propagação dos maus hábitos. Infelizmente, pouca gente procura alternativas para — ou se questiona sobre — atividades que preservem o bem-estar físico nestes tempos de pandemia.

Para mim, até hoje não está claro qual o risco real de praticarmos caminhada na

rua protegidos por máscara, sem tocarmos em nada e mantendo a distância segura de outras pessoas, de acordo com as boas normas. Hoje cada país define suas regras de circulação fora de casa. Muitos deles, como a França e a Inglaterra, permitem a caminhada esportiva individual ou com animais de estimação na vizinhança, desde que a distância social seja respeitada. Outros, como a Espanha, no auge da epidemia, multavam mesmo os corredores solitários em 601 euros. Nova York também não permitiu treino externo de modo algum.

Ainda que estejamos diante de uma enorme ameaça à saúde pública, não podemos ignorar o fato de que a falta de atividade física, combinada com maus hábitos alimentares, abre caminho para diversas doenças, inclusive a depressão. E, quando estamos prostrados, ou simplesmente de baixo-astral, a vontade

de zelar pelo corpo cai consideravelmente, o que incentiva uma espiral negativa de desânimo, letargia, abatimento, stress e melancolia.

Hoje já se sabe que caminhar a 4 quilômetros por hora não põe em risco ninguém que esteja além de um raio de 5 metros de distância. Pensando que o afastamento social pode durar ainda alguns meses, com eventuais recaídas, não caberia uma discussão aprofundada sobre como regular a prática de atividade física durante a quarentena? Será que os parques públicos não poderiam permitir a entrada limitada de praticantes de caminhada, contanto que as pessoas respeitassem uma distância segura umas das outras, tal como é feito em supermercados e farmácias? Cartas à redação. ■

“Vejo muita gente trocando cenas de treino e corrida por imagens de sofá, bolo de cenoura e vinho”

AVIR



ALEX PLAYEVSKI/EPDA/EFPA

AVIR **CUIDADOS** Loja da Hermès em Guangzhou: abertura permitida mediante procedimentos rigorosos de segurança

DEMANDA REPRIMIDA

Na retomada do comércio na China, o movimento surpreendente nas lojas sofisticadas mostra que o mercado do luxo pode escapar de ser contaminado severamente pela crise **SILVIA ROGAR**

AO MESMO TEMPO que ainda contabilizam os enormes prejuízos pela paralisação forçada, comerciantes de países que ensaiam o retorno à normalidade experimentam a sensação de um salto no escuro diante do novo mundo pós-pandemia. As pessoas vão voltar a frequentar restaurantes? Terão disposição e dinheiro no bolso para entrar em uma loja? Depois do trauma de milhares de mortes e da incerteza que ainda paira a respeito da disseminação da doença, ninguém sabe a resposta exata para essas questões. Na fase de primeiras experiências que tateiam a retomada das atividades, ao menos um setor (de forma

surpreendente) já tem motivos para se declarar menos propenso à contaminação: o de negócios de luxo. O laboratório que trouxe notícias otimistas é a China, país que é responsável por um terço do consumo global dessa indústria. Ao voltarem recentemente às compras, os ricos da potência asiática mostraram um grande apetite.

As informações sobre a movimentação chamam atenção. Segundo o *WWD*, publicação que é referência entre profissionais do mercado de artigos sofisticados, uma única boutique da centenária grife francesa Hermès, em Guangzhou, uma das maiores cidades da China, teria faturado

2,7 milhões de dólares apenas em sua reabertura, no último dia 11. O evento reuniu vips e endinheirados da abastada província de Guangdong, atraídos por modelos raros da bolsa Birkin, peça que sintetiza como poucas o conceito de exclusividade. Uma recuperação rápida do consumo de lá seria a tábua de salvação para a indústria do luxo, que ainda enfrentará dias difíceis sob o efeito da pandemia no Ocidente — em especial nos países que são sinônimos do setor, como a Itália e a França. Os dois grupos superpoderosos do segmento, o LVMH (leia-se Louis Vuitton, Dior e Givenchy, entre outras marcas) e o Kering (que tem a



DE VOLTA ÀS COMPRAS O centro de Wuhan, onde tudo começou, inspira confiança na recuperação em até três meses

AVIR

Gucci como carro-chefe), anunciaram quedas de 15% no primeiro trimestre do ano. Nas primeiras semanas de abril, porém, o LVMH registrou uma boa reação nas lojas da China, algumas delas com aumento de 50% nas vendas em relação a 2019. “Temos observado taxas de crescimento substanciais, que mostram o apetite dos clientes para voltar às lojas depois dos meses de confinamento”, disse Jean-Jacques Guiony, chefe da área financeira do conglomerado, em recente apresentação de resultados.

Seguindo procedimentos rigorosos, como ter a temperatura medida por dispositivos que dispensam o contato físico na entrada de estabelecimentos comerciais, os chineses estão voltando a frequentar shoppings, lojas e restaurantes das grandes cidades. “A reabertura tem sido gradual, um processo de várias semanas. Quando o comércio retomou as operações, o movimento

foi baixo. Mas, agora, a maioria dos consumidores está confiante nas perspectivas econômicas. As vendas online, por exemplo, já estão ultrapassando os níveis de 2019”, afirmou a VEJA Daniel Zipser, líder da área de varejo da consultoria McKinsey na potência asiática. Em uma pesquisa feita pela empresa em abril, 52% dos chineses disseram esperar que a economia se recupere em dois ou três meses.

A despeito dessas boas notícias, a nova ordem mundial criou um ponto sensível que terá indiscutível impacto sobre o consumo de luxo nos próximos meses: as viagens. Diversas pesquisas revelam que os chineses fazem apenas um terço das compras desses artigos dentro do próprio país. Deixam o resto para as visitas ao exterior, em especial Europa e outros destinos da Ásia — não só para aproveitar os preços mais baixos, mas pela experiência autêntica de escolher uma peça

no lugar que representa as origens da grife. “Devemos olhar agora as vendas globais das marcas de luxo por nacionalidade. Sem as viagens, para haver de fato um crescimento, precisamos ver um aumento de duas ou três vezes nas compras dos chineses em seu país para compensar a queda no movimento turístico”, diz Luca Solca, analista da consultoria Bernstein Research. Para ele, há ainda uma questão mais básica a ser respondida: as pessoas continuarão com uma vida social tão ativa quanto antes da pandemia ou terão receio de se expor? “Se os consumidores não saírem de casa com a mesma frequência, as ocasiões para o uso de roupas e acessórios serão mais restritas”, lembra o especialista. O alerta faz sentido e preocupa os principais players da indústria do luxo no mundo. Mas, na China, o medo ficou para trás e é hora da festa da demanda reprimida. ■



EM ALTO E BOM SOM

O hábito de telefonar, posto em desuso pelas onipresentes mensagens de voz, ressurgiu em meio à pandemia aproximando pessoas em tempos de distanciamento social **MARIA CLARA VIEIRA**

O ADVENTO do telefone abriu, no fim do século XIX, a revolucionária possibilidade de a voz humana ser transmitida a longas distâncias, interligando as pessoas como nenhum outro artefato o fizera. Elas tanto se afeioaram à criação de Alexander Graham Bell (1847-1922) que passaram a cultivar o hábito

de ficar por horas ali penduradas (esse era o verbo). Muitas décadas depois, vieram os smartphones e com eles as mensagens por escrito, que foram rareando as ligações de voz — um fenômeno que alcançou o auge com a chegada do onipresente WhatsApp. Provavelmente Graham Bell acharia

curioso o fato de seu invento ser acionado neste século XXI muito mais para disparar mensagens e e-mails, navegar nas redes ou mesmo consultar a previsão do tempo do que para... ligar. Foi apenas com o mundo posto do avesso pela pandemia que o telefone (leia-se o celular, já que os aparelhos com fio



A quantidade de ligações de voz mais que dobrou nos países com alto número de infectados pelo novo coronavírus — como o Brasil

O FIM DA ERA DOS “NÃO ME LIGUERS”?

Redescoberta: o cérebro é preparado para interpretar emoções a partir do timbre de voz

“Quase duas décadas atrás, minha missão era vender linhas fixas e, depois, tempo no celular. Lá pelos anos 2010, essa função começou a ficar obsoleta com o surgimento dos torpedos — e cobrar pelo uso da voz deixou de fazer sentido”, conta o vice-presidente de marketing e vendas da Vivo, Marcio Fabbris. Para ele e outros nesse mercado, os dias atuais soam como uma viagem no túnel do tempo.

As mensagens por escrito instauraram novos códigos — telefonar era só nos casos de elo forte entre as partes ou quando a delicadeza do assunto justificava. Gerações Y e Z até cunharam um apelido à tribo não afeita à voz: os “não me liguers”. Pois eles voltaram a ligar para romper a quietude do lar. “Quando não tem o peso de uma obrigação, falar ao telefone vira uma forma de passar o tempo apreciando o que o outro diz”, explica Carolina Salvador, de 28 anos, uma ex-“não me ligue”. A boa sensação experimentada por ela e tantos outros quarentenados tem raízes biológicas, afirma o pesquisador americano Julian Treasure, cuja palestra sobre o poder da voz é um dos dez TED Talks mais vistos da história. Ele diz: “A voz humana é um som extremamente poderoso, capaz de nos afetar cognitivamente. Enquanto a leitura e a escrita existem há cerca de 4 000 anos, a fala está aí há pelo menos 150 000 — o que significa que nosso cérebro é muito mais preparado para interpretar emoções a partir do timbre, das pausas e das entonações do que com base nas letras”.

A voz também é potente ferramenta para espantar os incontornáveis mal-entendidos que as mensagens escritas perigosamente deixam pelo caminho. A linguagem cravada na tela

dos smartphones, é verdade, dá aos mais tímidos o benefício da pouca exposição e aos emotivos — e explosivos — a chance de pensar duas vezes, de dedilhar e apagar uma ideia. Mas isso também pode significar um empobrecimento da comunicação. “Não ter de lidar com reações em tempo real é confortável, mas perde-se a oportunidade de aprender a regular as próprias emoções”, pondera Treasure, o defensor das palavras ditas em alto e bom som. Trancada em casa com os dois cachorros, a chef Nathalie Passos, de 27 anos, era do tipo que, literalmente, não fazia (nem atendia) ligações. Transformou-se. “Percebo que as conversas estão mais sensíveis, as pessoas prestam mais atenção ao que as outras falam”, diz ela, que, sim, engrossa a turma dos que resgataram o vocábulo “pendurado” no telefone.

Chamadas de vídeo — seja para aulas on-line, seja para reuniões de trabalho ou festas ao novo estilo, cada qual na sua casa — também foram impulsionadas pelo confinamento. Mas as ligações sem nenhum estímulo externo — nem sequer um emoji — definitivamente conquistaram seu lugar. “Quando um cliente fecha os olhos para se concentrar no cheiro de um prato, ele foca no olfato e limita os demais sentidos, aguçando aquele que está em uso. É o que acontece na conversa só com a voz, que envolve intimidade e imaginação”, observa David Baker, cofundador da The School of Life, grupo liderado pelo filósofo Alain de Botton. O retorno das conversas mais demoradas e densas pode ser uma boa herança destes dias de confinamento. Por ora, elas estão preenchendo um incômodo vazio, às vezes solidão, que emerge com o distanciamento social. Nos Estados Unidos, até as funcionárias de call center, normalmente rejeitadas ao primeiro alô, estão sendo atendidas com entusiasmo por gente que quer jogar conversa fora. Rsrtrs. É, o mundo não é mais o mesmo. ■

viraram peça de museu) reencontrou sua função original. Confinada em casa, uma multidão redescobre as alegrias do bom e velho alô. Alô!

O fenômeno é universal. Nos Estados Unidos, o fluxo de ligações diárias mais do que dobrou em comparação com o do Dia das Mães, quando sempre bate recorde — mesma expansão aferida pelo Facebook, que fez um levantamento de ligações de voz nos países mais afetados pela Covid-19, o Brasil aí incluído. Já as grandes telefônicas brasileiras registraram aumento no tempo de bate-papo de até 50%.

NÃO QUERO DINHEIRO

Fechadas em casa, longe do caixa eletrônico, as pessoas cada vez mais recorrem a pagamentos digitais e com cartão, o que reduz a circulação das cédulas pouco higiênicas **JANA SAMPAIO**

UM DOS MUITOS efeitos colaterais da orientação para ninguém sair de casa atualmente é o semiabandono de um costume antiquíssimo: o de pagar em dinheiro vivo, ou seja, em notas e moedas. Primeiro, porque o sistema de compras on-line para entrega em casa, utilizado por dez entre dez quarentenados, privilegia o pagamento via cartão ou outro meio eletrônico. Depois, porque o clima não está favorável para ir (tradução: pôr o pé na rua) até o caixa eletrônico (tradução: gente em volta, teclas e telas sem proteção) e retirar um punhado de reais. E, por fim, porque, como todo mundo aprende desde criança, dinheiro é sujo

e cheio de germes. Antes do surto da Covid-19, as transações em espécie eram feitas por 70% da população nas trocas diárias, segundo pesquisa do Instituto Locomotiva. Ainda não há dados sobre a mudança de hábito nos últimos dois meses, mas especialistas preveem um aumento considerável de adesão aos meios eletrônicos. “Dinheiro em cédula e moeda vai ser, cada vez mais, coisa do passado”, antecipa Mailson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda e colunista de VEJA.

A questão da falta de higiene do dinheiro vivo ganhou dimensão quando um funcionário da Organização Mundial da Saúde admitiu que seu uso de-

FEATURE CHINA/BARCROFT MEDIA/GETTY IMAGES



APROXIMAÇÃO Caixinha para artista de rua através do celular, na Austrália: quem tem QR code não precisa de chapéu



SOCIALISE PHOTO



LIMPEZA Funcionário usa spray para higienizar notas de dinheiro na China: evitando a disseminação do vírus

formas digitais e em aplicativos no Brasil, alcançaram a marca de 323,5 bilhões de reais. A expectativa da Associação Brasileira das Empresas de Cartões (Abecs) é que as compras digitais aumentem 60% com a quarentena. O método considerado mais seguro é o de simples aproximação do smartphone ou cartão, sem a necessidade de digitar a senha. A quitação por leitura de código — o QR code — já representa quase 50% do total de transações na China e vem sendo usada até por artistas de rua mundo afora, que trocam o chapéu pelo quadrado em preto e branco bem à mostra. O Banco Central brasileiro planeja lançar em novembro o PIX, sistema eletrônico de transações instantâneas. “A digitalização da economia é uma forma de reduzir custos com a produção e distribuição de papel-moeda”, diz Carlos Eduardo Brandt, chefe adjunto do Departamento de Estrutura do Mercado Financeiro do BC.

Além da economia, a transposição para pagamentos em cartão e meios eletrônicos aumenta a arrecadação de impostos, já que todas as transações deixam “pista”, e reduz o volume de furtos, roubos ou perda de dinheiro. Em contrapartida, cresce o risco de ataques cibernéticos: golpes e fraudes digitais subiram 700% no mundo entre março e abril. Mesmo assim, o uso intensivo de cartões e, por tabela, das compras pela internet é caminho sem volta. “A pandemia serviu para ressaltar a comodidade e a segurança do dinheiro eletrônico e do próprio comércio on-line. As lojas que estiverem conectadas vão se sair melhor na retomada das atividades”, diz o economista José Jardim, da Saint Paul Escola de Negócios. No mundo pós-Covid-19, ir às compras será dar três passos até o smartphone ou o laptop. ■

veria ser substituído por cartões e métodos sem contato físico sempre que possível. As pesquisas, de fato, mostram que o novo coronavírus pode sobreviver até 24 horas no papel-moeda. “Quanto mais o dinheiro passa de mão em mão, maior a tendência de que fixe microrganismos em sua superfície”, alerta o epidemiologista Eliseu Waldman, da Universidade de São Paulo. A OMS, no entanto, provavelmente levando em conta que notas e moedas ainda são o principal meio circulante no mundo, amenizou depois a fala e declarou que lavar bem as mãos é o suficiente para evitar contaminação após contato com dinheiro. Mesmo assim, países e organizações estão tomando medidas de proteção.

Berço da doença, a China está desinfetando as notas provenientes de

hospitais e mercados com luz ultravioleta e altas temperaturas. Nos Estados Unidos, os dólares repatriados da Ásia permanecem recolhidos por duas semanas antes de voltar a circular. A Hungria foi o primeiro país europeu a quarentenar toda a moeda circulante, em lotes alternados. No Brasil, uma campanha organizada pela Agência de Notícias das Favelas estimula o uso de cartão — segundo seu levantamento, 43% dos pagamentos nesses locais são em espécie. “Nossa campanha foca as favelas, mas todo mundo que quiser reduzir o risco de contaminação poderá e deverá eliminar o papel-moeda”, aconselha André Fernandes, fundador da ANF.

Em 2019, muito antes de o novo coronavírus infernizar o planeta, as vendas no comércio eletrônico, nas plata-





AINDA TENHO MUITO MEDO

A atriz Isis de Oliveira, 69 anos, fala da violência física e psicológica a que o marido a submeteu



EU ME PERGUNTO várias vezes como deixei a coisa chegar a esse ponto. É difícil responder. A gente cansa de ouvir histórias de mulheres que apanham do marido e dizem que tropeçaram no tapete. Não me enxergava como uma delas. Mas foi assim que eu agi durante muito tempo. Quando você está passando por uma brutalidade dessas, nega até para si mesma. Só que a situação alcançou um ponto intolerável nesta quarentena. Comecei a temer pela minha vida. Nas últimas semanas, Hazem Roshdi, nascido no Egito, e com quem estava casada havia seis anos, tornou-se cada vez mais agressivo, fazendo-me ameaças e se descontrolando. Ele não respeitava o isolamento e dizia: “Não sou velho para ficar em casa”. Numa das vezes em que saiu, reclamei. Argumentei que daquela forma estava me expondo por eu ser do grupo de risco, com mais de 60 anos e cardíaca.

Foi o estopim. Ele chutou o ventilador e meu computador, gritava que ia quebrar a televisão, rasgar minha cara e botar fogo no apartamento. Entrei em pânico. Em meio àquele desespero, aproveitei um momento de distração dele e mandei uma mensagem para a amiga Luiza Brunet — engajada na causa desde que ela própria foi vítima de violência doméstica. Luiza sabia que eu vinha sendo agredida física e psicologicamente. Escrevi apenas: “SOS”. Era o código que tínhamos combinado para que ela chamasse a polícia no caso de haver um problema. Quando o porteiro do flat tocou o interfone, fingi que era uma entrega da farmácia. Ao ver os policiais, só consegui dizer “pelo amor de Deus, me ajudem” — e desabei a chorar.

Eu me casei com Hazem no Egito, em agosto de 2014, oito meses depois de começarmos a nos falar pela internet. Viajei para conhecê-lo e, antes de decidir vir comigo para o Brasil, ele quis oficializar a união. Por mim, nem me casaria, mas Hazem insistiu, alegando que as regras em seu país eram diferentes. Contava que trabalhava como segurança.

Não me importei em sustentá-lo aqui. Tive outros cinco casamentos e por mais de uma vez eu mantive a casa. O problema surgiu com o tempo, quando ele, que hoje está com 35 anos, foi se mostrando outra pessoa.

A violência doméstica escalava. Um dia, por causa de uma discussão boba, Hazem puxou o colchão da cama com tanta força que caí no chão. Logo depois, veio para cima de mim com um travesseiro. Umas quatro vezes fui acordada com socos nas costas. Ele também me fazia intimidações, como quando usava a força para impedir que eu saísse do quarto, e me xingava de tudo. Eu já havia dito que o casamento estava acabado, que queria me separar, mas Hazem não ligava. Em 2017, ele me jogou no chão por causa de uma discussão sobre o cachorro que tínhamos. Bati com a cabeça e perdi os sentidos. Quando recobrei a consciência, vi que escorria sangue pelo meu supercílio. Hazem disse que eu caíra sozinha e chegou a pegar gelo. Mas fui a um hospital, contei a história verdadeira e me orientaram a dar queixa na polícia. Fiz isso, ele foi embora para o Egito, porém acabou voltando. Disse que tinha mudado, que não vivia sem mim, e eu perdoei. Agora, chega.

Depois de prestarmos depoimento na delegacia, Hazem foi levado pelos policiais ao meu apartamento para pegar todos os seus pertences. Ainda estou assustada e com muito medo. Não tenho dormido direito, só choro. Nos últimos dias, ele tentou me ligar e me enviou mensagens de perfis diferentes nas redes sociais, mas consegui uma medida protetiva, pela qual Hazem não pode mais se aproximar de mim nem da minha casa. Depois de tudo, mesmo sabendo que sou a vítima, fica a vergonha de não ter tomado uma atitude antes. O que eu posso dizer hoje a mulheres em situação semelhante é que não deixem chegar a esse ponto. ■

Depoimento dado a Sofia Cerqueira

FRANCOIS MORI/AP



ESTAMOS ABERTOS Loja de vinhos em Paris (à esq.) e de armas na Califórnia (acima): atendimento aos clientes durante o surto epidêmico

CADA UM NO SEU QUADRADO

AVIR

Para frear a propagação do vírus, só estabelecimentos “essenciais” foram autorizados a funcionar. Mas o que é tido como indispensável num país não é em outro **SABRINA BRITO**

DESDE que a pandemia da Covid-19 tomou o planeta de assalto, o cenário de filme apocalíptico, com cidades fantasmas espalhadas por toda parte, se tornou algo incomodamente comum. Não são apenas as ruas semidesertas de pessoas e de veículos que chamam atenção. Também se destaca na aterrador paisagem uma sucessão de estabelecimentos de portas cerradas. Quem não esteve em Marte — nem desconectado — nos últimos meses sabe exatamente o porquê disso: tentar breicar a disseminação do novo coronavírus. A fim de evitarem aglomerações, governos dos quatro cantos do globo baixaram normas determinando que só o comércio considerado “essencial” teria autorização para funcionar.

Mundo afora, ninguém estranhou que supermercados e farmácias, por exemplo, entrassem nesse seletíssimo rol. A partir daí, no entanto, o que se viu foi uma diferenciação em larga escala daquilo que poderia continuar a ser oferecido ao público. Dito de outra forma: salvo raras exceções, “produtos essenciais” não são unanimidade universal. O que é imprescindível para uma população não é para outra.

Tome-se o exemplo da França. Lá, lojas que vendem vinhos, queijos e chocolates foram autorizadas a continuar atendendo os clientes. Houve certa decepção quando as livrarias ficaram de fora da relação dos estabelecimentos essenciais — uma desfeita que os alemães não tiveram de amar-

gar. Na Bélgica, quiosques de batatas fritas — iguaria que é objeto de uma deliciosa disputa entre belgas e franceses pelo crédito de tê-la inventado — ainda estão funcionando. Batatas fritas são mesmo indispensáveis?

Nos Estados Unidos, desde o início de abril 46 dos cinquenta estados ordenaram o fechamento de negócios “não essenciais” por causa do surto epidêmico. Shoppings, academias, teatros e museus entraram na lista. Todavia, em alguns lugares, lojas de armas de fogo e estabelecimentos dedicados à venda de maconha — para uso medicinal, vá lá, mas também recreativo — receberam sinal verde das autoridades para continuar de portas abertas durante a pandemia.

A exemplo do que ocorre nos Estados Unidos, na Austrália os estabelecimentos especializados em produtos para drinques foram declarados essenciais. E, como o premiê Scott Morrison disse também que os quebra-cabeças são fundamentais para ajudar a atravessar o surto do novo coronavírus, algumas lojas de brinquedos acabaram obtendo do governo licença para continuar atendendo os interessados. No Brasil, gerou polêmica a decisão do presidente Jair Bolsonaro de editar, na penúltima semana de março, um decreto que livrava os templos religiosos da obrigação de se manter, digamos assim, em quarentena.



CLAUDIO DE MOURA CASTRO

O PROTOCOLO DA MEDICINA

A ciência sempre conviveu com imperfeições e ceticismo

Afinal, por que tanta diversidade? Ou será que, diante da gravidade das consequências da Covid-19, tudo isso não seria “muito barulho por nada”? Na verdade, não se trata de uma questão menor. Para o historiador americano James Daughton, professor de história europeia na Universidade Stanford, a variedade de itens definidos como indispensáveis em cada país está relacionada à identidade cultural de cada nação. “O que os governos julgam essencial não é necessariamente aquilo de que os indivíduos precisam, no âmbito material, para viver”, disse Daughton a VEJA. “O que os países querem é que seus cidadãos sintam que ainda têm acesso àquilo que os define como pessoas.”

Naturalmente, Daughton não ignora o peso dos negócios na diversificação das decisões sobre o que manter aberto ou fechado. “As indústrias de queijo e vinho na França são parte decisiva da economia, além de ter grande poder de influenciar a política nacional”, diz o historiador. Ele sublinha, entretanto, que mesmo nesse aspecto a cultura dá o tom. “Em tempos de stress, a população quer ter acesso a produtos que a confortem, que diminuam o peso da quarentena — ou seja, que mantenham elevado o seu moral”, frisa. Essencial, portanto, com o perdão da redundância, é o que vai na essência dos povos. Não há pandemia que derrube isso. ■

NA EVOLUÇÃO das proezas do *Homo sapiens*, a ciência é um bebê. Os gregos observaram a natureza e formularam hipóteses engenhosas. Mas não juntaram uma coisa com a outra. A medicina tradicional — incluindo a chinesa — sempre parou nas boas intuições. Mas a ciência cresceu e só foi entendida ao casar a teoria com a prática: imagine suas ideias, porém nada feito sem confrontá-las sistematicamente com o mundo real.

No século XIX, surgiram avanços médicos apoiados em números. Semmelweis verificou que, nas enfermarias onde se lavavam as mãos, as fatalidades no parto eram menos numerosas. O epidemiologista inglês John Snow (1813-1858) marcou no mapa onde moravam as pessoas que haviam morrido de febre tifoide. Na física, soltando-se um frasco de hidroxiclороquina de um 3º andar, seja em Pisa, seja em Wuhan, ele leva

o mesmo tempo para espatifar-se no solo. Por isso Galileu precisou de poucas observações para formular a lei da queda dos corpos. Mas nas áreas sociais e na medicina tantas variáveis influenciam os resultados que as regularidades só se tornam visíveis nos grandes números. Daí o reinado da estatística inferencial e da epidemiologia.

Com os avanços metodológicos, tornou-se inaceitável prescrever um fármaco que não cumprisse um elaborado protocolo de testes. Análise de variância, duplo-cego, randomização, grupos de controle são os mantras sagrados dessa nova ortodoxia. Lá pelos anos 1970, a medicina baseada em evidência vira o credo oficial.

Com o atrevido coronavírus, exuma-se uma polarização que parecia en-

terrada. O vírus é danadinho, e os remédios sugeridos não foram devidamente testados. Há evidência, porém é solta e desconstruída, como é o caso da hidroxiclороquina. Criou-se um impasse. Os que a recomendam não estão mais mal servidos de certezas do que na medicina do passado. Mas não é ilegítimo o ceticismo de quem prefere esperar por provas mais confiáveis.

Comissões de ética se enfurecem com as falhas metodológicas de alguns testes. Mas a ciência sempre conviveu com informações incompletas e sujeitas a erros. Se os dados são imperfeitos, conta a convergência de resultados.

Há duas agendas latentes na briga. De um lado, o purismo daqueles aferrados aos protocolos dos testes e ao juramento de Hipócrates (nunca causar danos). No outro lado, estão os médicos da “trincheira”. Tentemos

tudo. Se parece funcionar, por que não? Aliás, eles próprios tomam o contestado remédio. Alinhar-se com um ou outro lado não é uma decisão puramente científica. São riscos comparados com riscos. E o peso da morte, do sofrimento e da bancarrota tem valores diferentes para cada um.

Há também a agenda política, necessária, mas sujeita a escorregões. Cada lado defende as ideias que lhe convêm. Tampouco aos cientistas não faltam crenças e preconceitos. O campo é minado. Há controvérsias legítimas entre os profissionais da saúde. Há o uso oportunista dessas discrepâncias. Há também um vulcão de palpites desconstruídos nas redes sociais. Como cidadãos, cabe-nos aprender a separar os fatos das ambiguidades malévolas. ■

“Como cidadãos, cabe-nos separar os fatos das ambiguidades malévolas”

AVIR

A PANDEMIA IMBATÍVEL

AVIR

CONTÁGIO

Doentes em
base no Kansas:
gripe espanhola
– ou americana?



NHM/ARMED FORCES INSTITUTE OF PATHOLOGY/AP

Nenhuma doença matou tanto e mudou o mundo (e a medicina) como a grande gripe de 1918. Uma obra essencial sobre o tema chega ao país, com muito a ensinar na era do coronavírus

MARCELO MARTHE

É um fato bem conhecido que a derrota da Alemanha na I Guerra redesenhou o mundo e semeou o terreno para a futura ascensão de Hitler e um segundo conflito mundial. Mas a história talvez fosse diferente se uma grande ofensiva alemã, no fim de abril de 1918, tivesse dado certo. As tropas do general Erich von Ludendorff vinham obtendo avanços impressionantes contra as forças francesas, inglesas e americanas. A qualquer momento, os aliados esperavam um ataque decisivo. Mas passaram-se dias, semanas a fio, e nenhum movimento novo ocorria no front adversário. O silêncio tinha explicação: os alemães enfrentavam outra guerra, bem mais terrível dentro dos próprios acampamentos. Tratava-se de um inimigo invisível, mas pior até que as bombas e os gases venenosos em voga. Ludendorff revelaria a razão da pane súbita: “Era uma tarefa penosa ter de ouvir toda manhã os comandantes recitarem o número de casos de gripe e as lamúrias sobre a fraqueza de seus soldados”.

A guerra passou, depois vieram sua sucessora e outros tantos conflitos. A chamada gripe espanhola, contudo, se manteria como um evento biológico sem igual em horror e extensão dos danos: é a maior e a mais letal pandemia que o mundo já enfrentou. Ceifou

entre 50 milhões e 100 milhões de vidas — bem mais que os 17 milhões de vítimas da carnificina da I Guerra e o equivalente a 5% da população do mundo na época. Por décadas o tema pareceu não dizer respeito à vida contemporânea, com todas as suas conquistas tecnológicas e no campo da saúde. Coube ao coronavírus, naturalmente, demolir essa certeza e reacender o interesse pela maior de todas as pandemias. Chega ao Brasil no próximo dia 18 uma obra de 2004 que funciona como um excelente guia sobre essa doença que foi, digamos, a avó da Covid-19: *A Grande Gripe*, do americano John M. Barry.

A gripe de 1918-1920 é, sem dúvida, a analogia mais próxima da emergência sanitária de agora. Das páginas do livro emergem situações e dilemas estranhamente familiares. Enquanto debatiam a conveniência de quarentenas, autoridades amplificavam a tragédia com sua teimosia — na Filadélfia, a insistência na realização de uma parada de rua provocaria a contaminação e morte de milhares. Médicos e enfermeiras na linha de frente ganharam um papel heroico, mas terrível: devido à falta de proteção adequada, muitos sucumbiram à doença. O excesso de pacientes levou os sistemas de saúde ao colapso. Acumulavam-se corpos nas casas, ruas e hospitais. As máscaras tornaram-se um item



A GRANDE GRIPE,

de John M. Barry (tradução de Alexandre Raposo e outros; Intrínseca; 608 páginas; 59,90 reais)

ram um papel heroico, mas terrível: devido à falta de proteção adequada, muitos sucumbiram à doença. O excesso de pacientes levou os sistemas de saúde ao colapso. Acumulavam-se corpos nas casas, ruas e hospitais. As máscaras tornaram-se um item

A TRANSPARÊNCIA É O REMÉDIO

O historiador americano John M. Barry, autor de *A Grande Gripe*, falou a VEJA sobre a pandemia do passado e a atual.

O que a pandemia de 1918 pode ensinar hoje? A gripe nos mostrou que o governo deve ter coragem de dizer a verdade à população nessas horas. Bons líderes agem com transparência, sem minimizar a gravidade da doença. Na gripe de 1918, não só os governos como a imprensa e os cidadãos comuns pagaram um preço alto por não levar a epidemia a sério. Na aflição, nada é mais libertador que a verdade. As pessoas encontram mais forças para vencer o medo e se proteger se têm uma noção real do que está em jogo. Mesmo que sofram um baque ao saber disso.

Quais as diferenças entre a gripe célebre e o coronavírus? O novo vírus pode não ser tão letal quanto o da gripe, mas é muito contagioso e deve infectar até mais pessoas. O coronavírus também é mais insidioso. A *influenza* de 1918 explodia em uma comunidade de forma terrível, mas os surtos duravam de seis a dez semanas e depois sumiam. Isso não acontece na Covid-19. A doença tende a permanecer ativa por um período bem mais longo, e sua presença no corpo dura semanas. Certamente produzirá mortes na casa dos milhões no mundo.

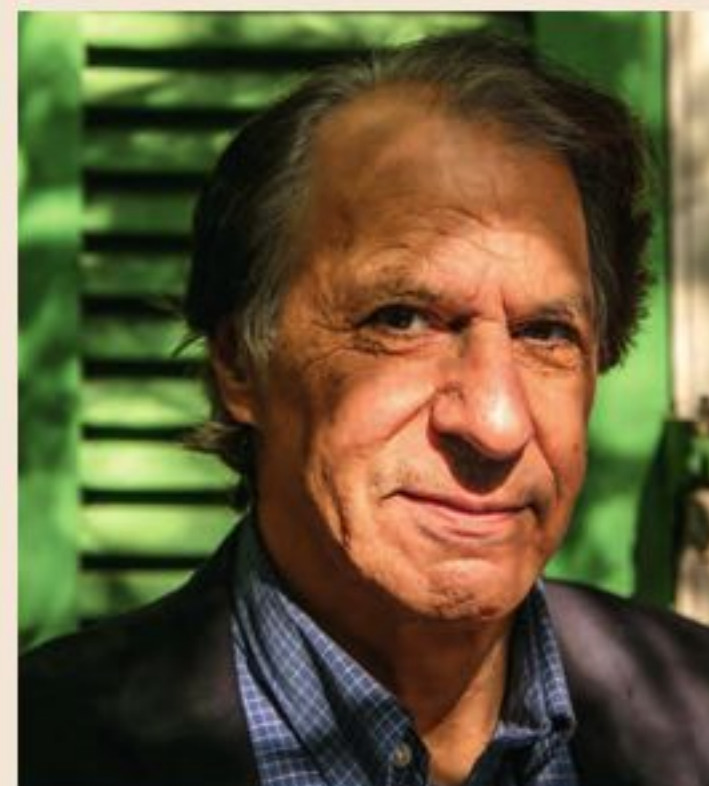
Essa evolução não seria evitável? Sabemos que é preciso adotar medidas que limitem a exposição das pessoas ao vírus e amenizem o stress nos sistemas de saúde, enquanto esperamos por uma vacina. Muitas pessoas e governantes, contudo, ainda resistem a aceitá-las. Obviamente, no Brasil vocês têm um presidente com ideias e atitudes que representam um sério problema.

O presidente Jair Bolsonaro proclamou que o vírus é só uma “gripezinha”. O que pensa da declaração? Gostaria muito que fosse verdade. Infelizmente, cada informação científica que vai se somando ao que já sabemos sobre o coronavírus desmente a possibilidade de forma categórica. Os fatos provam que Bolsonaro está completamente equivocado e vem colocando os brasileiros em risco.

A tragédia de 1918 teria sido menor se os governos houvessem investido em medidas de isolamento social, como as que são defendidas hoje? Na verdade, a experiência da grande gripe comprova a necessidade do isolamento. Ao me debruçar sobre as medidas tomadas na época, constatei que as cidades americanas que adotaram táticas de quarentena preventiva, às vezes antes até de a gripe chegar à comunidade, tiveram destinos muito menos trágicos que as cidades que demoraram a agir. Além disso, levantaram-se economicamente antes.

A defesa da cloroquina no tratamento da Covid-19, de efeitos não comprovados, virou um mantra de Donald Trump e Bolsonaro. Misturar pandemia com política é razoável? É um absurdo políticos quererem tomar decisões no lugar dos médicos. Imagine Trump ou Bolsonaro numa sala de operação dando ordens aos cirurgiões sobre seu trabalho. Alguém se arriscaria a passar por isso?

O peruano Mario Vargas Llosa defendeu a ideia de que o coronavírus não teria se tornado uma ameaça global se a China, onde o surto começou, fosse uma democracia. Faz sentido? A China



CHRIS GRANGER

PASSADO E PRESENTE

Barry: “É absurdo políticos tomarem decisões no lugar dos médicos”

acobertou informações importantes no início da epidemia, mas não é possível quantificar o peso disso na propagação mundial do vírus. A atitude do governo chinês pode ter provocado mais mortes no país, mas possivelmente nada teria impedido que a Covid-19 se espalhasse pelo mundo. A questão é reconhecer a força do inimigo e se armar para combatê-lo, como a China fez depois – e também, com igual sucesso, países livres como a Coreia do Sul e a Alemanha.

Como evitar que outras ameaças assim saiam da natureza para atingir a humanidade? Esse é um desafio complexo. Há muitos outros vírus e bactérias tão ou mais letais que o *influenza* e o coronavírus circulando em silêncio na natureza. Virologistas estão mapeando essas potenciais doenças em lugares como a Floresta Amazônica e o interior da Ásia, mas ainda é muito difícil impedir que elas venham a nos atingir.

Quando as pessoas poderão deixar a quarentena e voltar a andar pelas ruas? Isso será diferente em cada parte do mundo, dependendo do estágio da epidemia e do sucesso das medidas tomadas. Diria que teremos meses pela frente.

inescapável. Felizmente, é improvável que a pandemia do coronavírus tenha uma escalada tão devastadora. “Ao contrário de 1918, temos agora a vantagem de contar com o conhecimento científico acumulado desde então para lidar com a ameaça viral em larga escala”, disse Barry a VEJA (*confira a entrevista à esquerda*).

Historiador e professor da Universidade Tulane, na Louisiana, Barry não se circunscreve à narrativa pura e simples do que foi a gripe espanhola. Seu livro é um tratado sobre geopolítica e história militar, sobre as pandemias e as lutas em busca de vacinas e remédios; é, ainda, um voo fascinante pela evolução de vírus e bactérias, e pela saga dos cientistas que os desvendaram — sobretudo nos Estados Unidos. O mundo era outro: embora a medicina tivesse evoluído nas cinco décadas pré-1918 mais que desde a Antiguidade, cientistas ainda engatinhavam em tudo, da identificação dos agentes causadores das doenças à forma de lidar com elas. Já se sabia que infecções eram provocadas por bactérias e vírus. Mas, mesmo algum tempo depois da gripe, ainda havia estudiosos que apontavam as emanções da terra e do clima — os “miasmas” — como seus causadores. Só quase uma década após a pandemia descobriu-se que a culpa era de um vírus — mais precisamente, do notório H1N1, variação do agente da gripe, o *influenza*.

O ponto inicial da gripe de 1918 é um mistério. Barry, no entanto, corrobora uma hipótese curiosa: o vírus mutante teria surgido num condado do Kansas, pedaço do interior americano em que as pessoas tinham contato com bichos como galinhas e porcos. Dali, espalhou-se pelos quartéis dos Estados Unidos recém-lançados na I Guerra — e, deles, expandiu-se como um enxame viral pela Europa, Índia, Nova Zelândia e por países sul-americanos como o Brasil. De es-

panhola, vale reiterar, a gripe não tinha nada: o apelido injusto se deveu ao fato de que, enquanto os países em guerra censuravam a pandemia, a Espanha se mantinha neutra e livre, e foi a primeira a noticiar o problema.

O livro recupera os efeitos do vírus em tétricos pormenores. Os doentes graves tinham hemorragias pelo nariz e pelos ouvidos e tossiam sangue a ponto de provocar lesões nos músculos torácicos. A extrema falta de oxigênio no sangue dava à pele um tom azulado. “Nas trincheiras da I Guerra, não se distinguiram os soldados brancos dos negros — todos ficavam azuis ao morrer”, informa Barry. Num desdobramento que deve servir de alerta nas discussões de hoje sobre quarentena, o vírus atacou em ondas com características diferentes. Na primeira, não era tão letal. A segunda onda, a partir de agosto de 1918, foi a mais forte e dramática, atingindo não só soldados como civis em todo o mundo. Em 1919,

quando ia sendo esquecida, a gripe voltou forte e com nova característica: o vírus passou a causar danos cerebrais, trazendo derrames, delírios e sequelas mentais duradouras.

Nessa fase, o presidente americano Woodrow Wilson pegou a doença enquanto estava em Paris debatendo com outros líderes o tratado final da guerra. Wilson tinha convicção de que não se deveria infligir toda a conta do conflito à Alemanha. Mas, após os sintomas, entrou num estado de confusão mental e teria sido convencido a endurecer a versão final, instilando um ressentimento nos alemães que levaria à ascensão do nazismo. Já faz 102 anos que a gripe abalou o mundo — mas há muito que aprender com ela neste momento. Como ensina o grande Albert Camus, autor de um clássico sobre o impacto existencial de uma epidemia: “O que é verdadeiro sobre todos os males do mundo também é verdadeiro em relação à peste. Ajuda os homens a se superarem”. ■



QUALQUER SEMELHANÇA... Cenas de um hospital e das ruas americanas em 1918: como agora, enfermeiras eram vítimas e máscaras se impunham



À FRENTE Laura Harrier, como Camille: a primeira (e fictícia) estrela negra

NA TERRA DO AVIR FAZ DE CONTA

Passada no pós-guerra, *Hollywood*, a nova série de Ryan Murphy para a Netflix, imagina uma realidade alternativa em que todas as barreiras podem ser demolidas **ISABELA BOSCOV**

DE NASCE UMA ESTRELA a *Fama* e *La La Land*, este é um roteiro consagrado: o do punhado de sonhadores que aposta tudo na ambição do sucesso, esperando contar não só com a própria persistência, mas também com algum lance inefável (e indispensável) de sorte. As barreiras, porém, são desafiadoras: Jack (David Corenswet) tem cara e porte de galã, mas também mulher grávida de gêmeos e não pode se dar ao luxo de esperar pelas oportunidades; Camille (Laura Harrier) é linda e talentosa, mas a pele negra reduz quase a zero sua chance de conseguir um papel que não seja de criada; Archie (Jeremy Pope) escre-

veu um roteiro tão bom que ganhou o sinal verde de um grande estúdio, mas o semáforo imediatamente mudará para o vermelho se descobrirem que ele é negro e homossexual; loira e esbelta, de olhos azuis cintilantes, Claire (Samara Weaving) tem o visual que se espera de uma estrela, mas seu pai, o chefe do estúdio, pretende matar no nascedouro suas aspirações.

Esse “mas” é uma força poderosa, e o era ainda mais no período pós-II Guerra, quando o star system com que os estúdios controlavam a vida dos astros e estrelas estava no auge e o Código Hays obrigava a indústria do entretenimento a uma fachada inde-



FOTOS: NETFLIX

vassável de puritanismo. Vários dos outros personagens de *Hollywood* (Estados Unidos, 2020), a nova série do megacriador Ryan Murphy para a Netflix, já se resignaram à distância que separa a ilusão da realidade — viraram funcionários obedientes aos estúdios, dondocas ricas e insatisfeitas, gays fadados a nunca se assumir, gigo-lôs que atendem esses dois grupos de clientes e, em um caso, um agente de talentos tão cheio de amargura que a cidade inteira o conhece pelo tratamento horrendo que dispensa aos seus contratados. Henry Willson, o agente interpretado por Jim Parsons, é um personagem real e bastante célebre —



FORA DO ARMÁRIO

Parsons, o agente, e Jake Picking, como Rock Hudson: homossexualidade assumida

pela sordidez, por ter lançado estrelas como Lana Turner e por ter fomentado a febre por astros fortões que dominou o cinema dos anos 50. Rock Hudson, um dos campeões de bilheteria do período, foi seu cliente — e vítima — mais famoso: Willson fechou o rapaz doce do interior em um armário trancado a cadeado, tornando-o um caso exemplar de infelicidade. (Outro caso curioso é o do posto de gasolina que serve como bordel drive-thru: de fato houve um estabelecimento nesses moldes no Hollywood Boulevard.)

Também Hudson comparece na série, mas tanto ele como Willson e os outros personagens verídicos ou fictí-

cios seguem trajetória muito diversa daquela que a realidade teria guardado para eles: esta Hollywood não só fabrica faz de conta como se torna o lugar em que todas as barreiras de cor, gênero, sexualidade e idade podem, afinal, ser demolidas. Murphy antecipa em quase cinquenta anos um marco histórico: só em 1992 uma mulher — a ex-modelo e ex-diretora de produção Sherry Lansing — assumiu a chefia de um estúdio, mas aqui Avis, personagem da diva Patti LuPone, toma as rédeas do negócio quando o marido adoece, e faz um trabalho brilhante.

Murphy tem um lado sombrio (*American Horror Story*, *O Povo con-*

tra O.J. Simpson, *O Assassinato de Gianni Versace*) e outro de cores alegres (*Glee*, *The Politician*). Com *Hollywood*, ele pretendia achar uma veia intermediária, mostrando como preconceitos antigos ainda vigoram e, ao mesmo tempo, homenageando o poder de mudança de iniciativas como o #OscarTãoBranco e o #MeToo. Entre a produção e o lançamento, porém, o mundo mudou de assunto. E, se a pandemia por um lado favorece o escapismo vindo de Hollywood, por outro lado ela o torna quase perverso: sempre que a ficção imagina desfechos excessivamente otimistas, a realidade trata de colocá-la no seu lugar. ■



SUBVERSIVOS *Os Irmãos Willoughby*: na animação que reinventa conceito de família, comediante dá voz a um gato-narrador

LÍNGUA FERINA AVIR

Uma peculiar animação e a ácida série *After Life* confirmam o talento incômodo do inglês Ricky Gervais: eis um humorista politicamente incorreto, mas de bom senso **RAQUEL CARNEIRO**

“SE VOCÊ GOSTA de histórias sobre famílias unidas, cujo amor supera todas as dificuldades e que vivem felizes para sempre... este filme não é para você, o.k.?” A frase de abertura da simpática animação *Os Irmãos Willoughby*, recém-lançada pela Netflix, não é só uma das muitas tiradas afiadas do roteiro: ela é, de fato, um aviso. O alerta vem do narrador, um rechonchudo e mal-humorado gato de rua que vai acompanhar as aventuras dos quatro irmãos protagonistas do título — e até interferir nelas, quando achar conveniente. As pequenas intromissões do bichano dão novos rumos à tenebrosa vida das crianças. Tratados pelos pais como empecilhos à sua rotina de romance e ocio-

sidade, os pequenos e coloridos personagens só veem uma solução para ser felizes: virar órfãos.

Não se trata, enfim, de um filme à la Disney. A produção é um espelho perfeito de sua maior estrela humana: o inglês Ricky Gervais, que faz a voz do gato e é um dos produtores executivos. Sincerão, meio rabugento e dotado de uma verve cortante, o personagem incute subversão em uma animação toda fofa. A trama, que pode fazer com que pais mais sensíveis arregalem os olhos, é uma adaptação do livro de Lois Lowry, de 2008. Nele, a octogenária autora americana satiriza o clichê de que crescer numa família de comercial de margarina é a melhor garantia de felicidade para uma crian-



NATHAN CONGLETON/NBC/GETTY IMAGES

FARPAS Gervais: tiradas que deixaram até Tom Hanks sem graça

ça. Em sua divertida jornada, os Willoughby reinventarão o conceito sobre um clã harmonioso.

O ator, produtor e roteirista Gervais, de 58 anos, é uma figura tão provocadora quanto brilhante. Em tempos nos quais o humor se vê emparedado nos excessos da correção política e em seu oposto, a comédia que não abre mão das piadas acintosas e sexistas, Gervais trilha um caminho alternativo capaz de



SEM TEMPO PERDIDO

É hora de ler os livros e ver os filmes que você nunca conseguiu

irritar os dois lados. Ao apresentar o Globo de Ouro 2020, provocou risos amarelos na plateia de celebridades com suas tiradas sem filtros: um chocado Tom Hanks até virou piada na internet. “Se você ganhar um prêmio, não faça um discurso político. Vocês não sabem nada do mundo real. A maioria de vocês passou menos tempo na escola que Greta Thunberg”, estocou Gervais.

O ator é cáustico, mas oferece algo que boa parte dos expoentes da incorreção política não tem: noção. Ele não debocha do oprimido nem de minorias: prefere piadas ácidas com os que se acham superiores ou salvadores daqueles. Para o bem ou para o mal, tipos tortos são seus favoritos. Como prova o fenômeno que lhe deu projeção, o sarcástico *The Office* (2001-2003), sobre as idiosincrasias de um escritório e seu detestável chefe, protagonizado por ele (também criador da série). *The Office* fez do humorista um nome concorrido no cinema e na TV.

No ano passado, contudo, Gervais mostrou uma nova e perturbadora faceta em *After Life*. Melancólica — aqui, até derruba algumas lágrimas —, a série acompanha um marido que não supera a morte da esposa. Niilista e irascível, ele trata a todos com uma sinceridade que dói. A segunda temporada do programa estreou na Netflix na mesma semana da animação dos irmãos Willoughby, o que comprova a versatilidade do comediante. Gervais diz que *After Life* foi inspirada na paixão que sente pela mulher, a autora Jane Fallon, com quem está há 38 anos. “Eu ficaria perdido sem ela.” Sobre a animação, ele se reconhece totalmente em seu personagem: por achar que filhos demandam muito cuidado, preferiu ter um gato. Eis um felino de língua ferina. ■

SABE AQUELES FILMES que você já deveria ter visto, mas nunca viu? E os livros que deveria ter lido, mas nunca leu? Com ironia, certo intelectual costumava brincar que lia 100 livros por mês, quando, na verdade, lia a orelha de uns quarenta, a sinopse de uns trinta, o início de uns 27 e, então, só lia mesmo três livros completos. A meu ver, a anedota ilustra algo bem verdadeiro: por mais livros que você leia e filmes que você veja, é impossível conhecer tudo! É impossível voltar aos clássicos e ao mesmo tempo acompanhar o que é publicado pelas editoras, distribuído nos cinemas e nos canais de streaming. Aliás, plataformas como Netflix, Amazon, HBO e Globoplay só aumentaram o desafio, lançando diariamente séries e longas de vários países.

De todo modo, é curioso ainda hoje “pegar mal” não conhecer algumas obras. Logo que comecei a escrever, certo escritor de renome me perguntou se eu já havia lido *Ulisses*, de James Joyce. Respondi (honestamente) que não. Daí, o sujeito-escritor disse que era impossível alguém ser bom escritor sem ter lido *Ulisses*. Na minha ânsia juvenil, tratei de comprar um exemplar no dia seguinte, mas morri na praia; quer dizer, morri logo nas páginas iniciais. Sei da importância de *Ulisses*, mas achei o livro um porre.

Na literatura, há bem mais exemplos de livros “obrigatórios” que muita gente finge que leu, como *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust, *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, e *O Jogo da Amarelinha*, de Julio Cortázar. No cinema, há desde clássicos, como *...E o Vento Levou*, *Casa-*

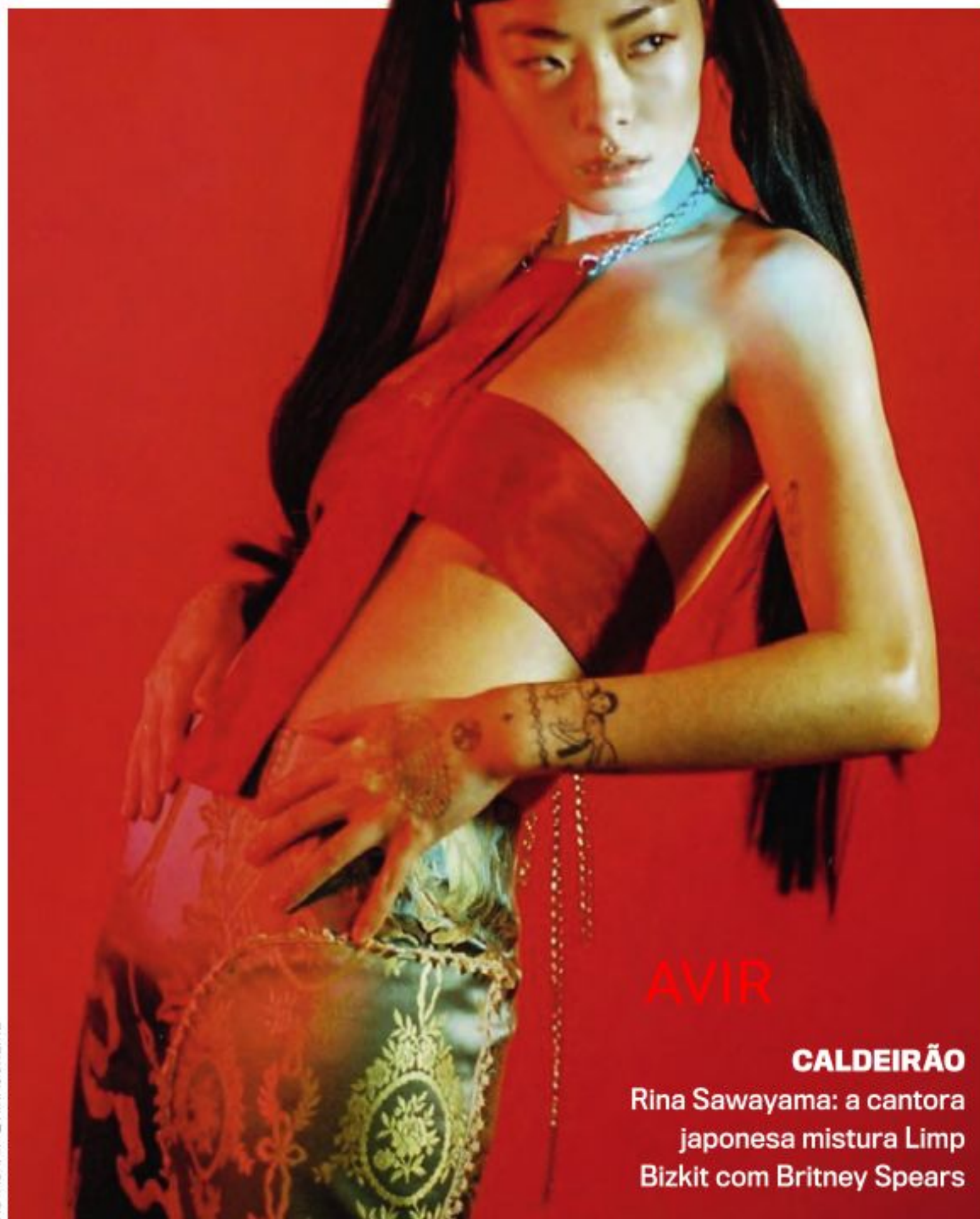
blanca e *O Mágico de Oz*, até outros mais recentes, como *Moulin Rouge*, *Thelma e Louise*, *Paris, Texas* e *Kramer x Kramer*. Na arte, não existe obrigação. Cada um lê e vê o que bem quer. Mas não há dúvida de que este momento em que o mercado está em suspenso, sem tantos lançamentos, é ideal para recuperar o tempo perdido. Não à toa, as editoras têm visto seu catálogo de clássicos com mais saída que o de livros pop que costumavam “bombar” entre os mais vendidos. É o caso de romances de Jane Austen, Bram Stoker, George Orwell, Gabriel García Márquez, Edgar Allan Poe, Franz Kafka e Lev Tolstói.

No cinema, meu débito era grande. Por isso decidi criar metas e completar a obra de alguns diretores que sempre admirei, como Brian De Palma, Roman Polanski e Martin Scorsese (só agora assisti ao maravilhoso *O Rei da Comédia*,

referência evidente de *Coringa*). “Zerei” também Alfred Hitchcock, cuja obra sempre influenciou meus livros. Desde adolescente, sou apaixonado por *Psicose*, *Festim Diabólico* e *Pacto Sinistro*, mas foi só na quarentena que parei para ver *Os Pássaros*, clássico no qual uma pequena cidade litorânea é atacada por aves sinistras. É um bom filme, mas minhas surpresas recentes do mestre foram *A Sombra de uma Dúvida*, que narra a misteriosa volta do tio Charlie à família, e *Interlúdio*, um noir conspiratório que traz Ingrid Bergman e Cary Grant para o Rio de Janeiro, mostrando a orla de Copacabana e conversas na Cinelândia. E você? Que livros tirou da prateleira para ler na quarentena? Que filmes e séries vai aproveitar para ver enquanto está em casa? ■

“Ainda ‘pega mal’ não conhecer algumas obras. Sei da importância de *Ulisses*, mas achei o livro um porre”

AVIR



INSTAGRAM @RINASONLINE

AVIR

CALDEIRÃO

Rina Sawayama: a cantora japonesa mistura Limp Bizkit com Britney Spears

**DISCO**

SAWAYAMA, de Rina Sawayama (disponível nas plataformas digitais) Nascida em Niigata, no Japão, e criada em Londres, no Reino Unido, a cantora e modelo Rina Sawayama, de 29 anos, personifica o imenso caldeirão da música pop globalizada. Em seu disco de estreia, passeia com naturalidade pelo pop farofa de Britney Spears, como em *Paradisn'* (cantando alguns trechos em japonês), e pelo nu metal de Limp Bizkit — caso de *STFU!*, que conta com guitarras pesadíssimas. Vocaais à la Evanescence surgem em *Dynasty* e, não satisfeita, ela mistura tudo isso em uma só música, a surpreendente *XS*. Rina, que se define como pansexual, convidou a brasileira Pablllo Vittar para cantar *Comme Des Garçons*, em que ironiza estereótipos de gênero. A artista disse que escreveu o álbum como uma “busca por um senso de identidade e pertencimento”. A mistura incomum funciona e o trabalho, que recebeu seu sobrenome, serve tanto para bater cabelo quanto para tocar guitarra imaginária — ou, ainda, fazer coreografias para “lacrar” na pista.

TELEVISÃO

MÁ EDUCAÇÃO

(Bad Education, Estados Unidos, 2019. HBO Go)

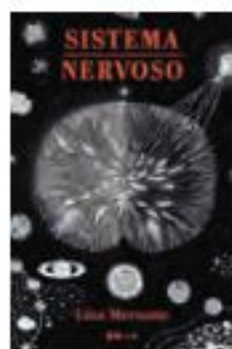
Frank Tassone (Hugh Jackman), superintendente do distrito escolar de Roslyn, em Nova York, é querido e respeitado: tem tempo para todos os pais, alunos e funcionários que o procuram com seus problemas, envolve-se na vida da comunidade e, o principal, catapultou as escolas públicas da área ao topo da lista de eficiência acadêmica — o que, por seu lado, se traduziu em uma alta no mercado imobiliário local. Bastam um par de recibos fora de lugar e uma aluna determinada a brilhar no jornalzinho

do colégio, porém, para o castelo de Tassone e de sua fiel colaboradora Pam (Allison Janney) começar a ruir, deixando à mostra um estarrecedor e prolongado esquema de corrupção. Baseando-se em um caso verídico (aliás, de fato revelado pelo jornal da escola), o filme do jovem diretor Cory Finley expõe mais do que a fraude: na interpretação excelente de Jackman, tem-se também um retrato desolador do idealismo pervertido pela vaidade e pelo oportunismo.

MORAL TORTA Hugh Jackman e Allison Janney em *Má Educação*: idealismo pervertido pela vaidade



HBO



LIVRO

SISTEMA NERVOSO, de Lina Meruane (tradução de Sérgio Molina; **Todavia**; 240 páginas; 59,90 reais e 42 reais na versão digital)

Com personagens sem nome, o livro da autora chilena descreve as divagações de Ela, uma acadêmica que luta para finalizar o doutorado em astronomia. A protagonista sonha com uma doença que lhe permitiria ficar em casa, de forma remunerada, para concluir a tese. O desejo se realiza, para sua infelicidade: Ela perde o movimento de um dos braços. Médicos sugerem desde um nervo comprimido até um tumor. A crise desencadeia uma proximidade com o Pai e a “Mãe que não era dela” (como chama a madrastra) e escancara dramas do relacionamento com Ele, o companheiro. A narrativa poética e fragmentada, escrita em parágrafos soltos, transita pela cronologia dos personagens ao bel-prazer da escritora, que traz ainda elementos biográficos. Ao falar de acontecimentos no “país do passado”, ela se refere ao Chile, e o “país do presente” são os Estados Unidos, onde a autora se estabeleceu. Como um jogo de ligar os pontos, o livro envolve, questiona e leva a reflexões. ■



OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

- 1 A REALIDADE DE MADHU**
Melissa Tobias [3 | 4] NOVO SÉCULO
- 2 A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
George Orwell [1 | 92#] COMPANHIA DAS LETRAS
- 3 1984**
George Orwell [2 | 52#] COMPANHIA DAS LETRAS
- 4 O HOBBIT**
J.R.R. Tolkien [0 | 8#] MARTINS FONTES
- 5 CAIXA DE PÁSSAROS**
Josh Malerman [0 | 21#] INTRÍNSECA
- 6 BOX – TRILOGIA O SENHOR DOS ANÉIS**
J.R.R. Tolkien [9 | 9#] HARPERCOLLINS BRASIL
- 7 ADMIRÁVEL MUNDO NOVO**
Aldous Huxley [5 | 15#] GLOBO
- 8 O HOMEM DE GIZ**
C.J. Tudor [8 | 66#] INTRÍNSECA
- 9 DUNA**
Frank Herbert [4 | 3#] ALEPH
- 10 TEXTOS CRUÉIS DEMAIS PARA SEREM LIDOS RAPIDAMENTE**
TCD [0 | 85#] GLOBO



NÃO FICÇÃO

- 1 SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [1 | 172#] L&PM
- 2 A ERA DO COMETA**
Daniel Schönplig [0 | 1] TODAVIA
- 3 21 LIÇÕES PARA O SÉCULO 21**
Yuval Noah Harari [2 | 79#] COMPANHIA DAS LETRAS
- 4 IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO**
Allton Krenak [9 | 6#] COMPANHIA DAS LETRAS
- 5 PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
Djamila Ribeiro [7 | 15#] COMPANHIA DAS LETRAS
- 6 ESCRAVIDÃO – VOL. 1**
Laurentino Gomes [0 | 33#] GLOBO LIVROS
- 7 O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
Anne Frank [4 | 215#] VÁRIAS EDITORAS
- 8 VOCÊ NÃO MERECE SER FELIZ**
Craque Daniel [6 | 2] INTRÍNSECA
- 9 O ORÁCULO DA NOITE**
Sidarta Ribeiro [0 | 5#] COMPANHIA DAS LETRAS
- 10 UMA BREVE HISTÓRIA DO TEMPO**
Stephen Hawking [0 | 48#] INTRÍNSECA



EFEITO CORONAVÍRUS

Em decorrência da Covid-19, Os Mais Vendidos de VEJA desta semana não contém praticamente nenhum dado das cerca de 300 livrarias em espaço físico que integram o levantamento. Como os estabelecimentos em todo o país estão fechados, as listas refletem só as vendas on-line.

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

- 1 OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [0 | 271#] SEXTANTE
- 2 DO MIL AO MILHÃO**
Thiago Nigro [7 | 67#] HARPERCOLLINS BRASIL
- 3 MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [1 | 55#] CITADEL
- 4 MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [5 | 7#] ROCCO
- 5 PAI RICO, PAI POBRE – PARA JOVENS**
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [10 | 8#] ALTA BOOKS
- 6 MINDSET**
Carol S. Dweck [6 | 51#] OBJETIVA
- 7 OUSE SER DIFERENTE**
Pedro Superti [0 | 1] BUZZ
- 8 O INVESTIDOR INTELIGENTE**
Benjamin Graham [4 | 4] HARPERCOLLINS BRASIL
- 9 O PODER DO HÁBITO**
Charles Duhigg [3 | 181#] OBJETIVA
- 10 COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [0 | 50#] CIA. ED. NACIONAL/SEXTANTE



INFANTOJUVENIL

- 1 COLEÇÃO HARRY POTTER**
J.K. Rowling [1 | 23#] ROCCO
- 2 HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [6 | 257#] ROCCO
- 3 ANNE DE GREEN GABLES**
Lucy Maud Montgomery [3 | 13] AUTÊNTICA
- 4 HARRY POTTER E A CÂMARA SECRETA**
J.K. Rowling [0 | 157#] ROCCO
- 5 HARRY POTTER E O PRISONEIRO DE AZKABAN**
J.K. Rowling [0 | 120#] ROCCO
- 6 A SELEÇÃO**
Kiera Cass [4 | 43#] SEGUINTE
- 7 A CINCO PASSOS DE VOCÊ**
Rachael Lippincott [0 | 48#] GLOBO
- 8 HARRY POTTER E O CÁLICE DE FOGO**
J.K. Rowling [0 | 100#] ROCCO
- 9 A ELITE**
Kiera Cass [5 | 2] SEGUINTE
- 10 UM ANJO DE MOCHILA AZUL**
Diogo Almeida [2 | 3] NOVO SÉCULO



Pesquisa: BookInfo. Fontes: **Aracaju:** Escariz; **Campinas:** Copola, Loyola; **Lins:** Koinonia Livros; **Porto Alegre:** Santos; **Rio de Janeiro:** Blooks; **Rio Grande:** Vanguarda; **Santos:** Loyola; **São Paulo:** Inovação Distribuidora, Loyola, WMF Martins Fontes; **Internet:** Amazon, Americanas, A Página, Cameron, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Saraiva, Submarino, Vanguarda



HORA MARCADA

RODRIGO MAIA tem usado a palavra-chave do manual do bem-fazer política de Tancredo Neves: paciência. Personagem de um dos diversos episódios dramáticos da história de presidentes brasileiros, Tancredo era “capaz de tirar as meias sem tirar os sapatos”, na definição do também mineiro e adversário José Bonifácio de Andrada e Silva (um dos descendentes do patriarca).

O presidente da Câmara recorre ao ensinamento ao falar sobre a possibilidade de dar prosseguimento a um processo de impedimento de Jair Bolsonaro, que já se acumulam às três dezenas no setor de protocolos da Casa. Rodrigo de imediato calou-se e só se manifestou três dias depois da saída-bomba de Sergio Moro do Ministério da Justiça, numa sexta-feira frenética em que o tema do impeachment dominou a República, quando invocou a lição da paciência como virtude política.

Falou também em “equilíbrio”, duas características que Bolsonaro não tem e que serão imprescindíveis para atravessar os próximos meses. De um lado o combate à crise sanitária, de outro o transcorrer das investigações que podem resultar no enquadramento do presidente em crime de responsabilidade e os filhos dele em uma ou mais ações penais.

A palavra da ordem, portanto, está com o Supremo Tribunal Federal, com a Procuradoria-Geral da República e com a Polícia Federal. Não sendo ainda a hora de o Congresso entrar em cena, Rodrigo Maia deve ter feito a conta simples de que o ideal seria um recuo tático.

Pelos seguintes motivos: para não perder a razão como juiz da entrada do impedimento na pauta da Câmara;

para recuperar terreno junto aos deputados do Centrão que passaram a fazer interlocução direta com o Planalto; para não dar mais munição às brigadas bolsonaristas; para não ver reduzida sua capacidade de influência na eleição do sucessor.

Isso não significa que o jogo político tenha sido suspenso. Apenas não se dá em campo totalmente aberto ao público. Os preparativos prosseguem de parte a parte. O lance mais visível é feito pelo governo, na tentativa de cooptar, com distribuição de cargos, fidelidades suficientes para impedir que um possível pedido de abertura de processo de impeachment obtenha os votos de dois terços dos deputados.

“Quando os fatos ganham pernas as pessoas correm o risco de perder a cabeça”

Outros governos em situação tão ou mais periclitante do que a que se encontra o atual já tentaram o mesmo. Só foram bem-sucedidos aqueles com base parlamentar sólida. Os que tentaram arranjos de última depois de terem escolhido governar em atritos permanentes com o Congresso, acreditando que a má imagem dos políticos lhes garantiria sustentação e desequilibraria a balança em favor deles, se deram mal.

Presidentes adeptos dessa lógica gostam de propagandear a quantidade de votos que tiveram na elei-

ção. Mas aí há dois complicadores. O primeiro, aqui recorrendo de novo a Tancredo Neves, é que “votos não se tem, se teve”. E o segundo é que votação por votação, a do Legislativo é sempre maior em termos absolutos. Quando quer dizer que tem legitimidade superior à do Parlamento, Bolsonaro refere-se aos seus “57 milhões” de eleitores. Foram exatos 57 milhões, 797 mil e 847. Contra 98 milhões, 326 mil e 378 votos dados aos deputados eleitos em 2018. Isso é só uma ilustração.

Determinante para definir o destino do presidente será a comprovação, ou não, da ocorrência de crime de responsabilidade. O inquérito está nas mãos de Celso de Mello, que saiu do STF em novembro e não terá interesse em postergar a investigação, e nas provas que venha a apresentar Sergio Moro, cuja experiência judicial não indica que faria aquelas acusações desprovido de respaldo.

O Congresso está em compasso de espera para ver se os fatos ganharão pernas. Quando isso acontece as pessoas correm o risco de perder a cabeça. Fernando Collor, por exemplo, montou um “gabinete de governabilidade”, coordenado por Jorge Bornhausen, que se desfez diante das comprovações das denúncias de corrupção. Eduardo Cunha era o todo-poderoso presidente da Câmara e não escapou da cassação porque as evidências trataram de derrubar o poderio aparentemente inabalável.

Apoios de parlamentares ou até mesmo de partidos como vêm, vão. Os ventos sopram ao sabor das circunstâncias e conveniências, cujos rumos na atual conjuntura dependem das instâncias da legalidade, mas dependem também da capacidade (nula) do presidente de não aumentar o grau de toxicidade do ambiente. Políticos, como sabemos, até acompanham o enterro, mas não se deixam enterrar na companhia do falecido. ■



BRASIL DO BEM

Receba agora o novo livro de
Carlos Wizard
MEU MAIOR
EMPREENDIMENTO

Assim você estará
colaborando no tratamento
de milhares de
pessoas infectadas pelo
AVIR coronavírus. Acesse já o site:
WWW.EUFACOPARTEDASOULUCAO.COM.BR



MÃES
2020:
TE AMO
LONGE
OU
PERTO

AVIR

VIVARA
vivara.com.br

Coleção Icona
Ouro amarelo
Brinco 10x R\$ 499
ou à vista R\$ 4.990.
Anéis a partir de 10x R\$ 275
ou à vista R\$ 2.750, cada.
Pulseira 10x R\$ 1.659
ou à vista R\$ 16.590.

Compre online em vivara.com.br

Reprodução proibida. Condições e valor da parcela mínima. Os produtos exibidos estão sujeitos a disponibilidade de estoque e alteração de preço sem prévio aviso. VENDA: www.vivara.com.br ou 0800 77 44 999.